

DOM
MARIS

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
1987

X

Para os que me acompanharam:

Uma palavra de agradecimento dirige-se ao Professor Doutor Jorge Gaspar pela abertura de horizontes e de contactos que me proporcionou ao organizar o Mestrado.

No Doutor Arquitecto Nuno Portas eu encontrei um bom professor do espaço, um "primo" dedicado, um bom amigo, um paciente assíduo na orientação e supervisão deste trabalho. No Alvaro eu me habituei ao companheirismo e à amizade tão pouco usual nos Institutos Universitários, na Faculdade no mesmo grupo de trabalho, leccionamos a "Regional" a meias, encontramos o "Vale do Ave" juntos e fazemos planos para o futuro.

Agradeço também o apoio técnico de alguns dos meus amigos, a disponibilidade dos empresários e habitantes de S. Jorge de Selho e Mesão Frio, a colaboração da Câmara Municipal de Guimarães (especialmente ao G.P.G.U.) e ainda o apoio informático do INESC e da Assessoria de Planeamento da Universidade do Porto

À família e aos amigos as minhas desculpas pelas minhas mudanças repentinas de humor, a minha indisponibilidade para as "farras", enfim pelo meu "desatino" frequente.

Finalmente, uma palavra especial para ti mãe, que não te acompanhei como queria neste momento tão difícil para ti.

Índice

- 1 — Guimarães: Características Gerais do Território.
- 2 — Indústria Têxtil/Vestuário: da Tradição Têxtil à Dinâmica da Confecção.
- 3 — Organização da Produção Industrial, Tecido Produtivo e Gestão da Força de Trabalho.
- 4 — Os Agentes Produtivos: Investidores e Gestores.
- 5 — Os Agentes Produtivos: Trabalhadores e Área de Emprego.
- 6 — Conclusão.

Numa área de grande complexidade em que as formações sócio-territoriais locais podem apresentar fortes contrastes e aonde as generalizações têm de ser comedidas, iremos privilegiar no nosso estudo o concelho de Guimarães, um dos que integram o que se denominou, por comodidade, "Médio-Ave" ¹.

¹ Sobre esta área ver designadamente: Domingues, 1986; Cardoso, 1985; Domingues e Marques, 1987; Magalhães, 1984; Oliveira, 1986; Portas, 1986; Portas e Sá, 1986; Sá, 1986.

1 - Guimarães: características gerais do território

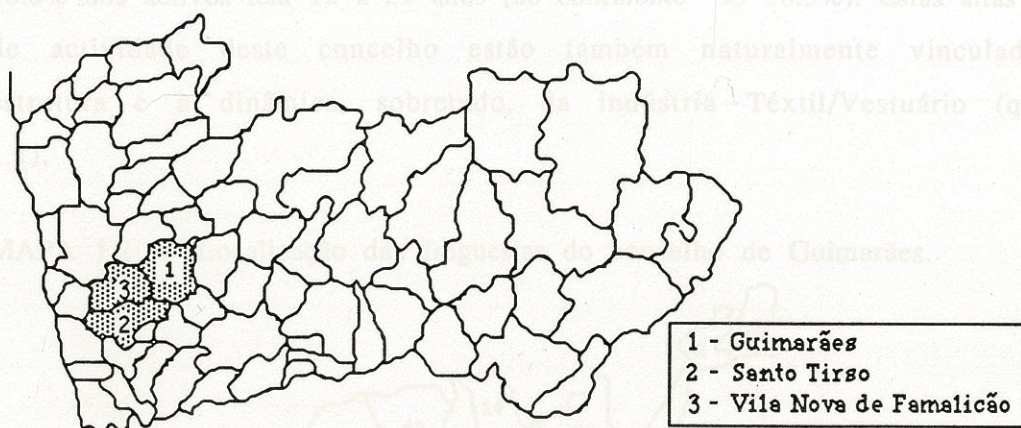
O modelo territorial difuso e a capacidade de fixação do emprego regional no "Médio Ave"¹ estão naturalmente ligados e articulam-se com uma estrutura sócio-produtiva favorável. A residência e as actividades — agricultura, indústria, comércio e serviços — misturam-se no espaço e conjugam-se qualitativa e quantitativamente de uma forma diversificada, originando uma configuração espacial específica.

Este estudo pretende ser, por um lado, um contributo para uma análise mais integrada do "complexo territorial" do "Médio Ave", (mapa 1.1) de que Guimarães é um dos concelhos mais característicos, e por outro, canaliza esforços para uma análise sectorial da indústria Têxtil/Vestuário, sector preponderante, pela quantidade de activos que envolve, pela dinâmica que atravessa e pela importância que tem na estruturação e na (re)produção (desde há pelo menos um século) do modelo territorial disperso do povoamento e das actividades. Nesta perspectiva, o objectivo central deste ensaio é analisar o sistema produtivo local Têxtil/Vestuário, isto é, a organização da produção e a gestão da força de trabalho, as formas empresariais, o sistema de emprego local, tendo presente os processos de evolução e a sua especificidade local/regional, sem que esta óptica regional subestime a inserção deste sector exportador na divisão internacional da produção.

Numa área de grande complexidade em que as formações sócio-territoriais locais podem apresentar fortes contrastes e aonde as generalizações têm de ser comedidas, iremos privilegiar no nosso estudo o concelho de Guimarães, um dos que integram o que se denominou, por comodidade, "Médio-Ave" ¹.

¹ Sobre esta área ver designadamente: Domingues, 1986; Cardoso, 1985; Domingues e Marques, 1987; Magalhães, 1984; Oliveira, 1986; Portas, 1986; Portas e Sá, 1986; Sá, 1986.

MAPA 1.1 — Localização dos concelhos do "Médio Ave"¹ no norte do país.



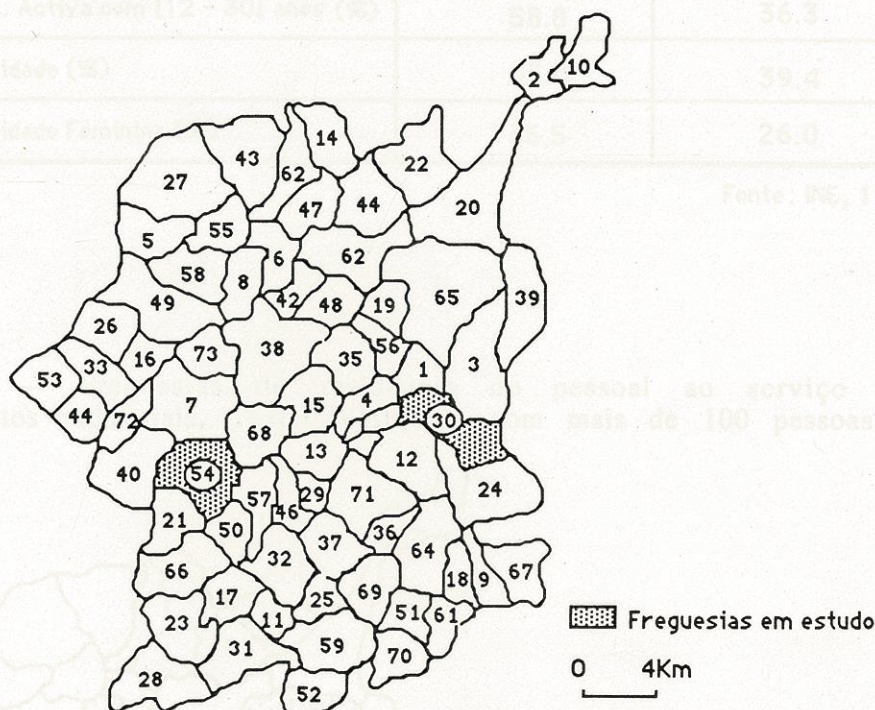
Guimarães é um concelho de povoamento disperso em que a agricultura, a indústria, o comércio a retalho, os serviços,... se misturam para originar um padrão difuso de localização, apoiado na rede viária. Daí a dominância da urbanização dispersa linear, de formação espontânea e gradual, ao longo de uma rede viária muito apertada, desde as estradas nacionais e municipais até aos caminhos rurais, que suportam as relações entre os diferentes agentes económicos — designadamente os laços de complementariedade entre as unidades industriais Têxteis/Vestuário — e os movimentos pendulares cruzados.

Coexistem na mesma teia viária veículos pesados, carrinhas, automóveis — que sustentam as ligações industriais locais e as relações entre este centro produtor e os mercados nacionais e internacionais —, camionetas, motorizadas, bicicletas, pessoas a pé — que representam os movimentos residência-trabalho —, e ainda carros de bois e tractores — que servem de apoio à agricultura — (Sá, 1986:33).

Demograficamente é uma área que ainda regista um crescimento populacional acentuado, para o qual contribuem as altas taxas brutas de natalidade (25.9% na década de setenta), originando uma estrutura etária equilibrada, apesar da emigração, e muito jovem: 62% da população tem menos de trinta anos, enquanto o Continente para as mesmas idades regista 49%. A taxa de actividade das populações do concelho ultrapassa em 4% a do Continente, o que é explicado pela importância da mulher e dos jovens na

população activa: 36.5% das mulheres são activas (no continente só 26%) e 58.8% dos activos têm 12 a 29 anos (no continente só 36.3%). Estas altas taxas de actividade deste concelho estão também naturalmente vinculadas à estrutura e à dinâmica, sobretudo, da indústria Têxtil/Vestuário (quadro 1.1).

MAPA 1.2 — Localização das freguesias do concelho de Guimarães.



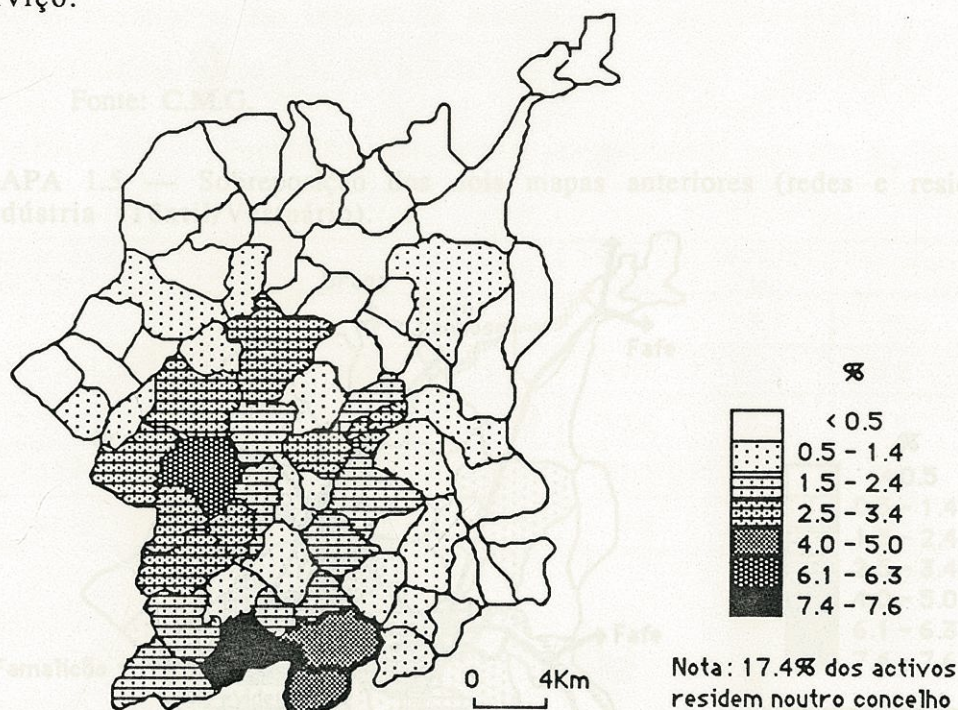
1- Aldão	21- Gondar	41- Salvador	61- S.Paio Vizela
2- Arosa	22- Gondomar	42- Santa Eufémia	62- S. Salvador
3- Atães	23- Guardizela	43- Santa Leocádia	63- S. Sebastião
4- Azurém	24- Infantas	44- Santa Maria Airão	64- São Tomé
5- Balazar	25- Infias	45- Santa Maria Souto	65- São Torcato
6- Barco	26- Leitões	46- Santiago	66- Serzedelo
7- Brito	27- Longos	47- Santo Estevão	67- Serzedo
8- Caldelas	28- Lordelo	48- Santo Tirso	68- Silvaes
9- Calvos	29- Mascotelos	49- São Clemente	69- Tabuadelo
10- Castelões	30- Mesão Frio	50- São Cristovão	70- Tagilde
11- Conde	31- Moreira de Cónegos	51- São Faustino	71- Urgezes
12- Costa	32- Nespereira	52- São João	72- Vermil
13- Creixomil	33- Oleiros	53- São João Baptista	73- Vila Nova
14- Donim	34- Oliveira do Castelo	54- São Jorge de Selho	
15- Fermetões	35- Pencilo	55- São Lourenço (Sande)	
16- Figueiredo	36- Pinheiro	56- São Lourenço (Selho)	
17- Gandarela	37- Polvoreira	57- São Martinho (Candoso)	
18- Gémeos	38- Ponte	58- São Martinho (Sande)	
19- Gominhães	39- Rendufe	59- São Miguel	
20- Gonça	40- Ronfe	60- São Paio (Guimarães)	

MAPA 1.4 — Localização da rede hidrográfica, das redes viárias e dos
 QUADRO 1.1 — Comparação de alguns indicadores demográficos (1981) — o
 concelho de Guimarães e o Continente.

Indicadores Demográficos	Guimarães	Continente
Taxas Brutas de Natalidade (‰)	25.9	18.6
População Residente com < 30 anos (%)	61.8	48.7
População Res. Activa com [12 - 30[anos (%)	58.8	36.3
Taxa de Actividade (%)	43.4	39.4
Taxa de Actividade Feminina (%)	36.5	26.0

Fonte: INE, 1981

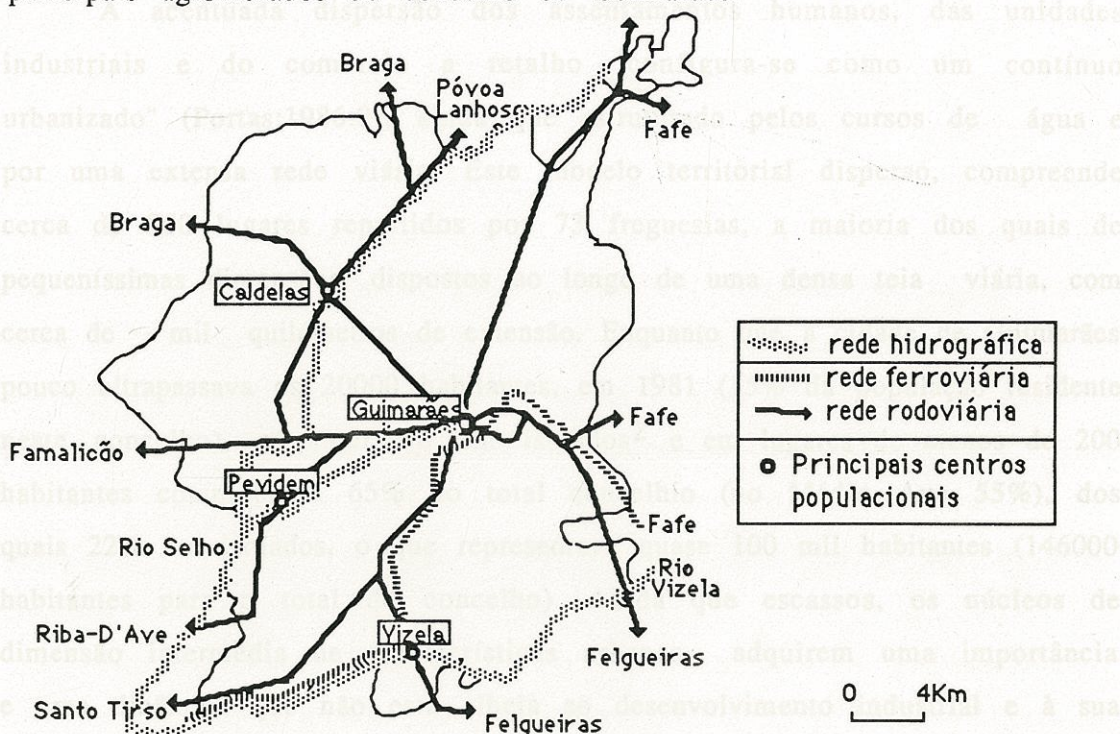
MAPA 1.3 — Freguesias de residência do pessoal ao serviço nos
 estabelecimentos industriais, Têxteis/Vestuário, com mais de 100 pessoas ao
 serviço.



Fonte: inquérito realizado às grandes empresas (mais de 100 pessoas ao serviço), 1986.

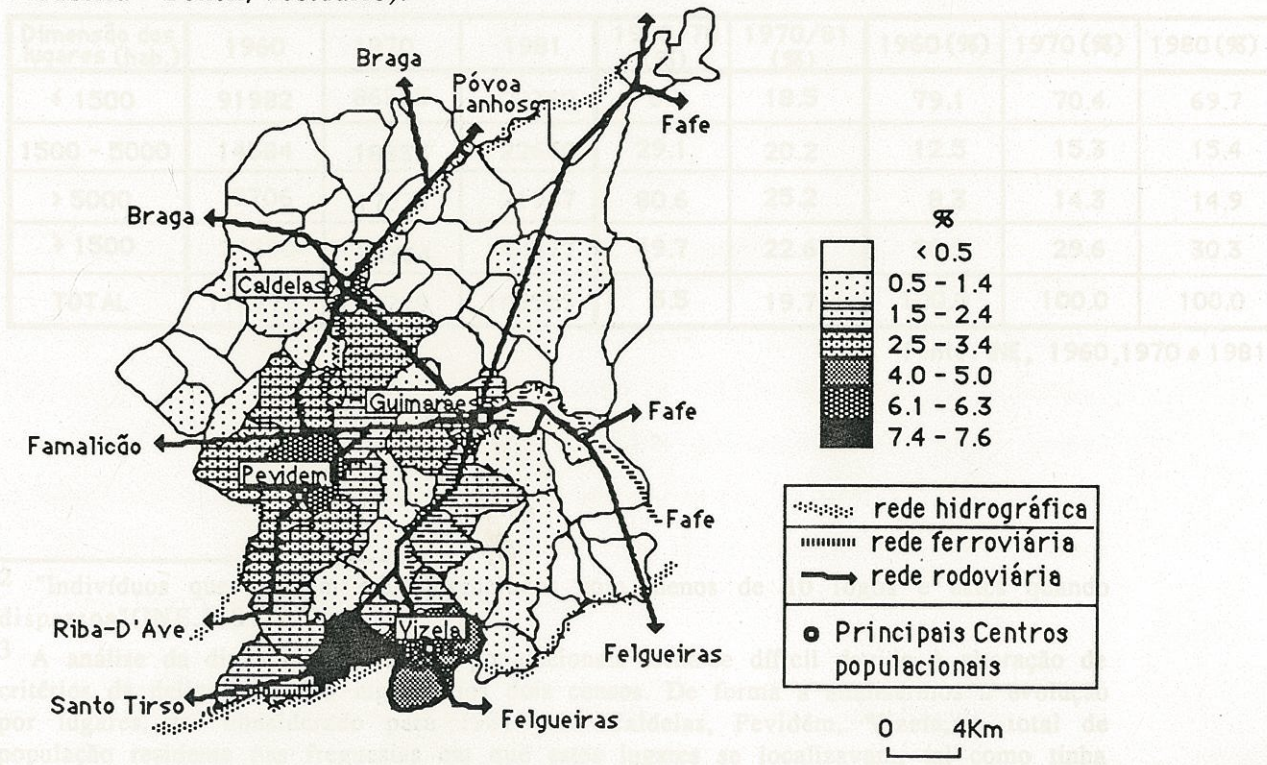
Nota: o inquérito compreende cerca de 95% do emprego nas empresas com mais de 100 pessoas ao serviço e cerca de 70% do emprego na ind. Têxtil/Vestuário.

MAPA 1.4 — Localização da rede hidrográfica, das redes viárias e dos principais aglomerados do concelho de Guimarães.



Fonte: C.M.G.

MAPA 1.5 — Sobreposição dos dois mapas anteriores (redes e residência na Indústria Têxtil/Vestuário).



A acentuada dispersão dos assentamentos humanos, das unidades industriais e do comércio a retalho "configura-se como um contínuo urbanizado" (Portas:1986:9), ainda que estruturado pelos cursos de água e por uma extensa rede viária. Este modelo territorial disperso, compreende cerca de 850 lugares repartidos por 73 freguesias, a maioria dos quais de pequeníssimas dimensões, dispostos ao longo de uma densa teia viária, com cerca de mil quilómetros de extensão. Enquanto que a cidade de Guimarães pouco ultrapassava os 20000 habitantes, em 1981 (15% da população residente neste concelho), a população em isolados² e em lugares de menos de 200 habitantes compreendia 65% do total concelhio (no Médio Ave 55%), dos quais 22% em isolados, o que representava quase 100 mil habitantes (146000 habitantes para o total do concelho). Ainda que escassos, os núcleos de dimensão intermédia de características urbanas adquirem uma importância e uma dinâmica que não está alheia ao desenvolvimento industrial e à sua posição estratégica, em termos de acessibilidade, na rede viária — Pevidém, Vizela, Caldelas (mapa 1.3, 1.4 e 1.5).

QUADRO 1.2 — População residente e sua evolução, segundo a dimensão dos lugares, em 1960, 1970 e 1981, no concelho de Guimarães³.

Dimensão dos lugares (hab.)	1960	1970	1981	1960/70 (%)	1970/81 (%)	1960(%)	1970(%)	1980(%)
≤ 1500	91982	86355	102382	- 6.1	18.5	79.1	70.4	69.7
1500 - 5000	14584	18833	22630	29.1	20.2	12.5	15.3	15.4
> 5000	9706	17531	21947	80.6	25.2	8.3	14.3	14.9
≥ 1500	24290	36364	44577	49.7	22.6	20.9	29.6	30.3
TOTAL	116272	122719	146959	5.5	19.7	100.0	100.0	100.0

Fonte: INE, 1960, 1970 e 1981.

² "Indivíduos que residem em aglomerados com menos de 10 fogos e estes quando dispersos"(INE,1981).

³ A análise da dinâmica em termos populacionais torna-se difícil devido à alteração de critérios de delimitação dos lugares nos dois censos. De forma a analisarmos a evolução por lugares, foi considerado para 1981 para Caldelas, Pevidém, Vizela, o total de população residente nas freguesias em que estes lugares se localizavam, tal como tinha sido considerado no Recenseamento de 1970.

Recuemos até aos anos sessenta⁴. Em 1960 cerca de 79% da população deste concelho residia em lugares com menos de 1500 habitantes traduzindo o modelo disperso (quadro 1.2). Nos anos sessenta, registou-se um fraco crescimento populacional, motivado pelos fortes movimentos emigratórios, e conhece-se uma concentração absoluta e relativa do povoamento, traduzida pelo aumento de 80% da população residente na cidade de Guimarães e pelo aumento de 29% da população residente nos lugares entre 1500 a 5000 habitantes. Este fenómeno não está alheio à forte emigração sentida, sobretudo masculina, e ao desenvolvimento industrial, de grandes concentrações produtivas, com recurso sobretudo a uma mão de obra feminina que não emigròu. Apesar disso, em 1970 a importância da população residente em lugares de pequena dimensão e em isolados continua a ter muito peso.

Nos anos setenta sentiu-se um acréscimo demográfico espectacular, tendo-se mantido o modelo de povoamento disperso: 48.7%⁵ do aumento da população do concelho na década de setenta foi em isolados e em lugares com menos de 200 habitantes, enquanto que o aumento da cidade foi de 25% (quadro 1.2). Este comportamento está associado, como iremos ver, a uma forte dinâmica industrial, sobretudo na confecção, envolvendo unidades industriais de pequena dimensão dispersas no território.

A esta dispersão do povoamento corresponde a dispersão dos locais de trabalho ou vice-versa; esta interação faz com que o efeito se torne (uma) causa.

A indústria Têxtil/Vestuário emprega cerca de 49% da população residente activa civil a exercer uma profissão e apresenta uma estrutura territorial dispersa, ainda que privilegiando o sector sudoeste do concelho, com raízes históricas que remontam a meados do século XIX, como iremos referir. No entanto, podemos detectar neste padrão territorial disperso uma ligeira polarização industrial em torno de alguns núcleos — Guimarães (cidade), Pevidém, Vizela (Mapa 1.6 e 1.7).

⁴ Este modelo disperso tem raízes históricas que remontam à Idade Média. No próximo capítulo iremos focar o modelo de dispersão do povoamento nos finais do século passado.

⁵ O facto do recenseamento de 1970 considerar isolados os aglomerados com menos de 5 fogos, faz com que este aumento se deva também a modificações dos critérios.

É ainda de notar nesta dispersão a localização preferencial ao longo dos cursos de água e da rede ferroviária, associada à indústria mecânica do linho e do algodão de finais do século passado e inícios deste, e ao longo de uma extensa rede viária, fenómeno acentuado na década de sessenta e inícios de setenta com a verticalização do processo produtivo na indústria têxtil (mapas 1.4, 1.6 e 1.7).

Se a dispersão industrial tem as suas raízes no início do século estava ainda vinculada nitidamente à produção artesanal ao domicílio, hoje a dinâmica da confecção, arrastando a extensão da pequena e média empresa e o trabalho ao domicílio, está a contribuir para a sua manutenção e extensão por todo o concelho; constitui-se um tecido heterogéneo e coeso, onde pontualizam as empresas de dimensão considerável em torno das quais gravitam as pequenas empresas (mapas 1.6 e 1.7). Assistimos a um processo incontável de propagação de edifícios mistos, indústria/residência (caves, anexos, garagens), nos vales e montes, nos campos e nos pequenos núcleos, ao longo das estradas, caminhos ou ruas, o que reforça naturalmente o modelo disperso de localização industrial.

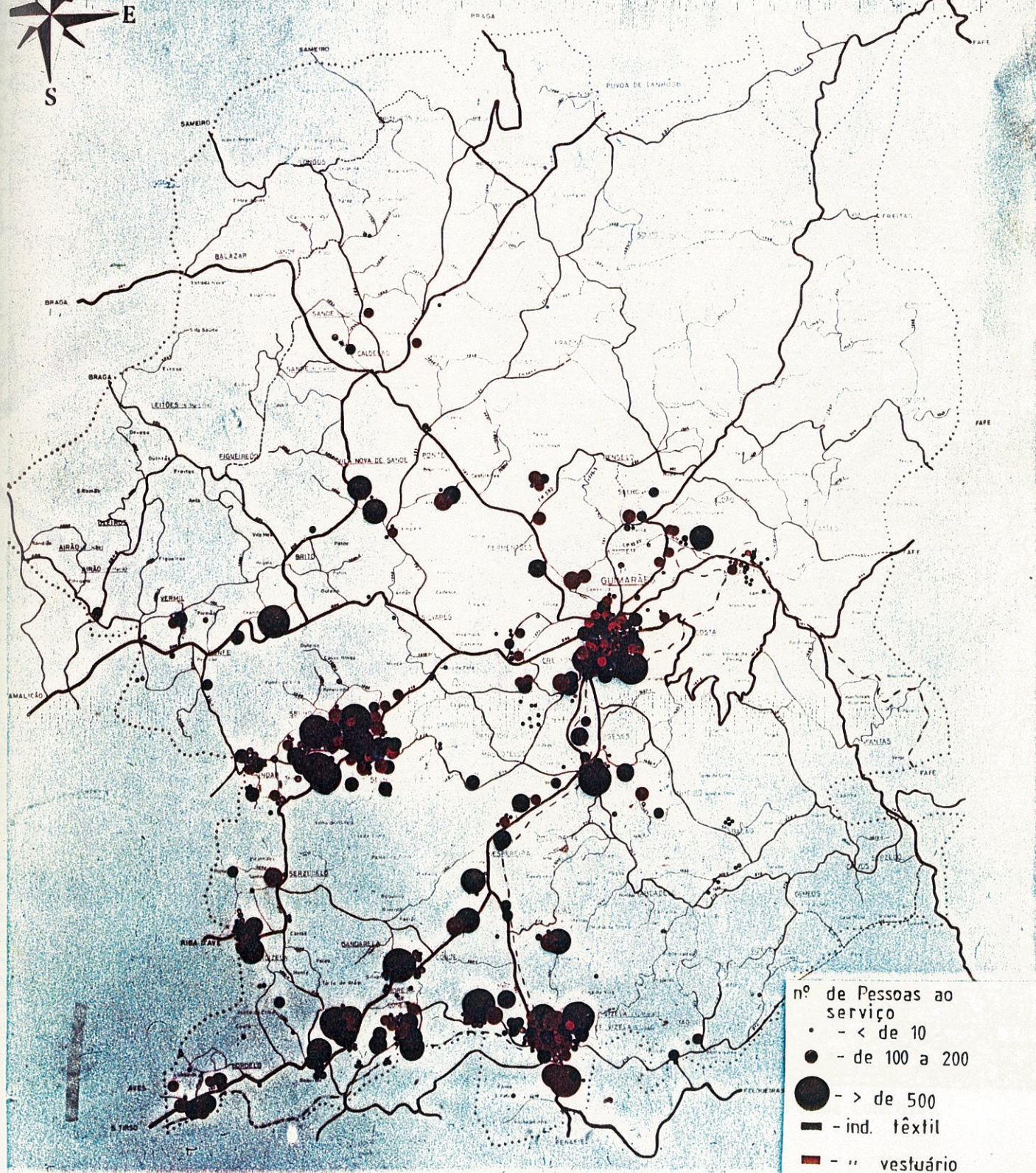
A dispersão das actividades de confecção não se verifica só relativamente às pequenas empresas; também as grandes empresas, sobretudo as localizadas na cidade de Guimarães, optam por montar os seus estabelecimentos em freguesias não centrais, mas com grande oferta de força de trabalho, de forma a diminuir as distâncias entre a casa e o trabalho e permitir à mulher activa da indústria a manutenção das actividades complementares, agrícolas e trabalho doméstico. Assim, a empresa desloca-se ao encontro de uma mão de obra mais flexível e de menor custo, como iremos ver mais adiante.

À concentração da população da década de sessenta vai-se ligar assim uma certa concentração do processo produtivo da indústria Têxtil/Vestuário e à dinâmica dos lugares de menores dimensões, portanto à dispersão do povoamento, liga-se a dinâmica/dispersa das actividades de confecção (no qual incluímos o trabalho ao domicílio) da década de setenta e da de oitenta.

Fonte: Inquérito realizado aos presidentes de Juntas de Freguesia, dados do Ministério do Trabalho e do Ministério da Justiça (1961).

CONCELHO DE GUIMARÃES

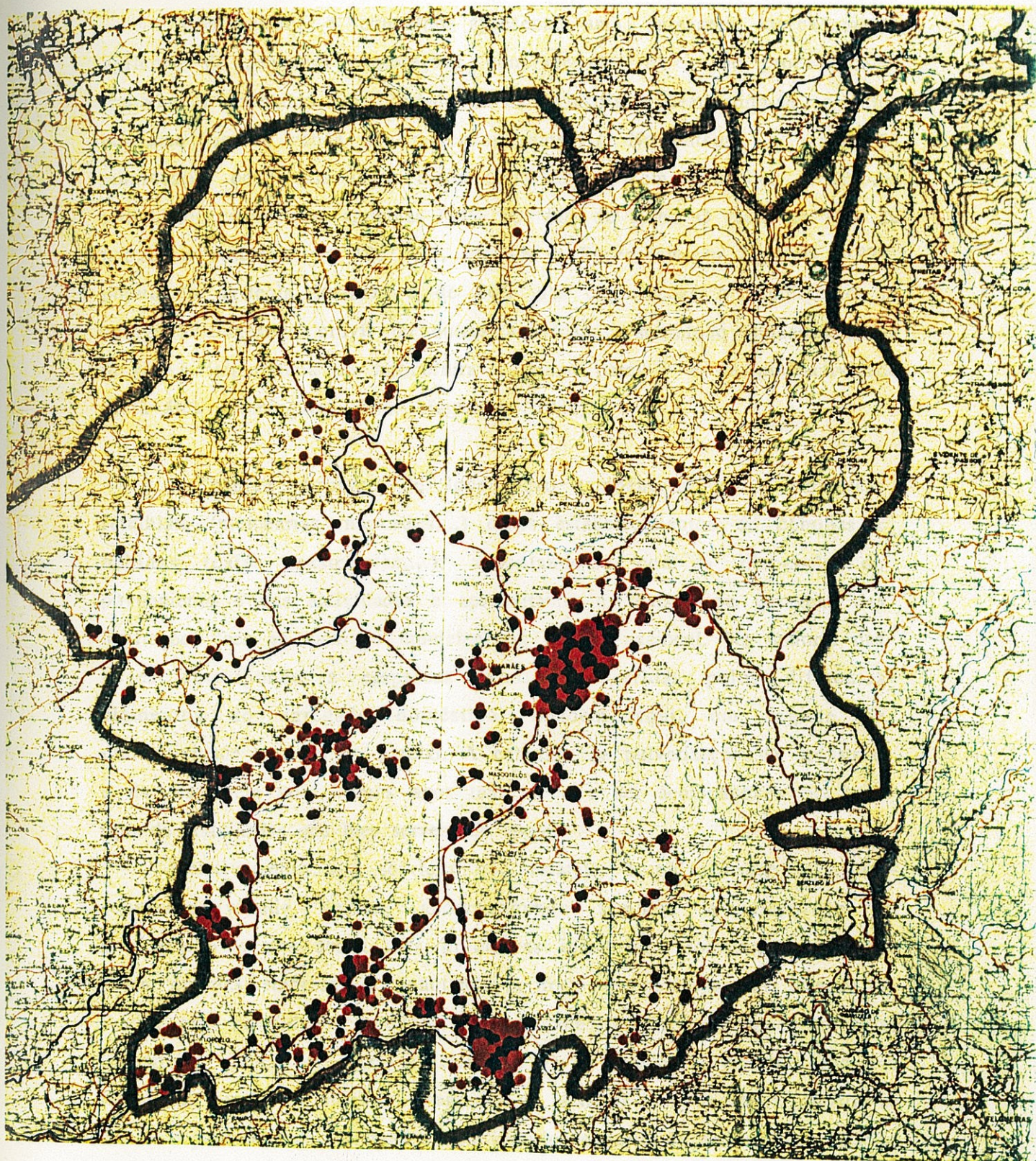
LOCALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA
TÊXTIL / CONFEÇÃO



0 1 Km

Fonte: inquérito realizado aos presidentes de Juntas de Freguesia, dados do Minist. do Trabalho e do Minist. da Justiça (1986).

MAPA 1.7 - Localização do Registo das Pessoas Colectivas do Ministério da Justiça - Indústria Têxtil / Vestuário.



0 1 Km

Fonte: Minist. Justiça, 1986

- - 1 "Pessoa Colectiva",
- - 5 " " "
- - Ind. Têxtil
- - Fab. Vestuário

Além disso, o concelho apresenta uma paisagem marcadamente agrícola, de pequenas explorações, com elevados níveis de produtividade, trabalhadas sobretudo por pluriactivos da indústria e destinando-se ao auto-consumo e/ou à venda nos mercados semanais. No entanto, a exploração empresarial ocupa um lugar ainda significativo, com 15% dos produtores individuais empresários agrícolas (14% no Vale do Ave). O facto de 18% da população residente em 1981 ser, segundo o Recenseamento Agrícola (1979) população agrícola familiar e de 86% das explorações o rendimento do agregado doméstico provir de outras actividades, sobretudo industriais, faz prever a importância da agricultura a tempo parcial⁶ e da pluriactividade nesta área (Domingues, 1986; Magalhães, 1984).

O padrão disperso de localização também atinge o comércio retalhista (mercearias, mercados,...) e os estabelecimentos de comidas e bebidas (cafés, pastelarias,...), articulando-se com a dispersão do povoamento e das actividades e aproveitando os baixos ou garagens das habitações face ao caminho municipal ou estrada nacional. Na maioria das vezes corresponde a empresas familiares, geridas pelos diferentes elementos do agregado doméstico, também aqui, em regime de pluriactividade e a tempo parcial. A extensão da pulverização da industrial e da residência nos últimos anos tem vindo a ser acompanhada por este tipo de actividades que lhes servem de apoio.

Relativamente aos serviços não estatais, a pulverização e a sub-representatividade destes, acompanhando também a dispersão do povoamento e das actividades produtivas industriais, sobretudo disseminado pelas grandes empresas e denotando a forte dependência em relação ao Porto em actividades correlacionadas com as actividades produtivas industriais, parece ser outra característica deste modelo. O sistema produtivo industrial local, fortemente integrado no sistema Internacional, mostra-se muito dependente não criando o seu próprio terciário: o estilismo, a gestão, o transporte, a investigação e sobretudo a prospecção dos mercados está

⁶ Num inquérito realizado na Escola Secundária de S. Jorge de Selho aos alunos nocturnos (62 alunos), podemos verificar que 75% dos agregados domésticos dos alunos podiam dispôr de terreno agrícola e que o cultivavam e que os outros 25% correspondiam a agregados que não tinham à sua disposição qualquer terreno agrícola.

sobretudo localizada no Porto e/ou em empresas estrangeiras; também é ao Porto que cabe a organização de Feiras Internacionais, como a Portex.

Considerando que 91% da população reside e trabalha neste concelho e 88% dos que lá trabalham também lá vivem e que 49% da população se dirige para o trabalho a pé, 34% em carreiras públicas, 6% em veículos de duas rodas, podemos comprovar a dispersão das actividades e prever a importância que adquirem os movimentos pendulares, de curta distância, intra-concelhios. A necessidade de manter os baixos níveis de remuneração da força de trabalho na indústria Têxtil/Vestuário, como iremos ver, originando a necessidade de recorrer a uma mão de obra de baixos custos de reprodução, onde a agricultura complementar, o aproveitamento do parque habitacional existente, as curtas mobilidades casa/trabalho, pouco dispendiosas e realizadas sobretudo a pé, têm um papel crucial. De facto, o padrão territorial disperso de localização da habitação/unidade industrial/serviços/comércio a retalho permite deslocações de curto raio entre a casa e o trabalho e a manutenção do modelo produtivo.

Num inquérito realizado às unidades industriais Têxteis/Vestuário com mais de 100 pessoas ao serviço⁷ (1986), destinado a averiguar os movimentos casa-trabalho, podemos detectar que (mapas 1.8 e 1.9):

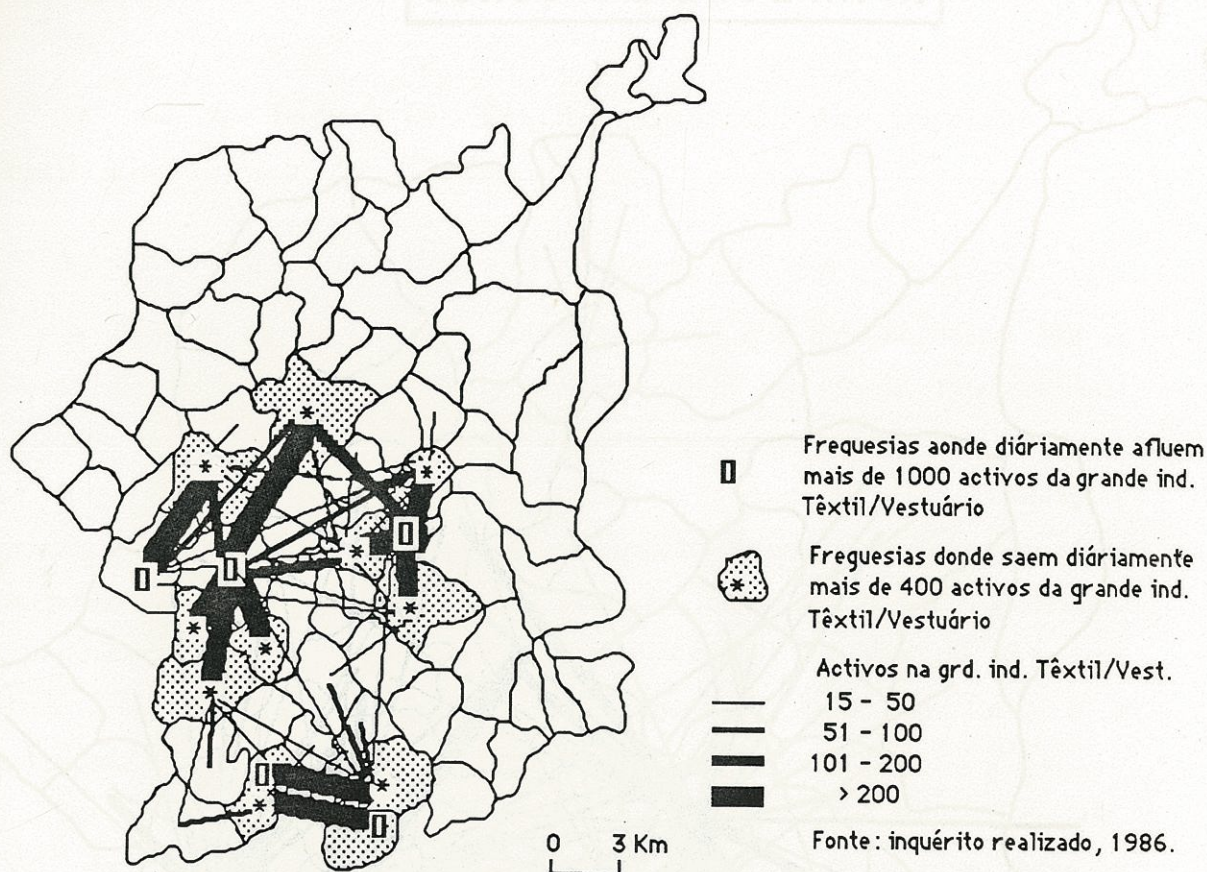
- 25.8% dos activos residiam e trabalhavam na mesma freguesia;
- as deslocações eram curtas e realizavam-se, sobretudo, entre os principais centros de localização da grande indústria (Cidade de Guimarães, Ronfe/Pevidém, Vizela/Moreira de Cónegos) e as freguesias suas limítrofes;
- os movimentos eram cruzados, já que certas freguesias eram, simultaneamente, grandes centros de afluência e de saída de mão de obra (por exemplo Vizela e Moreira de Cónegos — mapa 1.8);
- só 17.4% dos activos têm residência fora do concelho de Guimarães e dos quais 15% são provenientes de freguesias próximas pertencentes a concelhos limítrofes de Guimarães (sobretudo Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão), portanto ainda muito próximas do local de actividade.

⁷ Este inquérito compreende, segundo os nossos calculos, cerca de 95% do emprego nas empresas com mais de 100 pessoas ao serviço e cerca de 70% do emprego da Indústria têxtil/Vestuário.

Considerando que os movimentos pendulares das grandes indústrias são de curto raio, dada a amplitude de mão de obra que envolvem e por se localizarem de uma forma concentrada, podemos prever as, ainda mais, curtas mobilidades que as pequenas empresas devem implicar.

Tudo está em efervescência nesta área: nas horas de entrada e saída das pequenas confecções ou da grande empresa têxtil cruzam-se mulheres, a pé ou nos transportes públicos, ao longo de caminhos precários e/ou das estradas; é um movimento frenético sobretudo das mulheres, que ainda têm de fazer o almoço ou o jantar para a família e tratar de toda a "lida" da casa, e de raparigas ainda adolescentes, nas suas vestes, adquiridas na própria têxtil local, com projectos de futuro quase iguais às suas próprias mães. Nos finais de tarde e/ou nos fins de semana a pequena horta, ao lado da residência, é o ponto de encontro de alguns dos elementos da família. As vindimas, o cultivo da batata e do milho, o tratamento dos animais domésticos, são algumas das actividades agrícolas que irão servir de suporte aos rendimentos domésticos.

MAPA 1.8 - Os movimentos casa-trabalho na grande indústria Têxtil/Vestuário — freguesias de residência e de emprego.

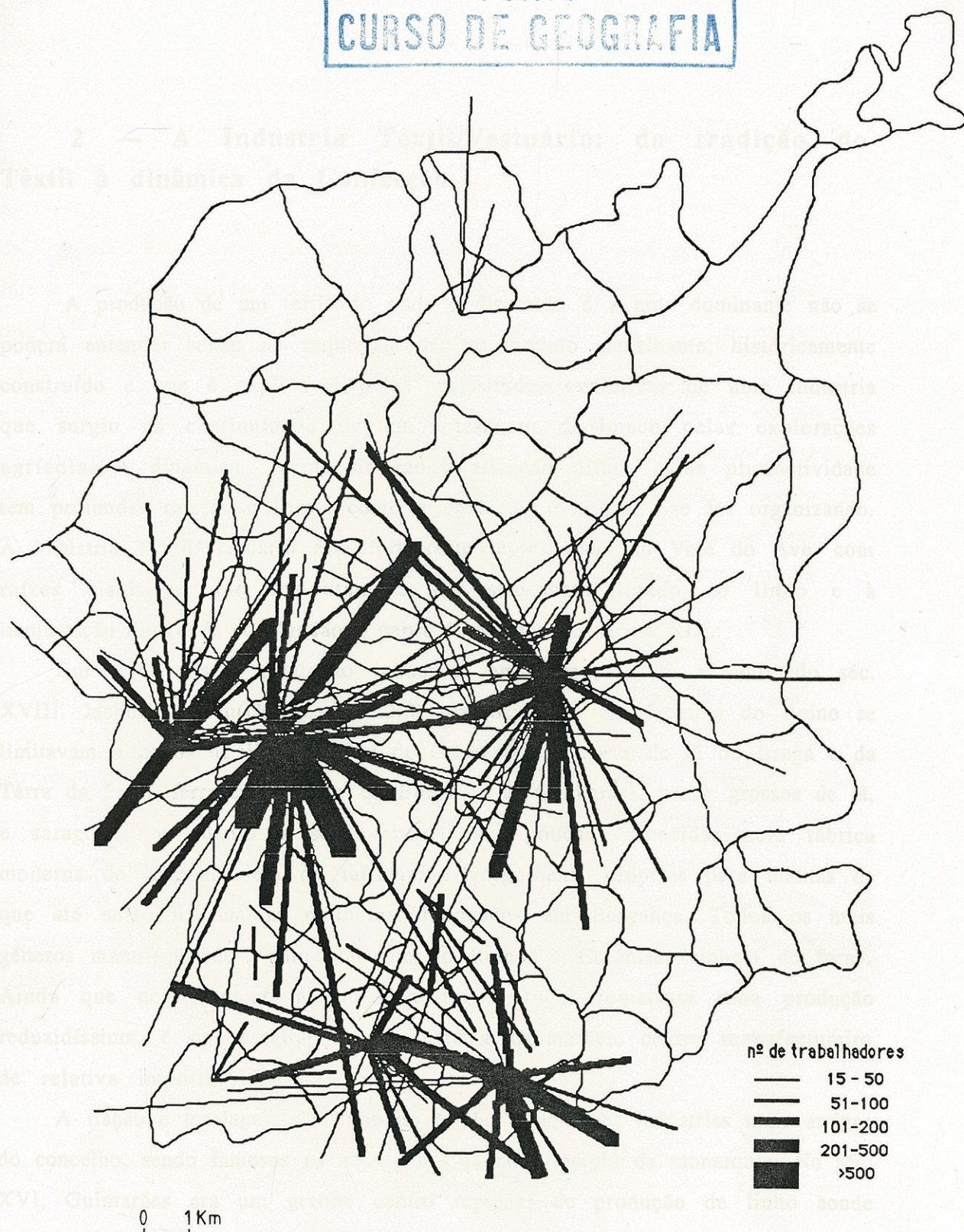


nº de trabalhadores
 — 15 - 50
 — 51 - 100
 — 101 - 200
 — 201 - 500
 — > 500

Fonte: inquérito realizado

Dados parcialmente tratados pelos alunos de Técnicas de Planeamento (1986/7).

FACULDADE DE LETRAS
PORTO
CURSO DE GEOGRAFIA



Fonte: inquérito realizado

Dados parcialmente tratados pelos alunos de Técnicas de Planeamento (1986/7).

2 — A Indústria Têxtil/Vestuário: da tradição do Têxtil à dinâmica da Confecção

A produção de um território onde a dispersão é a nota dominante não se poderá entender senão na sequência de um modelo semelhante, historicamente construído e que é explicável pelas vicissitudes evolutivas de uma indústria que surgiu na continuidade de um artesanato dissimado pelas explorações agrícolas. A dinâmica recente da industrialização difusa e da pluriactividade tem profundas raízes na forma como a produção industrial se foi organizando. A indústria Têxtil/Vestuário está fortemente representada no Vale do Ave, com raízes históricas que remontam a um artesanato ligado ao linho e à implantação do Têxtil do algodão a partir de meados do século XIX.

Em referência à produção industrial em Portugal, em meados do séc. XVIII, Jacome Ratton(Castro, 1980:214) diz-nos: «As manufacturas do Reino se limitavam a panos de linho, linhas de Guimarães, chapéus de lã de Braga e da Terra da Feira, ferragens grossas de Braga e, de Guimarães, panos grossos de lã, e saragoças; e quanto a sedas, havia mui poucas fornecidas pela fábrica moderna de Lisboa, além de taffetás, e gorgoroens, próprios para mantas de que até então usavam as mulheres, fabricados em Bragança. Todos os mais géneros manufacturados, para consumo do Reino, e Colónias, vinham de fora». Ainda que nesse tempo a indústria em Portugal registasse uma produção reduzidíssima, é de ressaltar a referência a Guimarães, centro manufactureiro de relativa importância.

A fiação e tecelagem do linho no Minho é uma das indústrias mais antigas do concelho, sendo famosos os seus panos já no princípio da monarquia. No séc. XVI, Guimarães era um grande centro regional de produção de linho aonde acorriam mercadores estrangeiros (sobretudo espanhóis) e saíam portugueses em direcção a Espanha, Flandres e Ilhas Britânicas. As boas condições de cultivo da matéria prima, a forte densidade de população, as razoáveis vias de circulação e a existência de um mercado regional no Norte e Centro do País não

permitiram a decadência desta indústria, sujeita à concorrência das importações de linho de melhor qualidade (Garcia, 1986:332)¹.

Mas, é sobretudo a partir de meados do séc. passado que o desenvolvimento industrial se sente mais intensamente em Guimarães. Em 1884 realizou-se a Exposição Industrial de Guimarães, que tinha como objectivo festejar a abertura do Caminho de Ferro e incrementar o desenvolvimento industrial desta área. É notória a esperança posta por certos vimarenenses na linha férrea, nas expectativas criadas pela abertura às indústrias locais do mercado nacional e estrangeiro: "Le manque de voies rapides et économiques de communications,...., est aujourd' hui réparé par la construction du chemin de fer du Bougado, dont nous annonçons dernièrement l' ouverture à l' exploitation et qui relie Guimarães à la grande ligne du Minho et conséquemment à tout le réseau national" (Sampaio,1884:254-255). Do relatório da Exposição e dos artigos de jornal da altura transparece a importância do acontecimento, como ponto de partida para "uma nova era", a do "progresso". Assim, Guimarães que tinha sido o «berço» da nacionalidade era encarado como o centro das atenções dos industriais, o centro do futuro: " Se o concelho de Guimarães foi o "berço" da monarquia, também o tem sido de muitas e variadas indústrias.... Todos conhecem a celebridade de Guimarães, na fabricação de tecidos de linho, em cortumes e cutelaria...." (Sampaio,1984:254-55). Mas são, sobretudo, como podemos verificar no Relatório da Exposição Industrial de Guimarães, o fabrico de tecidos de linho, algodão e dos cotins e riscados de algodão e linho as actividades que mais se evidenciam, pela população empregada (73% da população da indústria — Quadro 2.1), — e pelo valor da produção no total da actividade industrial.

Assim, ao desenvolvimento da indústria algodoeira, desde meados do século XIX, corresponde o declínio ou estagnação da do linho e tecidos de linho. Podemos constatar, no concelho de Guimarães, a persistência do padrão de localização quando da passagem do linho ao algodão. O concelho, por ser densamente povoado e possuir mão de obra especializada, próspera no linho e depois no algodão, vai oferecer óptimas condições a esta indústria intensiva em

¹-O linho importado, da melhor qualidade, destinava-se a determinadas classes sociais dos centros urbanos do litoral.

QUADRO 2.1- Importância da fiação e tecelagem do linho e do algodão no concelho de Guimarães em 1884, segundo Relatório da Exposição Industrial.

GUIMARÃES - 1884	Mão de obra			Produção	Capital
	H	M	HM		
Ind. Têxtil	1584	2444	4028	614864\$	116109\$
Ind. Transf.	2949	2535	5484	1465872\$	845242\$
Têxtil/Transf. (%)	53.7	96.4	73.4	41.9	13.7

FONTE: Sampaio, 1884:80-81

Entre 1884 e 1923, período que separa duas exposições industriais neste concelho, vai-se registar um desenvolvimento muito significativo da indústria têxtil algodoeira. Enquanto desaparecem as assadeiras e tecelagem do linho, a indústria de tecidos de algodão e linho, a tinturaria, a fiação e a tecelagem de malha de algodão progrediam. É ainda de assinalar o aparecimento de três unidades de produção de energia eléctrica² e do fabrico de utensílios de teares (lançadeiras, canelas, jacquards, ...) que irão naturalmente contribuir para o aumento da produtividade desta indústria. Assim, a cultura do linho diminuiu em extensão neste concelho ao mesmo tempo que os tecidos de algodão mais baratos e leves invadiam os mercados; isto levou a que o agricultor optasse pelo cultivo de cereais, mais lucrativo e menos trabalhoso (Martins, 1927: 175-177). No entanto, é de referir que, pelo menos até ao início do século XX, a cultura e preparação do linho, ainda que reduzida, não deixou de ser um auxílio financeiro para as famílias pobres, para o equilíbrio da economia doméstica do lavrador (Sampaio, 1884 ; Martins: 1927; Geraldès, 1913). A fiação e tecelagem do linho eram actividades comuns em todas as casas onde as mulheres, nos longos serões de Inverno, se ocupavam³.

Assim, ao desenvolvimento da indústria algodoeira, desde meados do século XIX, corresponde o declínio ou estagnação da de linho e tecidos de linho. Podemos constatar, no concelho de Guimarães, a persistência do padrão de localização quando da passagem do linho ao algodão. O concelho, por ser densamente povoado e possuir mão de obra especializada, primeiro no linho e depois no algodão, vai oferecer óptimas condições a esta indústria intensiva em

² Em Ronfe, Pevidem e Lindoso.

³ A fiação do linho segundo o Relatório da Exposição Industrial de Guimarães (1884) ocupava pelo menos 1559 mulheres das 2392 "operárias".

mão de obra. Os teares do linho foram reconvertidos para o algodão e o mesmo aconteceu à mão de obra, contribuindo para que a distribuição desta actividade se mantivesse muito dispersa, embora com predominância nas freguesias localizadas no sector sudoeste do concelho (mapa 2.1). A tradição do linho cria assim condições favoráveis à redução dos investimentos necessários à implantação de uma nova indústria, sobretudo no que se refere à formação de mão-de-obra e ao equipamento.

A indústria de Guimarães começou a ressentir-se, tal como a nacional, nos finais do século passado, com os efeitos da concorrência dos grandes centros produtores da Europa e América, dando mostras da necessidade da mecanização desta indústria e da criação de um serviço técnico completo de apoio à indústria têxtil, designadamente de uma escola de desenho e de química industrial. A criação da Escola Industrial da Covilhã vai criar ressentimentos nas populações de Guimarães, tão necessitadas de uma instrução técnica para apoiar o reapetrechamento desta indústria, designadamente a têxtil, manual. Esta preocupação está presente na organização da Exposição de 1884: "... o conhecimento do valor industrial dos povos do concelho de Guimarães, moderados no salário, sujeitos a trabalho até ao sacrifício; a decadência que se manifesta em parte das antigas indústrias vimaranenses — inspiram a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO a promover, já a concentração do espírito público de Guimarães para o estudo do estado precário da sua indústria, já o emprego de esforços para que o governo realizasse a fundação de estabelecimentos de instrução technica, decretados desde 1864."(Jornal do Commercio, de Lisboa, em Sampaio,1884:203). Está também implícita uma crítica à actuação do governo, ora pelo desprezo assumido em relação à indústria vimaranense e o apoio à indústria dos principais centros urbanos do país e da Covilhã, ora pela ausência de uma protecção em relação à concorrência externa.

Nessa altura, a produção era toda ainda manual e os teares mecânicos, movidos a água ou a vapor, que provocariam um aperfeiçoamento da qualidade dos tecidos e uma concorrência com os países europeus em condições mais favoráveis, não tinham ainda sido instalados⁴. Os fabricantes concelhios, usufruindo só da habilidade manual e da longa tradição, ao concorrerem com

⁴ Só em 1886 foram introduzidos alguns teares mecânicos na indústria do concelho .

países onde a produção era realizada mecânicamente, e portanto a preços mais baixos, irão reduzir os salários dos operários e aumentar-lhes as horas de trabalho, chegando a atingir 14 a 18 horas por dia (Martins, 1927: 84). Esta ocupação era realizada sobretudo por mulheres e iniciada em idades precoces — 14% do pessoal feminino tinha menos de 16 anos — representando uma forma de diminuir os custos de produção. Os salários da população feminina variavam entre os 20 a 30 centavos, contrastando com os 30 a 70 centavos auferidos pelos homens; mas é nos menores que são atingidas as somas mais baixas (menos de 20 centavos — quadro 2.3).

QUADRO 2.2 — Importância do pessoal ao serviço na indústria têxtil do algodão no concelho de Guimarães.

	HM		H		M	
Ind. Total	3108	100%	1913	62%	1195	38%
ind. algodão	1615	100%	673	42%	942	58%
Algodão/Total	52%		35%		79%	

FONTE: Inq. Industrial, 1890.

QUADRO 2.3 -Salários na indústria de fiação e tecelagem do linho e do algodão, no distrito de Braga.

	Distrito de Braga -1913	
Indústria Mecânica	Homens	30 a 70 centavos
	Mulheres	20 a 30 "
	menores	10 a 12 "
Indústria Manual		média = 18 centavos

FONTE: Geraldès, 1913:71

O tecido produtivo era composto, segundo Geraldès (1913:19-20), pela "indústria doméstica" e a "pequena indústria" de carácter manual e pela "indústria mecânica". Isto não significa que a estrutura produtiva se apresente atomizada, representando antes, pelo contrário, uma forma articulada de organizar a produção: as fábricas e as pequenas indústrias manuais tingem o fio e preparam as teias, que poderão tecer e/ou, na maioria das vezes, mandar tecer a teares que trabalham "por conta fora", muitas vezes nas casas dos

próprios operários. Assim, a "indústria doméstica" e as oficinas manuais respondem às necessidades de auto-consumo e/ou estão inseridas num processo mais vasto de circulação de produtos entre as fábricas (manuais e/ou mecânicas) e o trabalho ao domicílio. No concelho de Guimarães, a indústria de fiação e tecelagem do linho e do algodão poderá ser estruturada da seguinte forma: dez fábricas mecânicas e, pelo menos, nove de fabrico manual; as primeiras (dados referentes a apenas nove fábricas) empregam 1400 operários, 297 do sexo masculino, 807 do feminino e 265 menores, e cinco delas, no seu conjunto, recorrem a cerca de 1136 a 1336 trabalhadores ao domicílio; para as segundas, as manuais, trabalham cerca de 350 a 410 trabalhadores ao domicílio — tecelões ou dobadeiras — (cálculos baseados em Geraldès, 1913). Esta orgânica é também visível, designadamente, no Inquérito Industrial de 1881, segundo o qual no Continente e nesta indústria cerca de 50% do pessoal trabalha ao domicílio, 25% em "oficinas" e outros 25% em "indústrias fabris".⁵

O tecido produtivo apresentava um padrão locativamente difuso — "é preciso percorrer todo o concelho, é preciso atravessar os vales e subir pelas vertentes das montanhas, para ver que é rara a cabana em que se não ouve o som seco e alternado do tear, ou o som constante e monótono da roda na dobagem do algodão ou enchimento de canelas" (Sampaio, 1884:238). As pequenas instalações industriais, na maioria das vezes, estão integradas nas próprias habitações, servindo cumulativamente de oficina e de habitação da família. Assim, a pequena indústria e o trabalho ao domicílio dispersavam-se por todo o concelho, funcionando em pequenas oficinas, a maioria com dois teares.

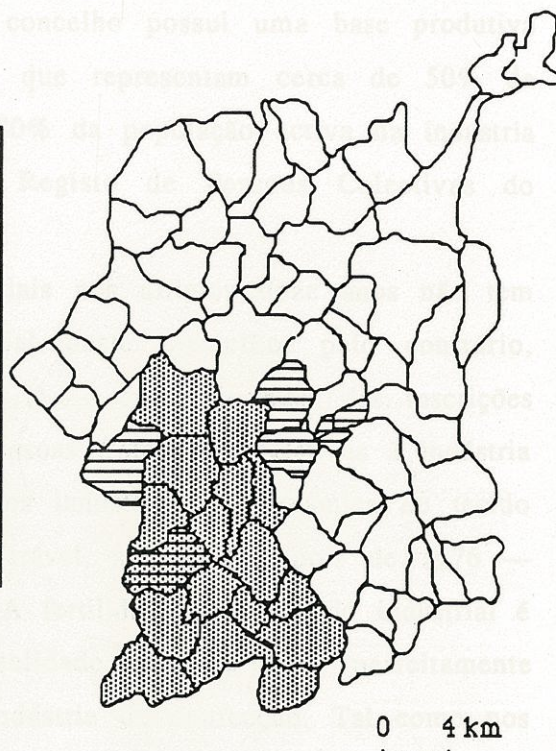
Relativamente à "indústria mecânica", foram os cursos de água do rio Selho, Vizela e Ave, devido à disponibilidade de água indispensável nas diversas fases do processo produtivo, nas lavagens e nas operações de tinturaria, e na própria produção de energia motora, conjuntamente com o caminho de ferro e a rede rodoviária, os eixos estruturadores da dispersão assinalada.

⁵ Em Geraldès (1913:58), na sua análise sobre o distrito de Braga, o fabrico mecânico do linho e do algodão empregava 5800 a 6000 indivíduos e o fabrico manual do linho e do algodão empregava respectivamente 3600 e 2500 operários.

MAPA 2.1- Freguesias, do concelho de Guimarães, nas quais algumas actividades Têxteis predominam, designadamente os tecidos de linho e de algodão para exportação.

Actividade	Localização	Operários
tecidos de linho e algodão	NO MAPA- exportação	912 oper.
	por todo o concelho - consumo local	173 oper.
cotins e riscados de algodão e linho	NO MAPA	710 oper.
fiação do linho	por todo o concelho	1559 oper.
linha e	algumas freg. rurais	100 oper.
roupa branca	na cidade	373 oper.
alfaiates	cidade e resto do conc.	150 oper.
confeções	cidade	35 oper.
chapeleira	freguesia de Balazar	16 oper.
TOTAL		4028 oper.

- 1  tecidos.(exportação)
 2  cotins...
 1 e 2



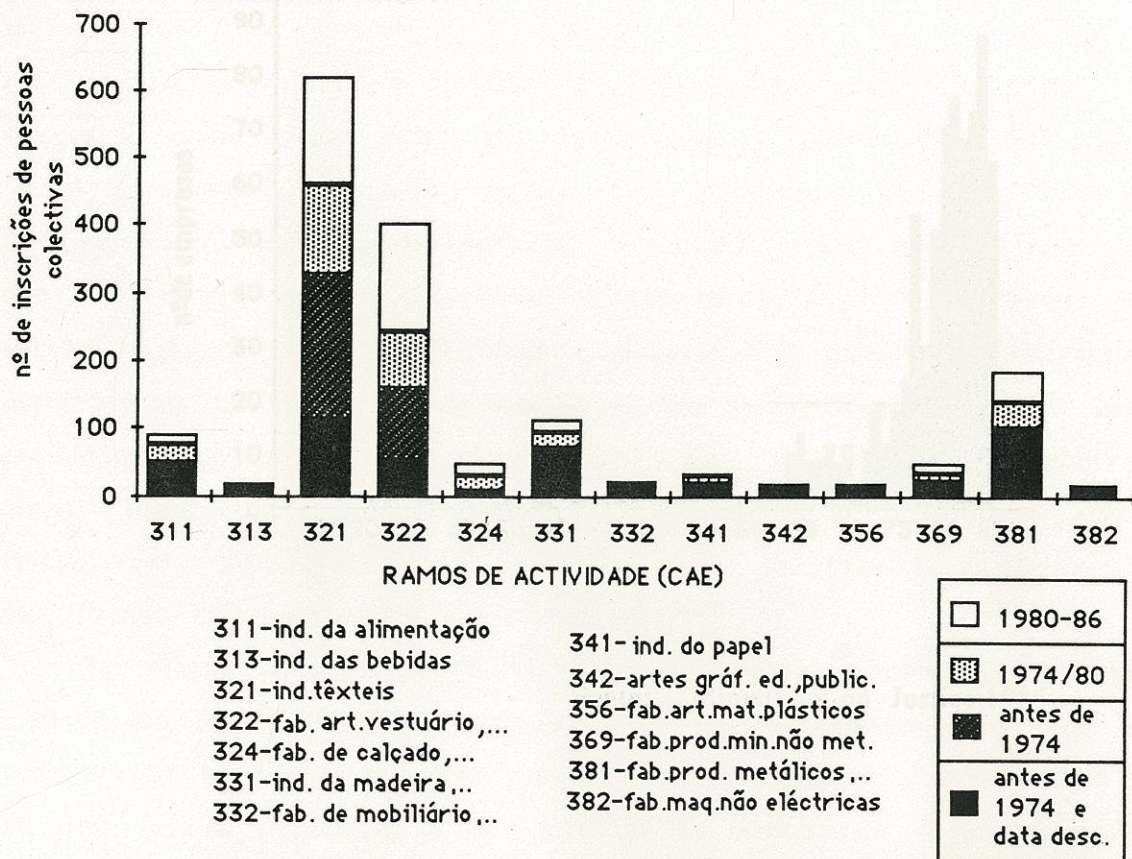
FONTE: Relatório da Exposição Industrial, 1884

Mas, esta actividade industrial, ainda que frequente em todas as freguesias do concelho, irá localizar-se com maior incidência nas freguesias da cidade e nas rurais localizadas a sudoeste (Mapa 2.1). É curioso que, já nessa época, nestas freguesias rurais a actividade principal — produção de tecidos de linho e algodão — fosse destinada sobretudo à exportação e que esta "mancha" industrial praticamente coincida com a da actualidade — um século desta actividade não parece ter alterado substancialmente o padrão difuso e a sua predominância no sector sudoeste (mapa 1.6, 1.7 e 2.2).

O Vale do Ave é o foco por excelência destas actividades, no que Guimarães contribuiu, em 1981, com cerca de 17% do emprego e 14% do V.A.B. do total do Continente (INE,1981). Este concelho possui uma base produtiva muito especializada nos Têxteis/Vestuário, que representam cerca de 50% da população residente activa com profissão, 80% da população activa na indústria transformadora e 60% dos inscritos no Registo de Pessoas Colectivas do Ministério da Justiça (1985).

A dinâmica destes dois ramos industriais nos últimos doze anos não tem contribuído para a diversificação industrial deste concelho, pelo contrário, tem acentuado a sua especialização (gráf 2.1) — cerca de 62% das inscrições realizadas depois de 1974 no Registo de Pessoas Colectivas, relativas à indústria transformadora, pertencem a estes dois ramos industriais. A dinâmica do tecido produtivo Têxtil/Vestuário (gráf 2.2) é imparável, sobretudo depois de 1976 — todos os dias nascem e morrem empresas. A fertilidade deste tecido industrial é de tal maneira elevada que a alta mortalidade empresarial é perfeitamente compensada e ultrapassada, sobretudo na indústria de confecção. Tal como nos finais do sec. XIX e inícios do século XX, hoje não são necessárias grandes somas de capital fixo para o arranque nesta indústria intensiva em mão-de-obra; assim, o investimento é mais fácil e acessível ao ex-operário qualificado, ao ex-encarregado, ao ex-vendedor, ao antigo empregado de escritório,... . No tecido heterogéneo resultante (quadro 2.4) predominam as unidades industriais de pequena dimensão, por vezes de carácter familiar; cerca de 80% dos estabelecimentos têm 50 ou menos pessoas ao serviço, e embora empreguem só 20% do pessoal destes dois ramos industriais, constituem a base da actual dinâmica de industrialização difusa.

GRAFICO 2.1- Dinâmica industrial — Nº de inscrições no registo de Pessoas Colectivas por ano e nos ramos de actividade (CAE) mais significativos do concelho de Guimarães, 1985.⁶



Fonte: Ministério da Justiça, 1986

Quadro 2.4 - Estabelecimentos e pessoal no serviço na Indústria Têxtil/Confeção, 1985/6.

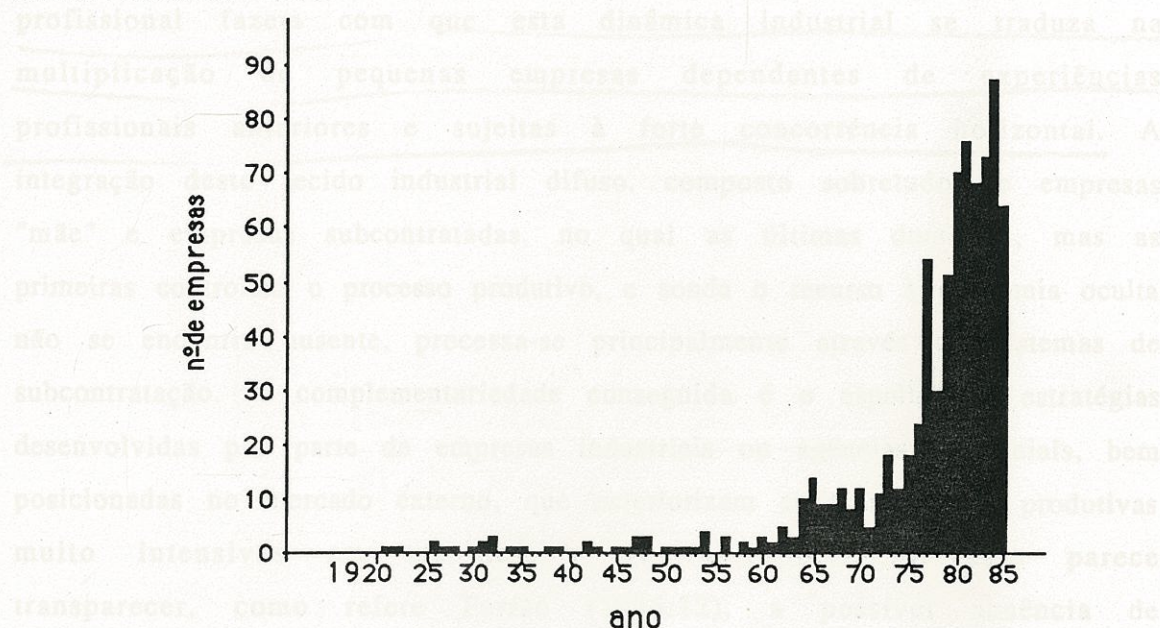
	até 10		11-20		21-50		51-100		101-200		201-500		+500		TOTAL
	Estab.	Pessoal	Estab.	Pessoal	Estab.	Pessoal	Estab.	Pessoal	Estab.	Pessoal	Estab.	Pessoal	Estab.	Pessoal	
	123	401	153	742	276	1200	31	242	32	120	2	202	1	645	258
	49	252	83	514	109	1200	25	242	27	120	23	370	7	1101	5715
	36	207	31	242	109	1200	32	242	27	120	23	370	7	1101	5715
	12	110	25	242	32	120	27	120	23	370	7	1101	7	1101	5715
	2	202	23	370	23	370	23	370	23	370	23	370	23	370	5715
	1	645	7	1101	12	1200	12	1200	12	1200	12	1200	12	1200	5715
	258	5715	258	5715	258	5715	258	5715	258	5715	258	5715	258	5715	5715

Fonte: Ministério da Justiça e Ministério do Trabalho. Inquérito realizado aos Presidentes das Juntas de freguesia.

A análise dos capítulos posteriores vai revelar a importância que a experiência profissional e a subcontratação têm na explicação da dinâmica actual.

⁶ Dados parcialmente tratados pelos alunos de Técnicas de Planeamento (1986/7).

Gráfico 2.2 — Ano de inscrição das pessoas colectivas - Indústria Têxtil/Vestuário, 1986.



Fonte: Ministério da Justiça, 1986

Quadro 2.4 - Estabelecimentos e pessoal ao serviço na Indústria Têxtil/Confeccção, 1985/6.

	confeccção		têxtil		confeccção/têxtil			
	Establ.	Pessoal	Establ.	Pessoal	Establ.	%	Pessoal	%
0-10	123	491	153	742	276	46.5	1233	3.5
11-20	49	755	33	514	82	13.8	1269	3.6
21-50	58	2097	51	2438	109	18.4	4535	12.8
51-100	19	1309	36	2635	55	9.2	3944	11.1
101-200	6	697	31	4658	37	6.2	5355	15.1
201-500	2	582	23	6782	25	4.2	7364	20.8
+ 500	1	665	9	11081	10	1.7	11746	33.1
TOTAL	258	6596	336	28850	594	100	35446	100

Fonte: Ministério da Justiça e Ministério Trabalho e inquérito realizado aos Presidentes das Juntas de freguesia.

A análise dos capítulos posteriores vai ressaltar a importância que a experiência profissional e a subcontratação têm na explicação da dinâmica actual.

⇒ O peso da tradição neste ramo industrial e a ausência de formação profissional fazem com que esta dinâmica industrial se traduza na multiplicação de pequenas empresas dependentes de experiências profissionais anteriores e sujeitas à forte concorrência horizontal. A integração deste tecido industrial difuso, composto sobretudo de empresas "mãe" e empresas subcontratadas, no qual as últimas dominam, mas as primeiras controlam o processo produtivo, e aonde o recurso à economia oculta não se encontra ausente, processa-se principalmente através de sistemas de subcontratação. A complementariedade conseguida é o espelho de estratégias desenvolvidas por parte de empresas industriais ou agências comerciais, bem posicionadas no mercado externo, que exteriorizam sobretudo fases produtivas muito intensivas em mão-de-obra (Ferrão, 1986:12-13). Isto parece transparecer, como refere Ferrão (1986:12), a possível ausência de identificação entre dinamismo e vitalidade.

As relações entre empresas, via subcontratação ou obedecendo a outras modalidades como referiremos mais à frente, não se esgotam localmente. A subordinação às regras da moda provenientes do estrangeiro, à tecnologia e matérias primas importadas e aos sistemas de subcontratação internacionais demonstram claramente as relações de dependência estabelecidas. Muitos segmentos da organização da produção (o estilismo, a gestão, a prospecção dos mercados, a investigação,...) estão localizados no Porto e/ou nos países estrangeiros que controlam ou compram nas empresas locais.

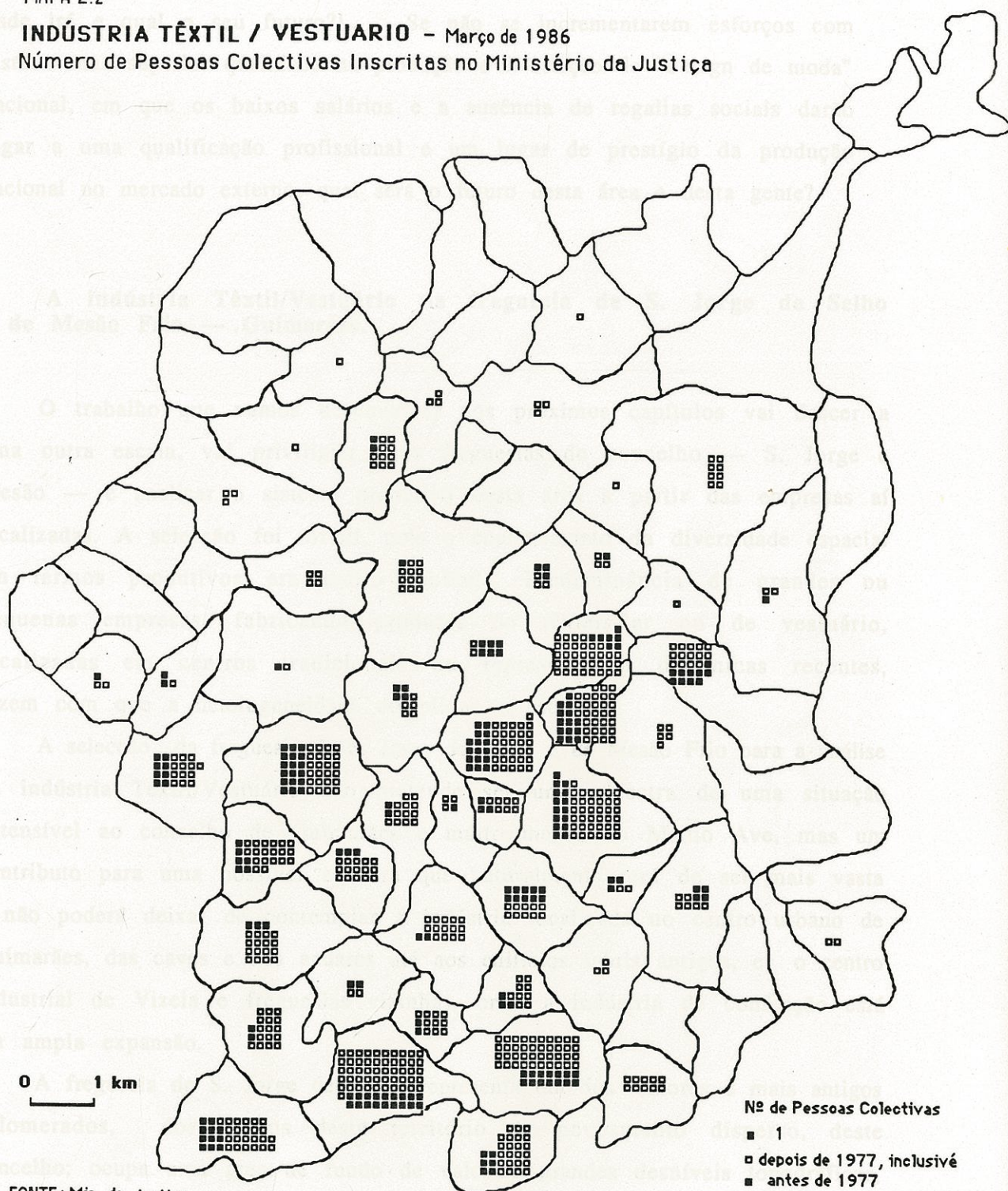
A fraca diversificação industrial e a especialização em actividades sujeitas, por um lado, à concorrência dos "novos países industrializados" em segmentos produtivos intensivos em mão de obra (sobretudo confecção) e, pelo outro, à dos "países mais desenvolvidos" em segmentos intensivos em capital (a indústria têxtil), determinam a instabilidade desta indústria. A indústria de confecção, intensiva em trabalho, ao privilegiar uma situação concorrencial baseada nos custos diferenciais menores da força de trabalho, e com um fraco investimento em equipamento e sobretudo na formação de técnicos especializados (sobretudo na área do estilismo, organização da produção,...), denuncia a fragilidade da indústria desta área.

A dinâmica empresarial local recente, evidenciada pelo surto de pequenas empresas, ainda que frágeis em termos organizativo-tecnológicos, a maioria subcontratada, por vezes semi-oculta, recorrendo a

MAPA 2.2-

INDÚSTRIA TÊXTIL / VESTUÁRIO - Março de 1986

Número de Pessoas Colectivas Inscritas no Ministério da Justiça



FONTE: Min. da Justiça

mão-de-obra muito jovem do sexo feminino, mais "flexível" e barata, até onde irá e qual o seu futuro?!.... Se não se incrementarem esforços com vista a uma superior qualidade na produção e à criação de "design de moda" nacional, em que os baixos salários e a ausência de regalias sociais darão lugar a uma qualificação profissional e um lugar de prestígio da produção nacional no mercado externo, qual será o futuro desta área e desta gente?

A indústria Têxtil/Vestuário na freguesia de S. Jorge de Selho e de Mesão Frio — Guimarães.

O trabalho que vamos desenvolver nos próximos capítulos vai descer a uma outra escala, vai privilegiar duas freguesias do concelho — S. Jorge e Mesão — e analisar o sistema produtivo desta área a partir das empresas aí localizadas. A selecção foi difícil, pois o conhecimento da diversidade espacial em termos produtivos era muito limitada. Predominância de grandes ou pequenas empresas, fabricando produtos de têxteis-lar ou de vestuário, localizadas em centros tradicionais ou representando dinâmicas recentes, fazem com que a heterogeneidade complique a escolha.

A selecção da freguesia de S. Jorge de Selho e de Mesão Frio para a análise da indústria Têxtil/Vestuário não pretende ser uma amostra de uma situação extensível ao concelho de Guimarães e muito menos ao Médio Ave, mas um contributo para uma possível amostra que naturalmente terá de ser mais vasta e não poderá deixar de contemplar a indústria localizada no centro urbano de Guimarães, das caves e dos andares até aos edifícios fabris antigos, e o centro industrial de Vizela e freguesias vizinhas, onde a indústria de confecção está em ampla expansão.

A freguesia de S. Jorge de Selho representa um dos maiores e mais antigos aglomerados, dos muitos deste território de povoamento disperso, deste concelho; ocupa uma área de fundo de vale de grandes desníveis topográficos, que só por si não parecem travar a expansão do núcleo histórico. A paisagem é, em linhas gerais, esta: da habitação de tipo urbano no centro do aglomerado até à dinâmica da habitação unifamiliar nas ramificações em crescimento; da grande indústria Têxtil no centro até à pequena confecção nas vias mais periféricas; da diversidade de comércio e serviços no núcleo até às pequenas

MAPA 2.3 - Pré - Zonamento do Plano Director Municipal, 1986.

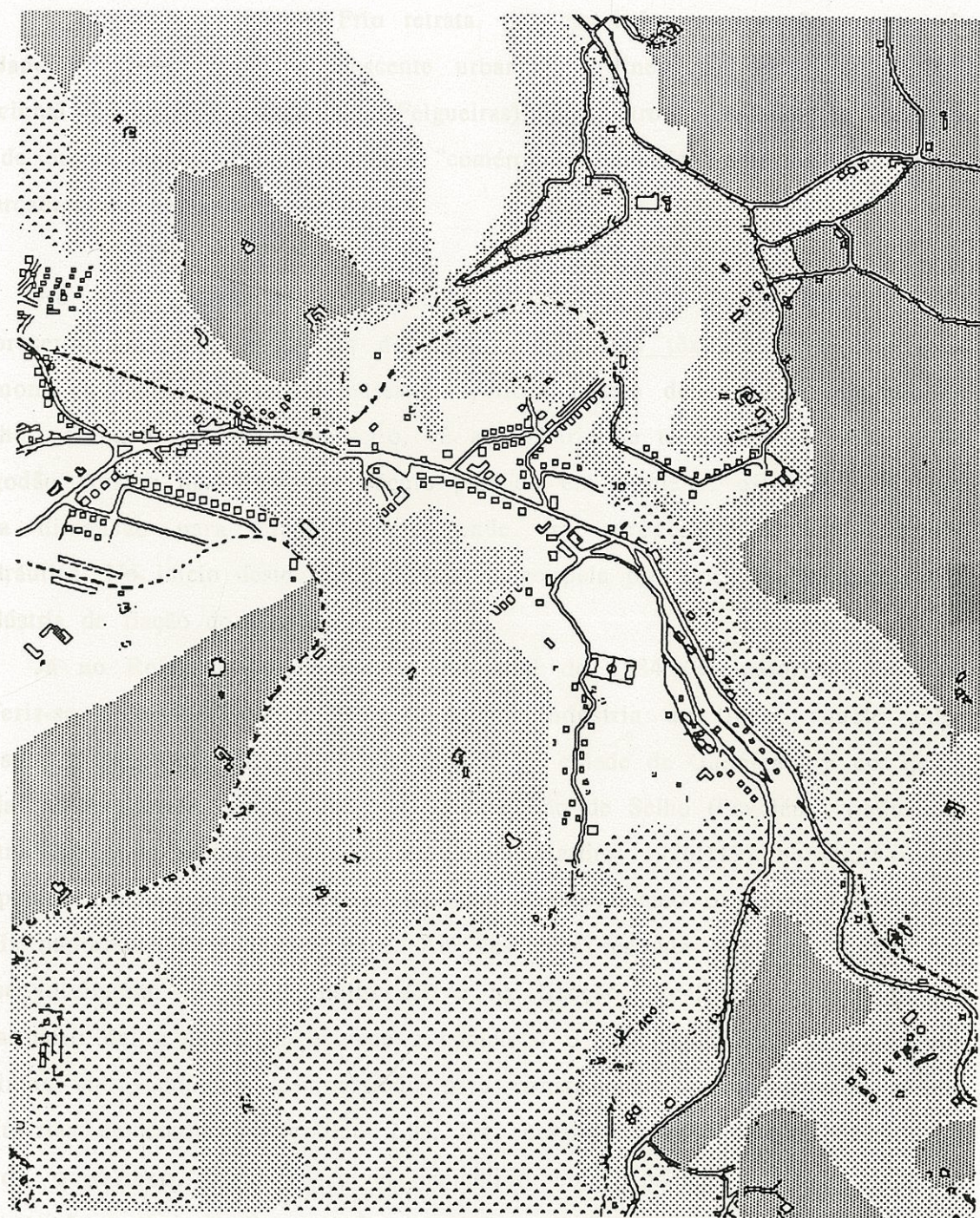


0 150m

- | | |
|---|---|
|  | área de urbanização preferente |
|  | área de transformação condicional (geralmente ter. agrícolas não classificados) |
|  | área de salvaguarda agrícola |
|  | área de salvaguarda florestal |

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

MAPA 2.4 - Pré - Zonamento do Plano Director Municipal, 1986.



0 150m

- | | |
|--|---|
| | área de urbanização preferente |
| | área de transformação condicional (geralmente ter. agrícolas não classificados) |
| | área de salvaguarda agrícola |
| | área de salvaguarda floresta |

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

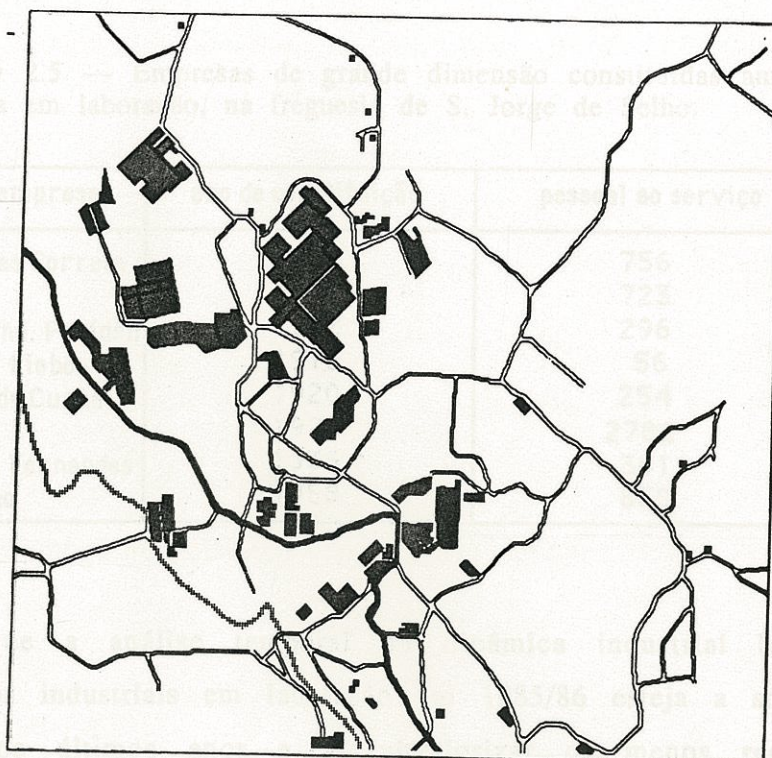
tabernas e cafés nas vias secundárias; campos agrícolas por todo o lado (mapa 2.3).

A freguesia de Mesão Frio retrata, por um lado, a expansão recente da cidade de Guimarães e a crescente urbanização linear ao longo da Estrada nacional (Guimarães - Fafe e/ou Felgueiras), por outro, a invasão da indústria e de outras actividades, sobretudo o "comércio de estrada", num território ainda marcadamente agrícola (mapa 2.4).

Ao nível industrial a freguesia de S.Jorge de Selho (gráfico 2.3) representa uma das freguesias do centro tradicional têxtil de Pevidém, que remonta a finais do século passado. Outrora centro de tecelões manuais do linho, sobretudo em regime caseiro, vê a indústria de tecelagem do linho e do algodão crescer nos finais do século passado em pequenas oficinas, com uma boa dimensão para aquela época, onde era aproveitada a força motriz hidráulica. No início deste século (1908) surge pela primeira vez neste centro a indústria de fição do algodão.

Já no Relatório da Exposição Industrial de 1884 (Sampaio, 1884:236), ao referir-se a importância e antiguidade da indústria do linho, aquele autor ressalta o papel que esta actividade adquire na cidade de Guimarães e em quase todas as freguesias, como S.Jorge e S. Cristovão de Selho (Pevidém), traduzindo a tradição deste sector nesta área. Em 1926 (Martins, 1926:119), na altura da 2ª Exposição Industrial do concelho, Pevidém é considerado o centro fabril rural mais importante da indústria têxtil. Até aos anos sessenta esta área regista um desenvolvimento industrial muito activo na fição, tecelagem e acabamentos e a partir daí a confecção aparece a completar o ciclo produtivo, sobretudo nos últimos anos, como é demonstrado pela constituição de um elevado nº de indústrias de confecção (gráfico 2.3). Na actualidade, este centro industrial é ainda o reflexo, tanto ao nível concelhio como nacional, dessa dinâmica industrial: a maioria das grandes empresas actualmente existentes, tanto pelo volume de pessoal ao serviço como de vendas, são fruto dessa industrialização (quadro 2.5). Territorialmente, as marcas dos ritmos de industrialização são ainda visíveis: a maquinofactura nas unidades Têxteis localizadas à margem do Rio Selho, a verticalização da produção nas grandes instalações Têxteis localizadas junto ou perto das principais vias rodoviárias e a dinâmica da confecção na recente difusão das pequenas empresas (mapa 2.5).

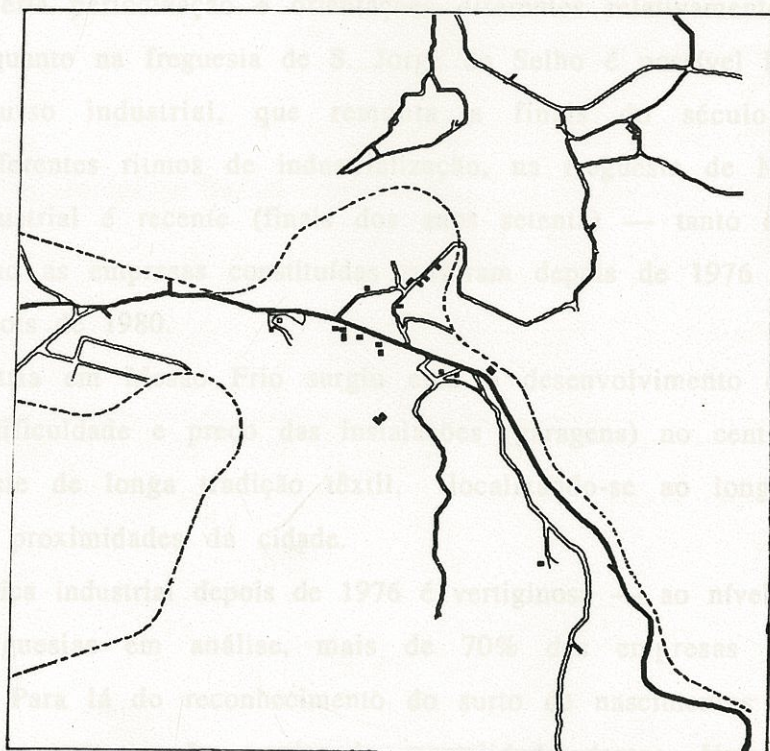
MAPA 2.5 -



0 200m

Freguesia de S. Jorge de Selho

MAPA 2.6 -



0 200m

Freguesia de Mesão Frio

Fonte: C.M.G.

- estrada nacional
- estradas municipais
-  indústrias têxteis/vestuário e trabalho ao domicílio

QUADRO 2.5 — Empresas de grande dimensão constituídas antes de 1960, que estão ainda em laboração, na freguesia de S. Jorge de Selho.

Nome da empresa	ano de constituição	peçoal ao serviço
Têxtil Lopes Correia	1885	756
Tarf	1901	723
Empresa Ind. Pevidém	1902	296
Augusto P. Lisboa	1915	56
João Rib. da Cunha	1920	254
Coelima	1922	2782
J. Pereira Fernandes	1933	361
Lameirinho	1958	850

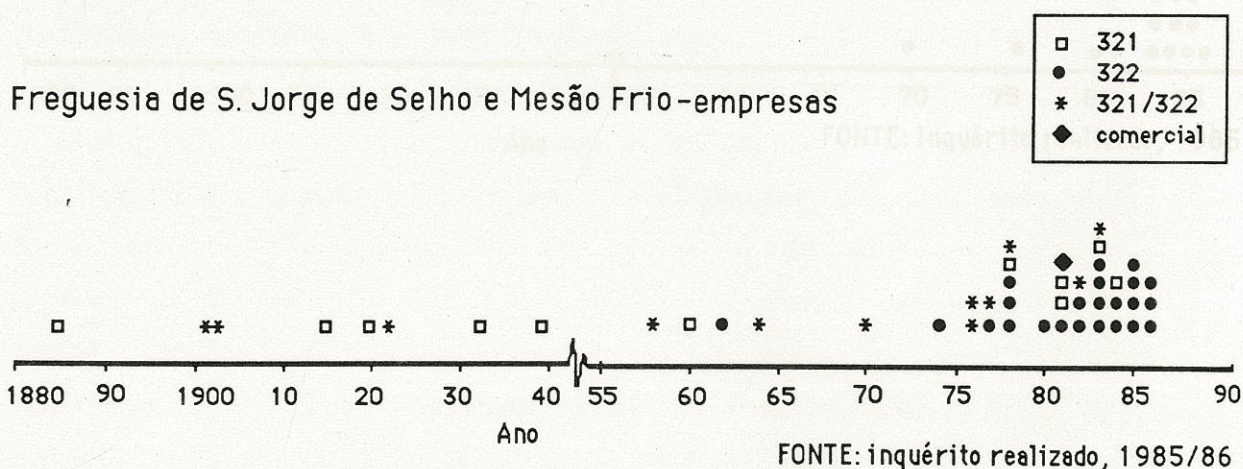
Ainda que a análise temporal da dinâmica industrial baseada nos estabelecimentos industriais em laboração em 1985/86 esteja a sobrevalorizar os valores dos últimos anos e a subvalorizar os menos recentes, que naturalmente registaram uma "mortalidade" superior, pode detectar-se, mesmo assim, uma certa periodização e orientações diferentes relativamente ao tipo de produção. Enquanto na freguesia de S. Jorge de Selho é possível identificar um extenso percurso industrial, que remonta a finais do século passado, e reconhecer diferentes ritmos de industrialização, na freguesia de Mesão Frio o fenómeno industrial é recente (finais dos anos setenta) — tanto o trabalho ao domicílio como as empresas constituídas surgiram depois de 1976 e com maior incidência depois de 1980.

A indústria em Mesão Frio surgiu com o desenvolvimento da confecção, associada à dificuldade e preço das instalações (garagens) no centro urbano de Guimarães, este de longa tradição têxtil, localizando-se ao longo da estrada nacional, nas proximidades da cidade.

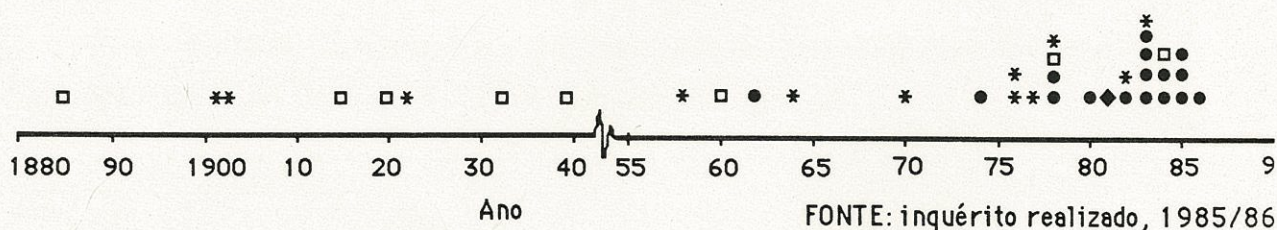
A dinâmica industrial depois de 1976 é vertiginosa — ao nível concelhio, e nas duas freguesias em análise, mais de 70% das empresas surgiram nos últimos anos. Para lá do reconhecimento do surto de nascimentos de empresas, teremos de ter em atenção a elevada mortalidade destas. Uma percentagem muito considerável de empresas de pequena dimensão abre falência quando a situação financeira se agudiza, embora na maioria das vezes nem interrompam a sua actividade; pelo contrário, criam uma "nova" empresa, com outro nome, mas nas mesmas instalações, com a mesma mão-de-obra e equipamento, ainda

que descapitalizada. Esta atitude, embora seja declarada como normal e relativamente vulgar pelos empresários, alcança uma importância real que é difícil de detectar: quem a pratica não a declara e a sua detecção indirecta não funciona, pois a maioria das empresas não são conhecidas no meio social pelo seu nome oficial mas pelo nome do seu responsável (um dos sócios-gerentes ou o encarregado)⁷.

GRAFICO 2.3 — Ano de início e ramo de actividade (CAE) das empresas e das trabalhadoras ao domicílio inquiridas, 1985/86.



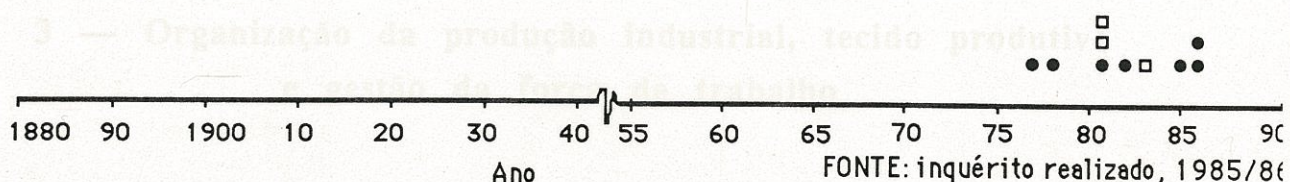
Freguesia de S. Jorge de Selho - empresas



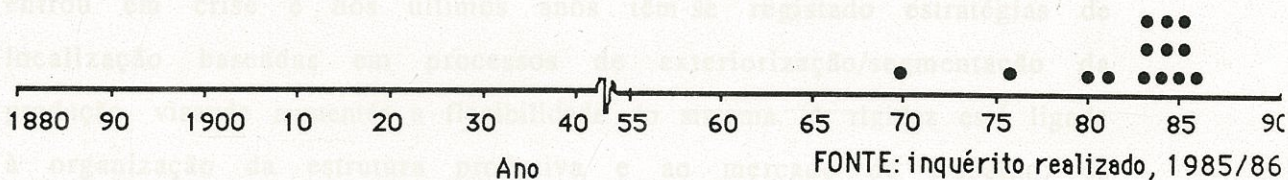
⁷ Nas freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio a importância da mudança de localização pode ser indicada através:

- da consulta ao Registo de Pessoas Colectivas do Ministério da Justiça, no qual verificamos que onze das inscrições correspondem a indivíduos ou empresas que deixaram de exercer a sua actividade ou mudaram-se para outras freguesias;
- do trabalho de campo, realizado ao longo de quatro meses. Durante esse período, uma empresa mudou-se para outra freguesia e outras duas iniciaram a sua actividade nas freguesias em estudo.

Freguesia de Mesão Frio - empresas



Freguesia de Mesão Frio - trabalho ao domicílio



— as flutuações, tanto quantitativas como qualitativas, da estrutura da indústria.

— as diferenças exigências tecnológicas e de capital fixo, ou seja, a segmentação da produção.

— as diferenças características da estrutura da indústria, visando uma diminuição da carga de trabalho e um aumento do controle laboral.

3.1 - A segmentação/externalização da indústria têxtil/vestuário

A indústria têxtil/vestuário, quando em trabalho, encontra os seus elementos de flexibilização e reorganização da produção na desconcentração produtiva, o que é compensável se tivermos em conta a especialização tecnológica e de capital fixo, ou seja, a segmentação e a flexibilidade que ela permite e promove. Porém a desconcentração que

1. Embora a desagregação analítica se refira apenas à subcontratação, ela permanece operacional para a análise dos processos de segmentação/externalização da produção, dos quais a subcontratação é uma das formas possíveis.

3 — Organização da produção industrial, tecido produtivo e gestão da força de trabalho

O modelo de concentração produtiva característico do pós-guerra entrou em crise e nos últimos anos têm-se registado estratégias de localização baseadas em processos de exteriorização/segmentação da produção, visando aumentar a flexibilidade do sistema. A rigidez está ligada à organização da estrutura produtiva e ao mercado de trabalho: as concentrações produtivas, polarizadas pelas grandes empresas verticais, apresentam uma flexibilidade cada vez menor na reconversão da estrutura produtiva e na gestão da força de trabalho. As grandes concentrações de capital e de força de trabalho do período de crescimento dos anos sessenta respondem com maior dificuldade, neste momento de incerteza e de instabilidade, às necessidades de adaptação (Holmes, 1986:87¹):

—às flutuações, tanto quantitativas como qualitativas, e à estrutura do mercado de produtos;

—às diferentes exigências tecnológicas e de capital fixo empregues no processo produtivo;

—às distintas características do mercado de trabalho visando uma diminuição do custo do trabalho e um aumento do controlo laboral.

3.1 - A segmentação/exteriorização da indústria têxtil/vestuário

A indústria têxtil/vestuário, intensiva em trabalho, encontra os seus elementos de flexibilização e reorganização da produção na desconcentração produtiva, o que é compreensível se tivermos em conta a especificidade tecnológica e de capital fixo, ou seja, a segmentação e a flexibilidade que ela permite e promove. Porém a desconcentração que

¹ Embora a desagregação analítica se refira apenas à subcontratação, ela permanece operacional para a análise dos processos de segmentação/exteriorização da produção, dos quais a subcontratação é uma das formas possíveis.

iremos tratar aqui não corresponde só a uma modificação dos critérios de localização industrial, a uma desconcentração espacial, mas sobretudo a uma reorganização dos processos de trabalho, a uma articulação no território de diferentes fases do processo produtivo que antes se integravam numa mesma empresa.

Analisemos então os factores desencadeadores da desconcentração na indústria têxtil/vestuário e suas implicações na segmentação produtiva e do mercado de trabalho.

a - A instabilidade e a estrutura do mercado de produtos

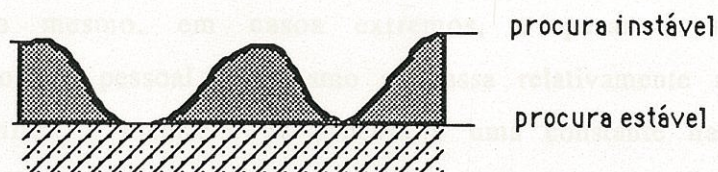
A instabilidade e a estrutura do mercado de produtos poderá criar situações que desencadeiem o desenvolvimento da desconcentração produtiva. Poderemos considerar que uma empresa recorre a esse tipo de desconcentração devido (Holmes, 1986:89-91):

- à incerteza e à irregularidade da procura, motivada pelas variações cíclicas ou sazonais;

- à necessidade de produzir uma linha de produtos de pequenas séries, em que não é possível, na produção, a aplicação de técnicas "fordistas".

Em referência ao primeiro factor poderemos dizer que a procura pode ser diferenciada em duas componentes: a estável e a instável. Assim, a fracção da procura não variável irá determinar os valores da procura estável, enquanto a diferença entre esta e a procura real, num certo momento, corresponderá à fracção da procura que é instável (gráf3.1).

Gráfico 3.1 - Procura estável e instável



* a dimensão das manchas não têm qualquer significado quantitativo

De forma a minimizar o custo em capital fixo e em capital variável, algumas empresas exteriorizam a parte da produção correspondente à procura instável para outras empresas ou para o trabalho ao domicílio. Segundo este modelo poderemos segmentar este ramo industrial em vários conjuntos: o primeiro, compreende as empresas contratantes, nas quais a produção, propriamente dita, poderá estar presente ou não — desde as empresas comerciais que subcontratam ou compram toda a produção, as "tradings", até às que se dedicam só à componente estável da procura; o segundo, responderá às flutuações da procura — sobretudo empresas subcontratadas e independentes — ; o terceiro grupo surge com a justaposição de papéis — empresas simultaneamente contratantes e subcontratadas — ; por fim, um conjunto de empresas independentes que internamente se adaptam às flutuações da procura.

Na indústria têxtil/vestuário as flutuações do mercado apresentam uma importância muito grande. Todas as empresas contratantes inquiridas na nossa amostra mencionaram a instabilidade do mercado, designadamente o internacional, como determinante no seu comportamento de exteriorização de parte da produção; esta exteriorização verifica-se sobretudo na indústria de confecção.

À situação de instabilidade dos produtos têxteis portugueses no mercado internacional juntam-se as flutuações sazonais comandadas pelos prazos de entrega dos produtos de cada estação. Assim, a períodos de grande azáfama, em que todas as empresas têm o que produzir e nos quais o trabalho se prolonga pela noite fora, sucedem-se períodos de fraca produção e até de inactividade. Durante o "aperto" todo o sistema produtivo está em laboração; na "acalmia" as empresas contratantes e algumas

independentes têm trabalho para o seu pessoal ao serviço, mas algumas subcontratadas e algumas independentes procuram trabalho por outros lados, chegando mesmo, em casos extremos, a parar e a despedir provisoriamente o seu pessoal. O mesmo se passa relativamente ao trabalho ao domicílio. Enfim, a incerteza da procura é uma constante nas empresas dependentes (analisaremos este fenómeno mais à frente).

A procura de flexibilidade poderá ser também conseguida através da exteriorização da gestão e dos encargos dos stocks. Assim, as empresas "dependentes" terão de suportar este custo adicional em matérias primas e, por vezes, produtos manufacturados, de forma a responderem imediatamente à procura, desenvolvida pelas empresas bem situadas no mercado, e a concorrerem com as suas homólogas.

b - Exigências tecnológicas e de capital fixo do processo produtivo

Outro factor desencadeador da segmentação/exteriorização reside nas diferentes exigências tecnológicas e de capital fixo do processo produtivo.

Em primeiro lugar teremos de considerar que às várias fases desse processo podem corresponder eficiências diferentes segundo a dimensão das unidades industriais. Na nossa amostra temos casos de empresas, com os segmentos de fiação e tecelagem bem equipados e de grande dimensão, que subcontratam outras fases do processo produtivo — designadamente os bordados, lavandaria, tinturaria, estampania, ... — a outras empresas especializadas (por vezes filiais), em que a tecnologia empregue e a dimensão destas não apresenta vantagens numa estrutura e localização concentrada — "... by working for a number of parent firms, can achieve a larger and more efficient scale of operation than any individual parent firm could have achieved for that particular process of a part. In many of these instances the subcontractor will utilize highly sophisticated production technology..." (Holmes, 1986: 91).

A exteriorização é também uma prática corrente em actividades em que a procura não atinge níveis que permitam o uso de técnicas "fordistas" na empresa, correspondendo a uma "poupança" de investimentos cuja rendibilidade não está assegurada à partida. Em S. Jorge de Selho poderemos

encontrar diversos exemplos. Na maioria das vezes correspondem a actividades especializadas — uma das empresas entrevistada subcontrata vestuário de trabalho a uma empresa localizada em Vizela, de forma a responder a uma procura muito limitada do mercado externo; a aplicação de rendas a cortinados, o fabrico de acolchoados ou outras actividades específicas de tinturaria, lavandaria ou outros acabamentos são alguns dos exemplos que podemos enquadrar nesta situação.

Por outro lado, a exteriorização da produção pode ser desencadeada pela existência de segmentos em que as economias de escala não se verificam ao nível da empresa mas de uma máquina — "... this occurs in processes where economies of scale can be attained at the level of the individual machine rather than the factory." (Holmes, 1986:91-92). Na indústria de confecção o caso é relevante: a produtividade atingida e a tecnologia empregada (máquinas de "corte-cose") pelas trabalhadoras ao domicílio na freguesia de Mesão Frio e nas pequenas empresas subcontratadas das duas freguesias inquiridas é relativamente igual à verificada nas empresas que as subcontrata.

Em todos os casos, pretende-se diminuir o risco do investimento em capital fixo da "empresa-mãe". Assim, esta estratégia de segmentação da produção desencadeada pelas empresas "centrais" — sobretudo grandes empresas e/ou as "tradings" — representa uma forma de flexibilização do capital, de diminuição dos encargos e dos riscos, sem que a produtividade e a competitividade destas seja posta em causa. O trabalho ao domicílio representa o último estágio de diminuição dos custos de capital, já que todos os custos são variáveis para a "empresa-mãe" — equipamentos e instalações são propriedade do trabalhador.

c - A exteriorização da produção e a segmentação do mercado de trabalho

Reside na segmentação/exteriorização da produção uma das formas dominantes de desencadear a segmentação do mercado de trabalho. Com esta estratégia visa-se atingir uma diminuição dos custos de trabalho e um aumento do controlo laboral. Parece estar aqui sobretudo a explicação da dinâmica da exteriorização da produção neste sector industrial. Podemos

considerar (Holmes,1986:92), três objectivos relativos à natureza e à estrutura do mercado de trabalho, que podem ser atingidos mais facilmente:

- Menor custo da força de trabalho;
- Maior flexibilidade no uso do trabalho e um controlo do processo de trabalho mais eficiente;
- Aproveitamento de certas franjas do mercado de trabalho.

— Menor custo da força de trabalho

A tendência é para exteriorizar fases do processo produtivo mais intensivos em mão de obra, designadamente a confecção: na freguesia de S.Jorge de Selho, das dezassete empresas que trabalham no regime de subcontratação, dezasseis dedicam-se à confecção; em Mesão Frio, as treze trabalhadoras ao domicílio inquiridas dedicam-se à confecção de vestuário, assim como seis das oito empresas subcontratadas. Daí a forte dinâmica, nos últimos anos, da indústria de confecção: na nossa amostra, 82% das empresas e ainda 13 trabalhadoras ao domicílio, que iniciaram a sua actividade depois de 1974, dedicam-se à confecção.

Podemos encontrar a explicação deste fenómeno na competitividade das pequenas empresas de confecção. O preço da produção é na maioria das vezes muito baixo e representa uma relação dominadora, por parte da "empresa-mãe", entre as duas empresas. A empresa "central" encontra-se numa posição de estabelecer os preços de produção e as subcontratadas e/ou independentes, pelo contrário, vêm-se "obrigadas" a aceitar estas tabelas, pois aí está, por vezes, a razão da sua sobrevivência. Dado que também estas últimas têm de ter uma certa percentagem de lucro, elas vêm-se na contigência de baixar os salários e/ou a aumentar a jornada de trabalho e/ou degradar as condições de trabalho e/ou diminuir as regalias sociais... Estas atitudes, tão usuais, representam uma taxa de exploração acrescentada, enfim, uma desvalorização da força de trabalho.

Em Mesão Frio, em que o trabalho ao domicílio atinge um certo significado, a diminuição do custo da força de trabalho para as empresas que as subcontrata verifica-se designadamente no não pagamento das prestações ao Fundo de Desemprego e à Segurança Social, na ausência das

remunerações indirectas (subsídios de Férias e de Natal) e no facto da remuneração ser função da produtividade (assim, o absentismo e a fraca produtividade no trabalho, tão frequente nas grandes empresas segundo a opinião dos empresários, poderão ser ultrapassados).

A segmentação/exteriorização vai, então, desenvolver a exploração da força de trabalho em algumas pequenas e médias empresas aliada, mas não totalmente explicada, aos baixos preços impostos pelas empresas "dominadoras"; trata-se de uma forma de extorquir um lucro diferencial por parte das "empresa-centrais," baseado na extorsão da mais valia absoluta, realizada por empresas subcontratadas e algumas independentes. A explicação para esta prática de baixos preços liga-se à posição do sector no Mercado Internacional; a competitividade de certos produtos, têxteis-lar e vestuário, só é possível, segundo opinião das mesmas, com esta desvalorização da força de trabalho. No entanto, esta explicação fica condicionada pela resolução das tensões entre a existência de uma mão de obra barata que viabiliza um preço final baixo e o investimento (não incentivado) na inovação tecnológica e/ou na qualificação da mão-de-obra, que o poderia igualmente permitir, isto, claro, supondo que não haveria mudança no tipo de produto fabricado; o que, por sua vez, poderia repôr essa competitividade.

— Maior flexibilidade no uso do trabalho e um controlo do processo de trabalho mais eficiente

A exteriorização da produção, ao dispersar a força de trabalho por diversas empresas, irá obviamente diminuir a capacidade de organização e de reivindicação desta e permitir uma fuga, por parte das empresas, aos direitos legais do pessoal ao serviço. Assim, a extensão da jornada de trabalho, os salários abaixo da tabela salarial, a admissão sem contrato, a não inscrição na Segurança Social, no Fundo de Desemprego e no Ministério do Trabalho, o despedimento sem justa causa, as más condições de trabalho, são práticas facilitadas em empresas subcontratadas ou independentes, menos sujeitas à acção fiscalizadora.

Numa análise às inscrições no Sindicato² podemos verificar que a percentagem de sindicalizados neste ramo industrial e nesta área é muito baixa e está completamente ausente nas empresas de pequena dimensão, a maioria subcontractadas ou independentes e constituídas, sobretudo, depois de 1976.

Relativamente às condições de trabalho nas fábricas podemos verificar que, por vezes, não atingem as condições mínimas legais — caves e garagens sem iluminação natural e artificial deficiente, sem casa de banho...

A exteriorização da produção (e a subcontractação que ela origina) para empresas de pequena dimensão e, concomitantemente, a organização da força de trabalho que lhe está associada irá também, como já foi referido, facilitar o controlo do processo de trabalho (Holmes, 1986:94).

A relação directa e informal e, às vezes, "familiar" que parece unir o empresário ao trabalhador, a actividade directamente produtiva desenvolvida pelo empresário numa empresa de pequena dimensão ou, pelo contrário, uma relação dominadora e repressiva exercida constantemente pelo empresário parecem ser factores importantes para o desenvolvimento da desconcentração produtiva. Quando questionadas sobre os problemas que travam o desenvolvimento do sector, as grandes empresas de S. Jorge de Selho ressaltaram, entre outros factores, a baixa produtividade de um grande número de trabalhadores, o absentismo e a existência dentro da empresa de pessoal ao serviço indesejado. Estes problemas não se põem nas empresas de menor dimensão, já que o controlo do processo de trabalho é muito superior, permitindo maiores produtividades, que ao não serem atingidas poderão ser resolvidas com o recurso fácil à prática do despedimento, pois a grande maioria do pessoal não está vinculado à empresa por contrato, nem sequer por contratos a prazo.

— Aproveitamento de certas franjas do mercado de trabalho

O trabalho ao domicílio constitui a forma mais usual de interrelação entre a natureza da força de trabalho requerida e uma adequada e vantajosa organização da produção. Corresponde a uma camada de força de trabalho

² Informação recolhida nos quadros de pessoal do Ministério do Trabalho.

que devido a certos factores — filhos muito pequenos, trabalhos domésticos,... — não estaria disponível para a inserção no mercado de trabalho convencional.

No sub-ramo da confecção esta prática tem algum significado. Na freguesia de Mesão Frio, das 23 inscrições no registo de pessoas colectivas do Ministério da Justiça, relativas à indústria têxtil/vestuário, 13 correspondem a trabalhadoras ao domicílio³. Mesmo tendo em consideração o carácter reduzido da amostra, é de salientar que a esmagadora maioria corresponde a ex-operárias, que após casarem e terem um ou dois filhos optam pela realização de um trabalho industrial em casa que lhes permita a compatibilização com as tarefas domiciliárias e o tratamento dos seus próprios filhos. Pela sua instabilidade, correspondem a franjas marginais do mercado de trabalho, dado o carácter desvinculativo em que a "empresa-mãe" as mantém; assim, a empresa "dominadora", além de não suportar certas obrigações legais — descontos para a Segurança Social, Fundo de desemprego,... —, poderá suspender os préstimos desta força de trabalho sempre que desejar, sem qualquer obrigação legal. As remunerações usufruídas por estas trabalhadoras são, em média, iguais às das trabalhadoras internas da empresa que as subcontrata e a maioria delas estão inscritas na Segurança Social, mas isso é atingido com jornadas de trabalho muito extensas (12 a 15 horas) e com descontos para a Segurança Social suportadas pelas próprias trabalhadoras.

Mas, se a generalização teórica parece transmitir a esquematização e a simplicidade dos jogos de relações estabelecidas na orgânica produtiva, o empírico transmite-nos a complexidade ao nível do território e dos ramos em estudo. Assim, os factores desencadeadores da segmentação/ exteriorização, analisados de forma estanque, vão-se justapôr na criação de um tecido produtivo com uma implantação territorial "sui generis" que tenta responder, simultaneamente, às flutuações da procura e à estrutura do mercado de produtos, às diferentes exigências tecnológicas e de capital fixo do processo produtivo e ao interesse em diminuir o custo de trabalho e aumentar o controlo laboral.

³ Estas trabalhadoras laboram para uma empresa que exterioriza para trabalhadoras ao domicílio 30% da produção de confecção.

3.2 - Tipologia local da organização da produção têxtil/vestuário

A localização industrial e a estrutura segmentada do mercado de trabalho e da organização da produção só poderão ser compreendidas com base no sistema produtivo integrado têxtil/vestuário e na posição que os diferentes tipos de empresas e o trabalho ao domicílio aí ocupam. Analisemos então a estrutura produtiva a partir das empresas localizadas nas freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio. O tecido industrial organizado via subcontratação, ainda que seja aqui preponderante, não esgota os laços que unem os diferentes tipos de empresas. A tipologia das relações estabelecidas no tecido produtivo têxtil/vestuário que iremos propôr baseia-se nos factores desencadeadores da desconcentração referidos, na eficiência técnica da estrutura produtiva, na gestão da força de trabalho empregada (sinteticamente, pois posteriormente será matéria a ser desenvolvida), na estrutura territorial correspondente e, sobretudo, nas relações estabelecidas no interior e exterior deste tecido industrial local. Assim, iremos subdividir a análise em (quadro 3.1):

a - as relações de subcontratação à volta de um centro evidente de organização da produção;

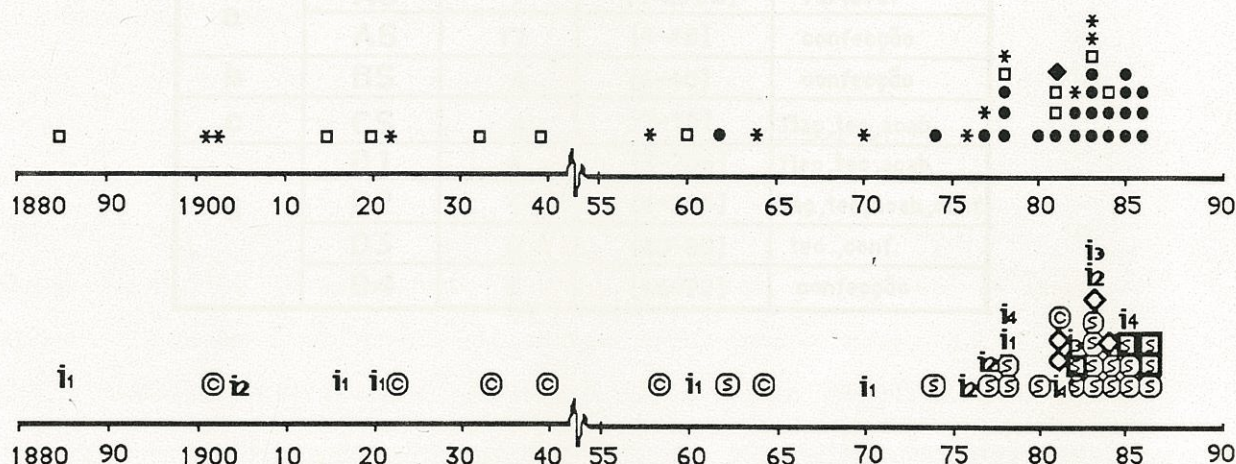
b - as relações de subcontratação e os outros agentes de contratação;

c - as relações de subcontratação para responder a exigências tecnológicas;

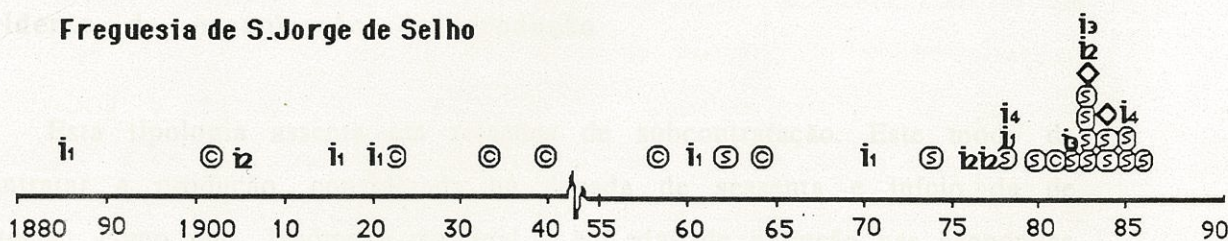
d - as empresas não implicadas em relações de subcontratação — as independentes.

GRAFICO 3.2 - Dinâmica e tipologia das empresas têxteis/vestuário nas freguesias de S.Jorge de Selho e Mesão Frio,1985/86.

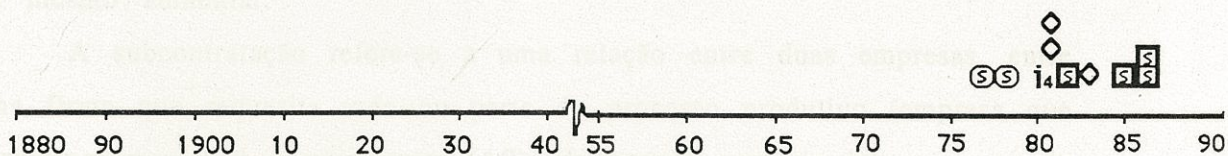
Freguesias de S.Jorge de Selho e Mesão Frio



Freguesia de S.Jorge de Selho



Freguesia de Mesão Frio



Tipo	Empresas:	
AC	contratante	©
AS	subcontratada	Ⓢ
BS	subcontratada	Ⓢ
CS	subcontratada	◆
D1	independente	i1
D2	independente	i2
D3	independente	i3
D4	independente	i4

Actividade predominante

- Fiação,tecel.,acabam.
- Confecção
- * Fiação,tecel.,acabam,conf.
- ◆ comercial

Fonte: inquérito realizado,1985/86.

QUADRO 3.1- Organização e segmentação do processo produtivo na indústria têxtil/vestuário na freguesia de S.Jorge de Selho e Mesão Frio,1985/86.

Tipos de relações	Tipos de empresas	nº de empresas	nº médio de pessoas serv.	Actividade predominante
a	AC	7	[4-2782]	variável
	AS	17	[4-48]	confeção
b	BS	4	[6-40]	confeção
c	CS	4	[7-15]	fiaç,tec,acab
d	D1	6	[3-756]	fiaç,tec,acab
	D2	4	[4-296]	fiaç,tec,acab,conf.
	D3	2	[40-80]	tec.,conf.
	D4	3	[16-72]	confeção

a - As relações de subcontratação à volta de um centro evidente de organização da produção

Esta tipologia assenta em relações de subcontratação. Este modo de contratar a produção, considerada na década de sessenta e início da de setenta como um fenómeno marginal e em vias de extinção nas economias capitalistas avançadas, dada a racionalização e verticalização da produção que se estava a operar, mostra, a partir de então, tendências para persistir ou mesmo aumentar.

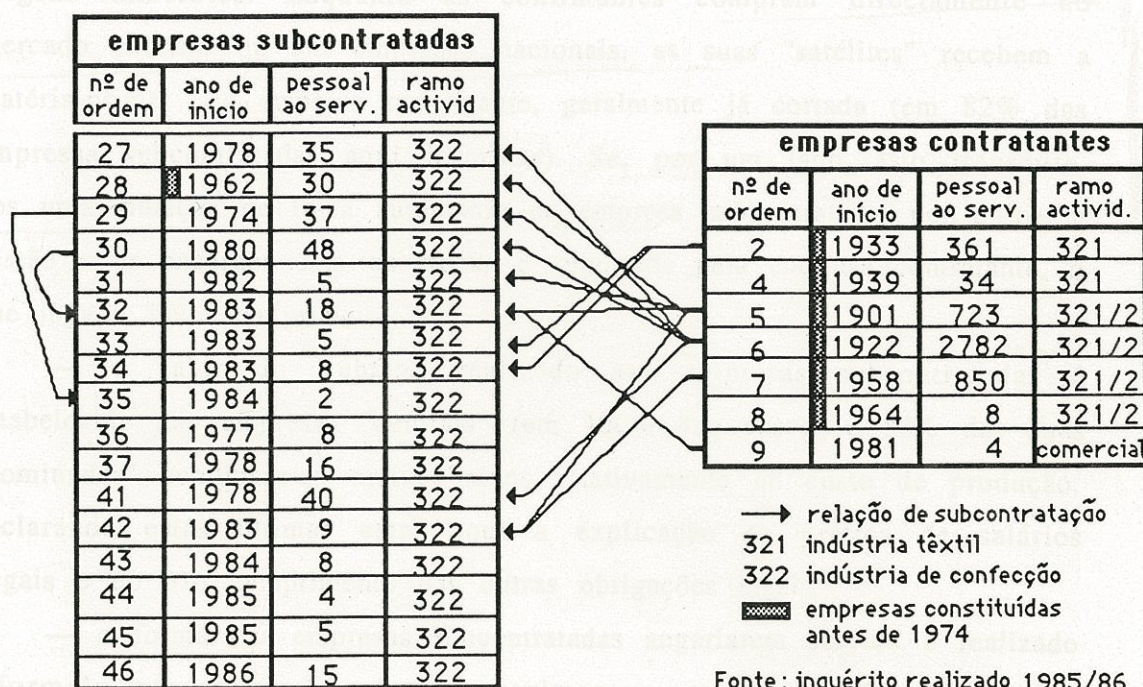
A subcontratação refere-se a uma relação entre duas empresas, entre uma firma que requesita todo ou parte do processo produtivo (empresa que denominaremos AC) a uma outra (AS), de acordo com os interesses ou os planos da primeira — "...to a situation where the firm offering the subcontract requests another independent enterprise to undertake the production or carry out the processing of a material component part or subassembly for it according to specifications or plans provided by the firm offering the subcontract." (Holmes,1986:84). Esta denominada forma "secundária" de organização da produção e do emprego irá apresentar um

papel relevante e tem um significado diferente na reestruturação industrial, tanto à escala nacional como internacional.

A organização do sistema produtivo desenrola-se segundo uma estrutura em árvore; o tronco é representado pela empresa contratante, que subcontrata a outras empresas — às subcontratadas — alguma(s) fase(s) do processo produtivo, as quais, subcontratadas, por sua vez, poderão também subcontratar ainda as mesmas e/ou outras fases a outras empresas. Ainda que, na nossa amostra, predominem empresas contratadas com um grande número de pessoas ao serviço, isso não parece ser uma norma: podemos encontrar desde uma empresa com mais de 2500 pessoas ao serviço até uma outra com apenas 4 pessoas. Relativamente às subcontratadas a dimensão é mais uniforme: todas as empresas em análise apresentam menos de 50 pessoas ao serviço, demonstrando a pequena dimensão que geralmente estas empresas apresentam (em média, 17 pessoas ao serviço) — quadro 3.2.

Esta estrutura organizativa supõe relações de dominação/subordinação que poderão transparecer no regime de ocupação das empresas subcontratadas, nos preços praticados, no conhecimento de quem os estipulou, na origem das matérias primas,... ; supõe também, geralmente, a segmentação do mercado de trabalho entre as empresas "centrais" e as suas "satélites"; no entanto, isso não significa que empresa subcontratada seja sinónimo de emprego "subterrâneo". A procura de um mercado de trabalho flexível e de baixo custo joga um papel preponderante nesta subcontratação, mas pode assumir modalidades distintas, o que será objecto de uma análise cuidada posterior.

QUADRO 3 Segmentação do processo produtivo na indústria têxtil/vestuário nas freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio ,1985/86.



Fonte: inquérito realizado, 1985/86

Nesta estrutura podemos inserir cerca de 51% das empresas da nossa amostra: 14.9% são empresas contratantes — constituem "tronco de árvore" produtivo — e 36.2% subcontratadas⁴. As relações de subcontratação dominam esta organização produtiva, transparecendo relações de subordinação das empresas subcontratadas relativamente às contratantes, como foi referido. Estas relações podem ser detectadas a vários níveis:

— a maioria das empresas subcontratadas inseridas nesta tipologia (65%) declara não poder planificar o seu regime de ocupação — tempo exclusivamente dedicado à produção — e lamenta a irregularidade na entrega de trabalho por parte das empresas contratantes, provocando períodos de semi-ocupação e/ou desocupação, correspondentes à exteriorização de ocupação descontínua. A planificação das actividades na empresa contratante vai determinar os diferentes níveis de actividade na subcontratada sem que qualquer planificação em conjunto ou qualquer

⁴ Relativamente ao concelho, e em termos percentuais, as empresas subcontratadas devem ultrapassar o valor assinalado e as contratadas não o devem atingir.

aviso antecipado seja realizado, fomentando formas de concorrência horizontal.

— a matéria-prima utilizada por estes dois tipos de empresas tem origens diferentes. Enquanto as contratantes compram directamente no mercado externo ou em empresas nacionais, as suas "satélites" recebem a matéria-prima da empresa contratante, geralmente já cortada (em 82% das empresas subcontratadas aqui inseridas). Se, por um lado, isto transmite-nos uma situação de fraca autonomia da empresa subcontratada, por outro, a gestão e os encargos com os stocks é suportada pela empresa contratante, o que joga a favor da primeira;

— o valor do trabalho realizado nas empresas subcontratadas é estabelecido nas empresas "centrais" (em 100% dos casos) e 88% das suas "dominadas" condidera-os muito baixos relativamente ao custo de produção, declarando estas últimas estar aqui a explicação da prática de salários ilegais e do não cumprimento das outras obrigações legais;

— a forma das empresas subcontratadas angariarem serviço é realizado informalmente, através de conhecimentos pessoais, familiares ou profissionais — ex-colegas, ex-patrões, ou os próprios empresários são ainda operários ou empregados da empresa contratante. Os empresários das empresas "satélites" declararam que em momentos de menor procura a concorrência é terrível e que "batem a todas as portas" na procura de serviço;

— a concepção dos produtos está a cargo das empresas contratantes em 100% dos casos e o transporte de mercadorias é realizado em 29% das vezes também pela empresa contratante (65% das empresas subcontratadas têm veículo próprio e 6% pedem emprestado), demonstrando a dependência e a debilidade das empresas "secundárias".

A debilidade destas é também confirmada pela quase total ausência, dentro da empresa, dos serviços de reparação e manutenção de equipamento e dos serviços de contabilidade. Nas empresas subcontratadas o próprio empresário tem um papel importante nestas actividades: em 41% e em 12% das empresas são os próprios empresários ou seus familiares que, respectivamente, executam as reparações e fazem a contabilidade. Esta, na empresa subcontratada é mesmo executada pela contratante em 2 dos casos, realçando, mais uma vez, a dependência das primeiras relativamente às

segundas. Assim, enquanto as empresas subcontratadas recorrem a serviços localizados no exterior, as empresas contratantes possuem esses serviços na própria empresa (quadro 3.3).

QUADRO 3.3 - Localização de alguns serviços de apoio à indústria têxtil/vestuário da freguesia de S.Jorge de Selho e Mesão Frio, 1985/86.

Alguns serviços de apoio à indústria	contabilidade		reparação.equipamento	
	empresa contratante	empresa subcontratada	empresa contratante	empresa subcontratada
A empresa tem pessoal ao serviço especializado	90%	5.9%	90%	-
Recorrem a serviços externos à empresa (excepto às contratantes)	10%	82.4%	10%	100%
Recorrem à empresa contratante	-	11.8%	-	-
São os próprios empresários que executam	10%	11.8%	10%	41%

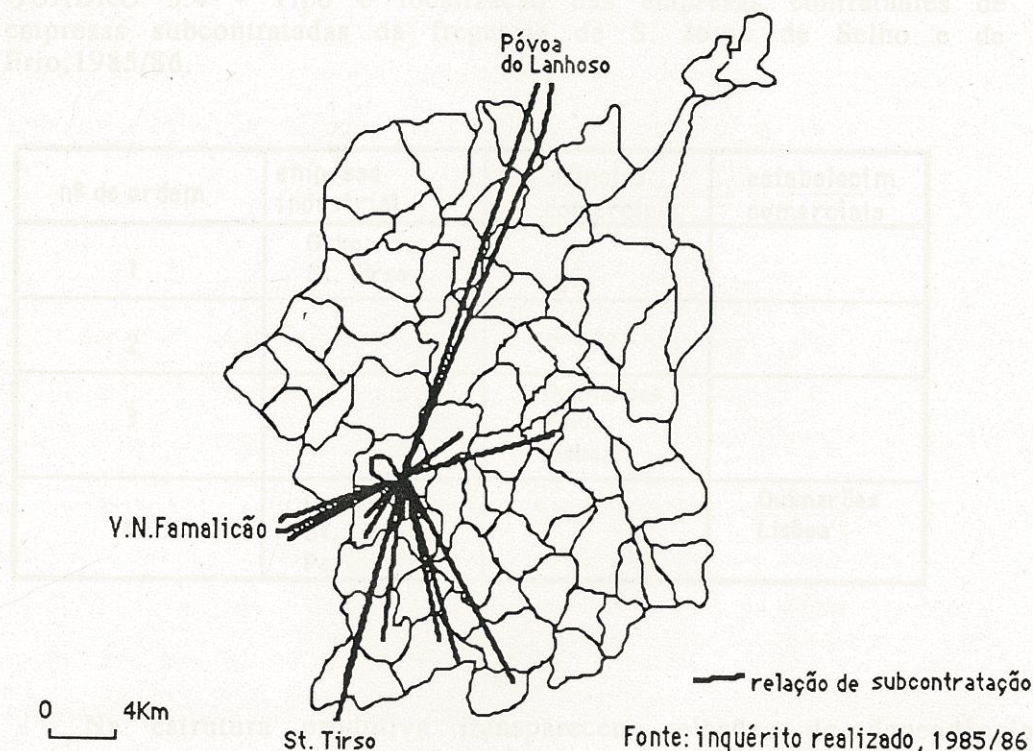
Fonte: inquérito às empresas

Uma outra forma de analisar a dependência ou a autonomia de uma empresa poderá ser através do acesso directo ou não ao mercado. Às empresas contratantes corresponde o acesso directo ao mercado nacional e/ou externo e, logo, uma maior autonomia; às subcontratadas corresponde o acesso indirecto e, logo, uma maior dependência. Além disso, todo o sistema de informação — sobre a moda, cores, processos de fabrico,... — se processa via empresa contratante; é ela que está no Mercado, nas Feiras, nas Associações Patronais,..., enfim, é quem recebe as informações e quem dita as regras às suas "satélites".

Territorialmente, estas empresas "secundárias" situam-se, na maioria das vezes, à volta do seu núcleo polarizador. Na amostra, 70.6% (12 empresas) das empresas subcontratadas inseridas nesta tipologia produzem exclusivamente para empresas localizadas no concelho de Guimarães, 23.5% (4 empresas) para uma empresa localizada no concelho contíguo de Famalicão e 5.9% (1 empresa) para uma empresa do concelho de Felgueiras. Analisando a estrutura locativa das relações de subcontratação (mapa 3.1) podemos comprovar que são curtas as distâncias percorridas no vaivém quase diário de entrega e/ou recebimento de mercadorias. Estas relações, na maioria das vezes, só admitem curtas distâncias, de forma a que os custos de

transportes não pesem nos custos totais de produção e as trocas sejam facilitadas.

MAPA 3.1 - Localização das empresas subcontratadas de uma empresa contratante localizada na freguesia de S. Jorge de Selho, 1985/86.



b - As relações de subcontratação e os outros agentes de contratação

Nesta estrutura produtiva está ausente um centro evidente de organização local à volta do qual gravitam algumas empresas. As relações estabelecidas são igualmente de subcontratação, mas poderão extravasar largamente o Vale do Ave, criando estruturas de dependência a empresas e/ou agências comerciais localizadas não só em Guimarães mas também no Porto ou no estrangeiro (quadro 3.4). A dinâmica deste tipo de organização produtiva, sobretudo no início da actividade, associa-se ao escasso capital necessário ao desenvolvimento da actividade e à abundância e precariedade da força de trabalho, que admite longas jornadas de

trabalho não remuneradas em momentos de maior procura, que chegam a atingir três dias consecutivos só com pausas para refeições e 4 a 5 horas para dormir.

Na nossa amostra podemos identificar quatro empresas (8.5%) deste tipo — as do tipo BS.

QUADRO 3.4 - Tipo e localização das empresas contratantes de quatro empresas subcontratadas da freguesia de S. Jorge de Selho e de Mesão Frio, 1985/86.

nº de ordem	empresa industrial	agências comerciais	estabelecim. comerciais
1	Guimarães St. Tirso		
2		Porto	
3		Guimarães Porto Lisboa	
4	Guimarães St. Tirso Porto		Guimarães Lisboa

Na estrutura produtiva transparecem relações de dependência das empresas subcontratadas relativamente às contratantes, mas esta subordinação não atinge as características da tipologia anterior, denotando-se uma eficiência técnica superior, maiores capacidades, melhores perspectivas de futuro:

— o "design de moda" é concebido nas agências ou empresas contratantes, enquanto o modelismo, na maioria das vezes, está a cargo das subcontratadas;

— a matéria prima é adquirida nas empresas locais e não é fornecida pelas contratantes;

— as empresas subcontratadas possuem veículos próprios e o transporte de mercadorias é realizado por elas e/ou pelas contratantes em função dos interesses mútuos;

— no entanto, em 50% dos casos (2 empresas) os preços do trabalho subcontratado é da responsabilidade única da empresa contratante e ainda

são considerados baixos relativamente ao custo de produção em também 2 das 4 empresas subcontratadas.

Os serviços de reparação e de contabilidade estão, na maioria das vezes, a cargo, respectivamente, de unidades externas localizadas na cidade de Guimarães e de contabilistas locais (da própria freguesia ou da cidade) em regime de "part-time". A debilidade económica expressa pelas empresas subcontratadas do sistema em "árvore" é muito superior à destas pequenas empresas; todas declararam apresentar uma situação económica razoável e uma contabilidade organizada (aqui, o capital da empresa não se mistura com os rendimentos do agregado familiar dos empresários).

c - As relações de subcontratação para responder a exigências tecnológicas

Neste caso, especificidade e a complexidade técnica e a exigência de capital fixo de certas produções são, mais do que as motivações de carácter laboral, os factores desencadeadores da exteriorização. Este tipo (CS) supõe geralmente um aumento da eficiência do sistema. Na amostra em análise temos exemplo de quatro empresas (8.5% das empresas), todas elas constituídas depois de 1980, que se dedicam : duas à indústria dos bordados, uma à estampania e outra à fiação; actividades em geral desenvolvidas segundo uma tecnologia e/ou numa dimensão que não justifica uma localização concentrada. Na nossa amostra, cinco empresas contratam frequentemente este tipo de fases produtivas e não planeiam a sua inserção na empresa.

Estas empresas não mantêm, em geral, relações de subordinação unilaterais, ainda que, na maioria das vezes, sejam empresas subcontratadas. Produzem para empresas locais e os preços são estabelecidos por consenso ou, então, pela empresa que realiza a encomenda, sendo na maioria das vezes considerados correctos. São, quase sempre, empresas de pequena dimensão (quadro 3.1) que recorrem a serviços de reparação de equipamento e de contabilidade exteriores, possuindo um sistema de gestão bem organizado. Ainda que não tenham

acesso directo ao mercado, estão bem informadas sobre a sua evolução e sobre os processos de fabrico.

d - As empresas não implicadas em relações de subcontratação — as independentes.

A estrutura segmentada da organização da produção e do mercado de trabalho via subcontratação, ainda que seja preponderante, não esgota os laços que unem os diferentes tipos de empresas. O que se passa com as empresas "independentes" e "mistas" é a questão que nos irá agora ocupar (15 empresas, 31.9% das entrevistas). A integração no tecido industrial local obtém-se não através de forças de dependência/dominação mas, sobretudo, através de relações comerciais de compra/venda de matérias-primas e/ou de produtos semi-manufacturados. Os preços são negociados e a maioria das vezes são considerados correctos pelas duas partes.

Neste grupo de empresas podemos, no entanto, detectar, pelo menos, quatro tipos diferentes, segundo a fase produtiva desenvolvida e, por vezes, o ano de início de actividade:

D1) Empresas que só fabricam fases de montante no processo produtivo têxtil/vestuário (fiação, tecelagem e acabamentos), vendendo a produção a empresas locais, que irão adicionar as fases de jusante, e/ou ao mercado nacional grossista — 6 empresas. Compreende tanto empresas constituídas no início da industrialização da têxtil do algodão e com muito pessoal ao serviço, como empresas familiares de pequena dimensão dos anos sessenta e setenta;

D2) Empresas que realizam todo ou quase todo o processo produtivo sem exteriorizarem qualquer segmento, dedicando-se à fiação, tecelagem, acabamentos e confecção de têxteis-lar (4 empresas). Embora predominando na amostra unidades de reduzida dimensão (4,20,20 indivíduos) esse facto parece não ser discriminante (uma tem 296 pessoas ao serviço);

D3) Empresas de média dimensão (40 e 80 pessoas ao serviço), formadas nos finais dos anos setenta e início dos de oitenta, que realizam todo o

processo produtivo sem exteriorizarem qualquer segmento, dedicando-se à tecelagem e à confecção de vestuário exterior — 2 empresas;

D4) Empresas de pequena e média dimensão (72,16 e 20 pessoas ao serviço), criadas nos finais dos anos setenta e anos oitenta, que só se dedicam à confecção, actividade a jusante do processo produtivo, sempre de vestuário exterior, adquirindo a matéria-prima sobretudo nas empresas locais — 3 empresas.

Relativamente ao mercado de trabalho, se às empresas do tipo D1 e D2 correspondem, a maioria das vezes, situações regulares na aplicação da legislação laboral, nas do tipo D3 e D4, atitudes legais misturam-se com irregularidades na prática das tabelas salariais, inscrição e/ou pagamento do Fundo de Desemprego e Segurança Social, contratos, ...; segmentação esta que será objecto de posterior análise.

Todas as empresas possuem transporte próprio e os serviços de reparação e manutenção do equipamento e de contabilidade existem internamente ou não, segundo a dimensão e a estrutura de custos da unidade industrial que o justifique. Relativamente à concepção dos produtos, no tipo D1 e D2, verificam-se situações distintas: nas grandes empresas está a cargo de pessoal interno e representa, na maioria das vezes, cópias ou adaptações de colecções criadas no exterior; nas pequenas a experiência anterior dita o produto a fabricar. As empresas dos tipos D3 e D4 concebem os próprios produtos, ainda que através de cópias com algumas adaptações, do "design de moda" estrangeiro. É de notar que nos dois últimos anos tem-se registado uma tendência no sentido de aumentar o "design de moda" nacional, de forma a aumentar a competitividade nacional; a indústria portuguesa apercebeu-se que os produtos fabricados, ao serem muito semelhantes aos criados e produzidos no exterior, tinham menos hipóteses de venda; a novidade, o diferente, vende melhor, segundo a opinião dos inquiridos.

A maioria das empresas são unidades sólidas, atentas ao desenrolar do mercado, mantendo-se informadas através de revistas e de uma frequência assídua nas Feiras nacionais e estrangeiras do sector, e com boas perspectivas no futuro.

Um sistema produtivo coeso, onde se supõem relações estritas, de subcontratação ou não, está conforme com o modelo territorial disperso. Curtas distâncias entre as empresas e entre o local de residência e o de trabalho da mão de obra são factores importantes na diminuição dos custos, directa ou indirectamente, da produção. Assim, a desconcentração da produção, que se tem verificado nos últimos anos, está a contribuir para a manutenção e a expansão desse modelo de localização.

Relativamente aos factores de localização que levaram os fundadores a optarem pela localização nesta área, reparamos que 55% dos empresários inquiridos, ao serem questionados sobre os factores que condicionaram os investimentos na localização neste concelho e nestas freguesias, declararam serem naturais e/ou residentes das mesmas (quadro 4.1), possuidores por vezes terrenos e/ou instalações próprias. No entanto, a tradição regional têxtil irá aparecer como factor crucial na localização e na opção de actividade a investir, para o que contribuíram obviamente os mecanismos de transmissão de conhecimentos profissionais, que iremos referir. A possibilidade de usufruir de mão-de-obra especializada e as pequenas distâncias entre as diferentes unidades têxteis/variáveis, facilitando as relações entre elas (por exemplo as relações de subcontratação), evidenciam, conjuntamente com os factores enunciados, a integração local deste sector produtivo.

A maioria dos empresários desta área e desta indústria é natural e sempre reside neste concelho, frequentemente na freguesia em que está localizada a unidade industrial (quadro 4.1 e mapa 4.1). A habitação muito perto da empresa parece ser uma norma, sobretudo em S. Jorge do Seixo, o que se articula com a origem e expansão desta indústria: tanto no passado como na actualidade, inicia-se a actividade no anexo, cave ou garagem da própria habitação; se antes era com um ou dois teares manuais, hoje é com o que?

4 - Os agentes produtivos: investidores e gestores

A percepção das perspectivas da indústria têxtil/vestuário desta área passa pelo conhecimento dos seus representantes empresariais, com especial incidência para o "novo" empresário. As origens dos investimentos iniciais, os factores que levaram a realizá-los neste sector e nesta área, o carácter empreendedor e inovador, as qualificações literárias e profissionais dos empresários, numa óptica temporal e integrada nos contextos socioculturais, serão alguns elementos a ser questionados.

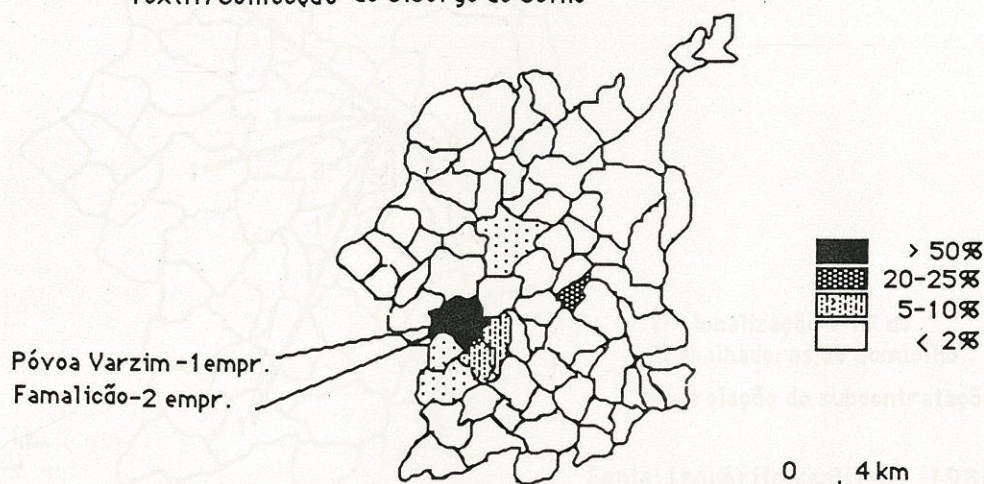
Relativamente aos factores de localização que levaram os fundadores a optarem pela localização nesta área, reparamos que 55% dos empresários inquiridos, ao serem questionados sobre os factores que condicionaram os investidores na localização neste concelho e nestas freguesias, declararam serem naturais e/ou residentes das mesmas (quadro 4.1), possuindo por vezes terrenos e/ou instalações próprias. No entanto, a tradição regional Têxtil irá aparecer como factor crucial na localização e na opção da actividade a investir, para o que contribuíram obviamente os mecanismos de transmissão de conhecimentos profissionais, que iremos referir. A possibilidade de usufruir de mão-de-obra especializada e as pequenas distâncias entre as diferentes unidades Têxteis/Vestuário, facilitando as relações entre elas (por exemplo as relações de subcontratação), evidenciam, conjuntamente com os factores enunciados, a integração local deste sector produtivo.

A maioria dos empresários desta área e desta indústria é natural e sempre residiu neste concelho, frequentemente na freguesia em que está localizada a unidade industrial (quadro 4.1 e mapa 4.1). A habitação muito perto da empresa parece ser uma norma, sobretudo em S. Jorge de Selho, o que se articula com a origem e expansão desta indústria: tanto no passado como na actualidade, inicia-se a actividade no anexo, cave ou garagem da própria habitação; se antes era com um ou dois teares manuais, hoje é com o que?

uma ou duas máquinas "corte-cose". Assim, a habitação, mesmo a do grande empresário, e a indústria misturam-se no território; são visíveis vistas e grandes vivendas mesmo ao lado, no mesmo lote e pertencendo ao mesmo proprietário, de blocos industriais, de linhas rectilíneas, de grande dimensão, ou pequenas vivendas, cujas caves ou garagens servem de instalação para pequenas confecções.

MAPA 4.1-

Freguesias de residência (‰) dos empresários da indústria Têxtil/Confecção de S.Jorge de Selho



Fonte: inquérito realizado, 1985/86.

QUADRO 4.1 - Os Factores de localização mencionados pelos empresários das indústrias têxteis/vestuário, das freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio (1985/6).

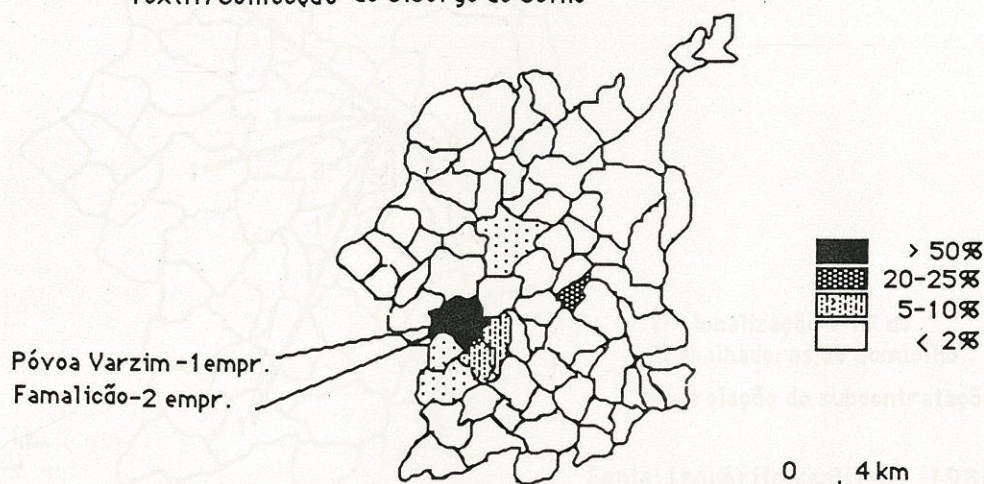
Factores de localização	S.Jorge Selho				Mesão Frio		TOTAL	
	1885...1973		1974...1986		1974...1986		1885...1986	
		‰		‰		‰		‰
Naturalidade/residência dos fundadores	11	84.6	13	54.2	2	20.0	26	55.3
Disponibilidade de instalações próprias	-	-	8	33.3	3	30.0	11	23.4
para alugar	-	-	7	29.2	6	60.0	13	27.7
empréstadas	-	-	3	12.5	-	-	3	6.4
Localização próxima da empresa contratante	-	-	3	12.5	-	-	3	6.4
Área tradicional da Têxtil	13	100.	21	87.5	-	-	34	72.3
Fundador é ou foi oper. ou emp. da ind. têxt./loc	9	69.2	13	54.2	7	70.0	29	61.7
Outros	-	-	-	-	1	10.0	1	2.1
TOTAL de empresários inquiridos	13		24		10		47	

Fonte: Inquérito às empresas

uma ou duas máquinas "corte-cose". Assim, a habitação, mesmo a do grande empresário, e a indústria misturam-se no território; são visíveis vistas e grandes vivendas mesmo ao lado, no mesmo lote e pertencendo ao mesmo proprietário, de blocos industriais, de linhas rectilíneas, de grande dimensão, ou pequenas vivendas, cujas caves ou garagens servem de instalação para pequenas confecções.

MAPA 4.1-

Freguesias de residência (‰) dos empresários da indústria Têxtil/Confecção de S.Jorge de Selho



Fonte: inquérito realizado, 1985/86.

QUADRO 4.1 - Os Factores de localização mencionados pelos empresários das indústrias têxteis/vestuário, das freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio (1985/6).

Factores de localização	S. Jorge Selho				Mesão Frio		TOTAL	
	1885...1973		1974...1986		1974...1986		1885...1986	
		‰		‰		‰		‰
Naturalidade/residência dos fundadores	11	84.6	13	54.2	2	20.0	26	55.3
Disponibilidade de instalações próprias	-	-	8	33.3	3	30.0	11	23.4
para alugar	-	-	7	29.2	6	60.0	13	27.7
emprestadas	-	-	3	12.5	-	-	3	6.4
Localização próxima da empresa contratante	-	-	3	12.5	-	-	3	6.4
Área tradicional da Têxtil	13	100.	21	87.5	-	-	34	72.3
Fundador é ou foi oper. ou emp. da ind. têxt./loc	9	69.2	13	54.2	7	70.0	29	61.7
Outros	-	-	-	-	1	10.0	1	2.1
TOTAL de empresários inquiridos	13		24		10		47	

Fonte: Inquérito às empresas

O facto de o edifício de habitação dos empresários e os edifícios da unidade industrial coincidirem em 30% dos casos entrevistados, de as instalações construídas especificamente para fins industriais representarem só 36% do total de instalações e, em contrapartida (quadro 4.2), haver adaptações de espaços muito diversificados — garagens, anexos, caves ou mesmo espaços habitacionais — para instalações industriais, evidenciam o carácter pouco exigente, em termos técnicos e sócio-culturais no que se refere à selecção dos locais laborais e, sobretudo, a flexibilidade que a indústria de confecção, muito mais que a indústria têxtil, apresenta em termos de instalações.

QUADRO 4.2 - Instalações utilizadas para fins industriais — têxteis/vestuário — nas freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio (1985/6).

Tipo de instalações utilizadas para fins industriais	S. Jorge Selho				Mesão Frio		TOTAL	
	1885...1973		1974...1986		1974...1986		1885...1986	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Edifício construído para fins industriais	10	76.9	6	25.0	1	10.0	17	36.2
Garagens, anexos, caves, habitação, ...	3	23.1	18	75.0	9	90.0	30	63.8
TOTAL	13	100.	24	100.	10	100.	47	100.

Fonte: Inquérito às empresas

A disponibilidade de instalações é assim um factor importante nesta opção locativa. Enquanto em S. Jorge de Selho predominam as instalações próprias (33.3%), seguidas das de aluguer (29.2%), não sendo de desprezar a importância assumida pelas instalações emprestadas (12.5%), em Mesão Frio a disponibilidade de instalações de aluguer (60%) é um factor muito importante, em prejuízo das próprias (30%). Naturalmente que a isto não está alheio o facto de S. Jorge de Selho pertencer a um dos centros concelhios mais dinamizadores e mais antigos desta actividade — Pavidém — e Mesão Frio apresentar uma dinâmica industrial recente, que aponta para um esgotamento das instalações disponíveis na cidade de Guimarães, também centro tradicional da Têxtil, e a expansão desta actividade ao longo da Estrada Nacional de ligação a Fafe e a Felgueiras, à procura de instalações para alugar, acessíveis ao centro de Guimarães.

Tanto no passado como no presente a tradição regional Têxtil (quadro 4.1) é o factor mais mencionado pelos empresários quando questionados sobre as razões que os levaram a investir neste ramo e nesta região. Entre os "novos e velhos" fundadores das empresas locais

predominam mobilidades ascendentes de assalariados, não necessariamente de cargos de supervisão da produção ou de administração ou comercialização, não sendo raro a associação entre familiares e/ou colegas de trabalho com vista a uma complementariedade de especializações. Parece, no entanto, de realçar nos últimos anos a cultura industrial e o ambiente de euforia, explicado pelos "bons" momentos que este sector está a atravessar; desde tecelões, afinadores, costureiras, escriturários, vendedores,..... todos consideram ter chegado o momento de se tornarem pequenos empresários.

Toda uma cultura e uma técnica industrial Têxtil parece ser o ambiente social destes ex-assalariados ou filhos ou netos de ex-assalariados actualmente empresários.

Como vemos, tendo como base a nossa amostra, a dinâmica actual, em termos locativos está a acompanhar os traços que têm vindo a ser delineados desde finais do século passado. Há um desenvolvimento endógeno, baseado na mobilização de recursos locais — empresários naturais e/ou residentes na área, disponibilidade de instalações, proximidade de outras unidades produtivas têxteis/vestuário, oferta de mão de obra especializada — e na tradição regional nestes ramos, evidenciando a integração local da indústria têxtil/vestuário, ainda que fortemente inserida em espaços sucessivamente mais vastos, como já referimos.

Outra característica importante, tanto no passado como no presente, é a importância das relações familiares na constituição das sociedades e na gestão da empresa. As unidades industriais são constituídas, quase todas, por accionistas familiares (só em três empresas as relações familiares estão ausentes) e a sua gestão está a cargo de alguns dos seus membros — o agregado familiar está na base da mobilização de capitais e na gestão do património industrial.

QUADRO 4.3 - Origens do capital inicial ao investimento na indústria têxteis/vestuário nas freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio (1985/6).

Origens do capital inicial	S. Jorge Selho				Mesão Frio		TOTAL	
	1885...1973		1974...1986		1974...1986		1885...1986	
		%		%		%		%
Poupança Pessoal	9	69.2	19	79.2	4	40.0	32	68.1
Poupança Familiar	3	23.1	6	25.0	2	20.0	11	23.4
Poupança proveniente da Emigração	-	-	4	16.7	2	20.0	6	12.8
Poupança proveniente da Ex-Colónias	-	-	-	-	1	10.0	1	2.1
Empréstimo Familiar	-	-	-	-	2	20.0	2	4.3
Empréstimo Bancário	-	-	3	12.5	3	30.0	6	12.8
Herança	1	7.7	-	-	-	-	1	2.1
Empréstimos de amigos ou ex-patrões	5	38.5	2	8.3	-	-	7	14.9
TOTAL de empresários inquiridos	13		24		10		47	

Fonte: Inquérito às empresas

Analisemos então a(s) fonte(s) do capital inicial ao investimento (quadro4.3). A poupança individual ou a familiar surgem-nos, tanto no passado como no presente, evidenciadas relativamente às outras fontes. No entanto, o investimento realizado depois de 1974 apresenta, nas duas freguesias em análise, comportamentos diferentes: enquanto em S. Jorge de Selho sobressai uma forte "coesão" familiar em redor do investimento — cerca de 79% das empresas surgiram de capitais provenientes de poupanças individuais (como as sociedades são geralmente de base familiar, estas poupanças individuais representam poupanças dos diferentes membros da família accionistas) e de poupanças de outros elementos da família não accionistas (20% das empresas) —, em Mesão Frio são as poupanças individuais (40%) e/ou o empréstimo bancário (30%) que têm a maior representatividade.

Assim, enquanto em S. Jorge de Selho o investimento inicial, tanto no passado como no presente, foi e é realizado com base em capitais locais, sem que um século tenha alterado a(s) origens do capital necessário ao investimento, em Mesão Frio o recurso ao empréstimo bancário parece denunciar uma outra forma de "exercer" a valorização do capital, menos auto-suficiente.

QUADRO 4.4 - A importância do empréstimo bancário para as empresas têxteis/vestuário das freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio (1985/6).

Empréstimo bancário	S. Jorge Selho				Mesão Frio	
	1885...1973		1974...1986		1974...1986	
		%		%		%
Já recorreu-total	11	84.6	10	41.7	6	60.0
não consegui			3	12.5		
Aguarda empréstimo					1	10.0
Nunca recorreu-total	2	15.4	14	58.3	4	40.0
não teve necessidade	1	7.7	12	50.0	2	20.0
não está informado	1	7.7				
os juros são altos			1	4.2	1	10.0

Fonte: Inquérito às empresas

Para uma melhor clarificação do comportamento diferencial verificado, comparemos a frequência do recurso ao empréstimo bancário dos empresários das duas freguesias, segundo a antiguidade da empresa (quadro 4.4):

— As empresas constituídas antes de 1974, a maioria dedicando-se à indústria Têxtil (92.3%) e sendo de grande dimensão, recorreram praticamente todas (84.6%) ao empréstimo bancário, sobretudo com vista à substituição do equipamento obsoleto — algumas gozam de credibilidade bancária, outros há que, atendendo à grande quantidade de pessoal que empregam, aguardam ou já estão a decorrer programas de reequipamento sustentado pelo crédito, com vista a evitar a falência e o implícito despedimento.

— As "novas" empresas de S. Jorge de Selho mostram-se mais auto-suficientes em termos financeiros, já que cerca de 58% nunca recorreu a qualquer empréstimo bancário, contrapondo-se às de Mesão Frio, em que este valor desce para 40%. Se, por um lado, se pode evidenciar a capacidade financeira das "novas" empresas da primeira freguesia, por outro lado, este valor tão baixo de recurso ao crédito pode significar, ainda que não o tenha sido expressamente declarado pelos inquiridos, falta de conhecimentos e/ou um certo "medo" e/ou relutância em investir sem ser com capital próprio.

decorrentes da forte concorrência externa, não possível de ser enfrentada com um equipamento inevitavelmente obsoleto, e que, por isso, se apóiam no crédito para a viabilização económica da empresa.

¹ Traçada no capítulo 5.

QUADRO 4.5 - A importância do não recurso ao empréstimo bancário nas pequenas empresas têxteis/vestuário das freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio.

nº de pessoas ao serviço	S. Jorge Selho				Mesão Frio		TOTAL		
	1885...1973		1974...1986		1974...1986		1885...1986		
	total	não	total	não	total	não	total	não	%
< 20	3	1	15	10	9	4	27	15	55.5
20 - 50	2	1	7	2	1		10	3	30.0
51 - 100	1		2	1			3	1	33.3
101 - 500	3						3		
501 - 1000	3						3		
>1000	1						1		
TOTAL	13	2	24	13	10	4	47	19	40.4

Fonte: Inquérito às empresas

A dimensão da empresa parece ser também um factor preponderante no comportamento da empresa face ao empréstimo bancário (quadro 4.5). Assim, 55% das empresas com menos de 20 pessoas ao serviço nunca recorreram ao empréstimo bancário (61% em S. Jorge e 44% em Mesão) ; a necessidade de mobilizar pequenas somas de capital para o investimento em pequenas confecções, sobretudo subcontratadas, capital esse possível de ser angariado no seio da família, contribui para a explicação da fraca necessidade de apoio exterior no que se refere ao pequeno investimento.

Temos ainda de acrescentar que todas as empresas são o resultado da mobilização de recursos locais, não se verificando a instalação de unidades industriais provenientes do exterior nem mesmo qualquer associação de capitais locais e externos.

Tentando articular o que foi dito sobre o comportamento face ao investimento com a tipologia de organização da produção¹ e o ramo de actividade a que se dedicam, podemos afirmar, em linhas gerais, que o sistema produtivo se encontra segmentado em:

1) empresas têxteis contratantes ou independentes (dos tipos AC, D1 e algumas D2) fundadas há muitos anos com base em recursos financeiros individuais, a enfrentar nos últimos anos graves problemas económicos decorrentes da forte concorrência externa, não possível de ser enfrentada com um equipamento incrivelmente obsoleto, e que, por isso, se apoiam no crédito para a viabilização económica da empresa;

¹ Tratada no capítulo 3.

2) empresas de confecção de têxteis-lar e de vestuário-interior, sobretudo subcontratadas por empresas locais (do tipo AS), constituídas nos últimos dez anos, com base em capitais próprios, que exercem a sua actividade industrial sem recorrerem ao crédito bancário, a maioria mantendo-se no sistema produtivo em situação instável e dependente;

3) empresas de confecção de vestuário-exterior, subcontratadas por agências comerciais nacionais e/ou por empresas ou agências estrangeiras (do tipo BS), e empresas independentes (dos tipos D3 e D4) produzindo directamente para o mercado nacional e externo, que recorreram e/ou ainda recorrem ao crédito no investimento industrial conjuntamente com capitais próprios, encontrando-se integradas no sistema produtivo local sem que estejam estabelecidas relações de dependência, ainda que estas relações se realizem a outra escala com os mercados estrangeiros ou as agências nacionais, como já referimos;

4) empresas subcontratadas, respondendo a necessidades técnicas do sistema produtivo (do tipo CS), que recorreram ou ainda recorrem ao crédito bancário e que não mantêm relações de dependência no tecido produtivo.

O papel da família na iniciativa empresarial não se limita ao financiamento do investimento industrial, mas está também presente na própria gestão da empresa — a indústria apresenta-se no território, em parte, como resultado de estratégias familiares. Assim, devemos notar que, além das sociedades serem constituídas quase todas por elementos da mesma família (quadro 4.6), a própria gestão da empresa também está a cargo do núcleo familiar.

No "organigrama" das grandes empresas a gestão está estruturada em grandes secções que estão a cargo dos diferentes elementos da família — director da administração, director comercial, director da produção, director de "design" de moda,... — de forma a que todas as áreas estejam sob o control familiar/empresarial e de modo a facilitar e melhorar a gestão num ambiente de poucos conflitos familiares. Há mesmo, nas grandes empresas, estratégias familiares antecipadas na formação literária que futuramente os filhos dos accionistas, futuros empresários, irão tirar. Assim, os cursos superiores dos futuros e já de alguns actuais empresários das grandes empresas são, ou foram, planeados dentro do núcleo familiar de forma

consciente, contemplando os gostos pessoais, os interesses da empresa e contribuindo para uma formação heterógenea no seio da família e, logo, da empresa.

Em algumas empresas a organização da gestão está obviamente facilitada pela sua reduzida dimensão: um dos elementos da família, na maioria das vezes do sexo feminino, organiza a produção interna e o outro elemento, na maioria das vezes do sexo masculino, responsabiliza-se pelos contactos externos. Relativamente às estratégias familiares de formação literária apontadas, em relação ao caso anterior, ainda que algumas destas empresas tenham sido constituídas com vista a assegurar o futuro dos filhos, estes mostram-se pouco interessados, planeando um futuro relacionado com o curso que estão a tirar, escolhido sem qualquer planificação estratégica, independentemente, portanto, da empresa dos pais.

QUADRO 4.6 - Relações familiares dos accionistas das empresas têxteis/vestuário, das freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio (1985/6).

Relações Familiares dos Investidores	S.Jorge Selho				Mesão Frio		TOTAL	
	1885...1973		1974...1986		1974...1986		1885...1986	
	n.º empresas	%	n.º empresas	%	n.º empresas	%	n.º empresas	%
Quase todos os indivíd. da sociedade são Famil.	10	76.9	11	45.8	4	40.0	25	53.2
Não há rel. familiares nos accionistas	1	7.7	1	4.2	1	10.0	3	6.4
Empresas só com um accionista	2	15.4	12	50.0	4	40.0	18	38.3
????	-	-	-	-	1	10.0	1	2.1
TOTAL	13	100.	34	100.	10	100.	47	100.

Fonte: Inquérito às empresas

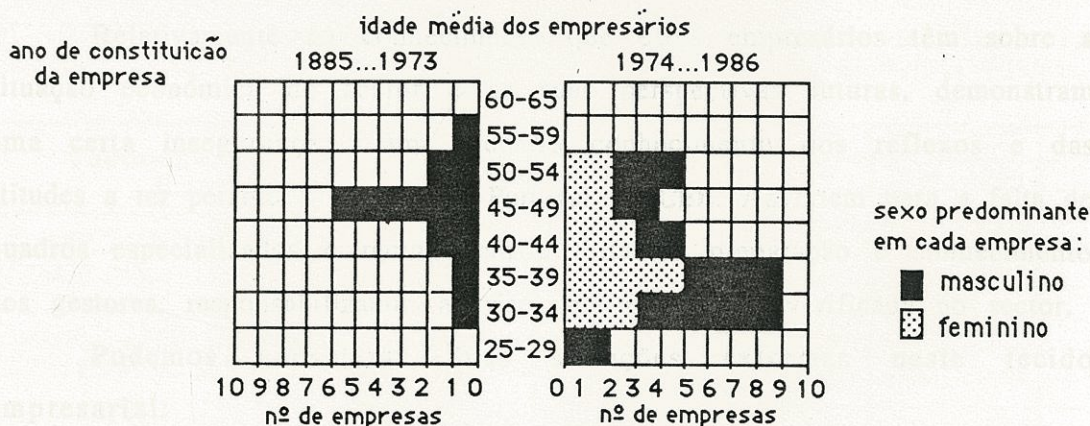
A dinâmica industrial depois de 1974 é vertiginosa — ao nível concelhio e nas duas freguesias em análise mais de 60% das empresas surgiram nos últimos anos. Se, por um lado, este surto de nascimentos de empresas está a gerar uma "nova classe" empresarial, por outro lado, a tradição têxtil desta área deixa-nos os filhos e os netos dos dinâmicos e inovadores fundadores da têxtil algodoeira do século passado e deste século. A caracterização do empresário desta indústria irá naturalmente incidir nestas duas épocas e será conjugada com a tipologia das empresas que lhes está predominantemente associada.

Perfil dos empresários das empresas constituídas antes de 1974

São 46 os empresários actuais das 13 empresas constituídas antes de 1974, num total de 56 accionistas. Apresentam uma estrutura etária muito diversificada, dos 25 aos 80 anos, embora a idade média dos empresários de cada empresa ronde predominantemente os 45-49anos (quadro 4.7), são praticamente todos do sexo masculino e correspondem, sobretudo, aos filhos e netos (ou bisnetos) dos fundadores da indústria têxtil local (só 5 são empresários fundadores). Possuem como habilitações literárias o 3º, 4º ou 5º ano das Escolas Industriais ou Comerciais, com 40 a 50 anos, e cursos Médios tirados no Estrangeiro ou cursos Superiores em Portugal, quando são mais jovens (quadro 4.8). A maioria deles iniciou a sua formação profissional na empresa da família (só 5 é que foram assalariados de outras empresas — 38%).

QUADRO 4.7 -

Idade média e sexo predominante dos empresários da indústria Têxtil/confeccção de S. Jorge de Selho e Mesão Frio, 1985/6



Fonte: inquerito realizado, 85/86

QUADRO 4.8 - Habilitações Literárias dos empresários das indústrias têxteis/vestuário, das freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio (1985/6).

Habilitações Literárias dos Empresários	S. Jorge Selho				Mesão Frio		TOTAL	
	1885...1973		1974...1986		1974...1986		1885...1986	
	n.º empresas	%	n.º empresas	%	n.º empresas	%	n.º empresas	%
4ª classe	6	12.5	15	48.4	5	38.5	26	45.4
2º ano do liceu	-	-	-	-	3	23.1	3	6.8
3º - 5º ano do liceu	7	14.6	2	6.5	2	15.4	11	9.1
3º - 5º ano da Esc.Comercial/Industrial	11	22.9	7	22.6	1	7.7	19	18.2
7º ano do liceu	7	14.6	2	6.4	1	7.7	10	6.8
Maqistério	1	2.1	3	9.7	-	-	4	-
Curso Têxtil (médio) no estangeiro	2	4.2	-	-	-	-	2	-
Curso Superior	13	27.1	-	-	-	-	13	6.8
Outros	1	2.1	2	6.4	1	7.7	4	6.8
Total	48	100.	31	100.	13	100.	92	100.

NOTA: não foram consideradas 2 empresas por serem filiais de uma outra já anotada

Fonte: Inquérito às empresas

Estes empresários são responsáveis pela actividade de empresas contratantes (AC) e independentes (do tipo D1 e D2) — 69% e 23% respectivamente e só uma subcontratada — , que se dedicam à fiação e/ou tecelagem e/ou acabamentos, ou são empresas verticais (desde a fiação à confecção), geralmente de grande dimensão — 54% com mais de 250 pessoas ao serviço —, cuja forma jurídica predominante é a sociedade por quotas (77%).

Relativamente ao conhecimento que estes empresários têm sobre a situação económica do sector e as suas perspectivas futuras, demonstram uma certa insegurança e um precário conhecimento dos reflexos e das atitudes a ter perante a entrada de Portugal na CEE. Advertem para a falta de quadros especializados e reconhecem a falta de preparação e conhecimento dos gestores, responsabilizando a crise pela má gestão verificada no sector.

Podemos considerar duas situações extremas neste tecido empresarial:

— empresários a gerir empresas com uma excelente situação financeira, com óptimas perspectivas futuras, apoiados num quadro de técnicos superiores bem informados, exemplificando ou não uma excelente gestão familiar, que conscientes da situação e do futuro deste sector, se mostram interessados e tomam iniciativas com vista a uma posição mais agressiva no Mercado (uma maior qualidade de fabrico com pessoal qualificado usufruindo de salários e de regalias sociais legais);

— empresários a gerir pequenas ou grandes empresas em péssima situação financeira (por vezes com equipamento obsoleto ou com dívidas contraídas na expansão e no reequipamento, por vezes desmedido), mal informados, com uma visão do negócio muito limitada, que não acompanharam o decorrer do Mercado ou que, pela situação que mantêm no sistema produtivo, não têm qualquer noção do seu funcionamento.

Empresários de empresas constituídas depois de 1974

São quarenta e sete os empresários de trinta e quatro empresas constituídas depois de 1974. A estrutura etária e a idade média dos empresários de cada uma destas empresas é mais jovem do que a dos empresários atrás analisados, predominando os de 30 a 40 anos (quadro 4.7); o sexo feminino, contrariando a tendência anterior, tem aqui um forte contributo. Possuem como habilitações literárias a 4ª classe (45.4%) ou entre o 3º e o 5º Ano da Escolas Industrial ou Comercial (18.2%) — quadro 4.8 — e correspondem sobretudo a ex-assalariados ou ainda actualmente assalariados de empresas têxteis locais — quadro 4.9.

QUADRO 4.9 - Formação profissional dos empresários das indústrias têxteis/vestuário, das freguesias de S. Jorge de Selho e Mesão Frio (1985/6).

Formação Profissional dos Empresários	S. Jorge Selho				Mesão Frio			
	1885...1973		1974...1986		1974...1986		1974...1986	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Ex-operário Têxtil	1	2.1	20	64.5	6	46.2	26	59.1
Ex-empregado Têxtil	2	4.2	5	16.1	4	30.8	9	20.5
Operário Têxtil em actividade			2	6.5			2	4.5
Empregado Têxtil em actividade			2	6.5	1	7.7	3	6.8
Iniciou a actividade na empresa da família	43	89.6	2	6.5	2	15.4	4	9.1
Outros	2	4.2						
TOTAL	48	100.	31	100.	13	100.	44	100.

NOTA: não foram consideradas 2 empresas por serem filiais de uma outra já anotada

Fonte: Inquérito às empresas

Estes empresários são responsáveis pela actividade de empresas subcontratadas (AS,BS,CS) e independentes (D2,D3,D4) — 24 e 7

respectivamente — sobretudo da indústria de confecção, com pouco pessoal ao serviço (menos de 50 indivíduos) em unidades industriais registadas, na maioria das vezes, em nome individual.

Como a maioria das empresas do concelho iniciou a sua actividade depois de 1974 podemos dizer que a maioria dos empresários da Têxtil/Vestuário em Guimarães corresponde a antigos assalariados de empresas locais ou familiares destes que deixaram o seu emprego (ou ainda não) na Têxtil, de livre vontade, depois de terem amealhado algumas poupanças. A importância da poupança proveniente da emigração (6 emigrantes e um "retornado" das ex-colónias — 15% dos novos empresários) é muito importante no suporte desta dinâmica industrial recente. Em S. Jorge de Selho (quadro 4.9) a "escola" dos novos empresários parece já estar montada; o aparecimento de treze empresas num total de trinta e quatro — 38% — (mais uma, mas de 1962), esteve directa ou indirectamente ligado com a formação profissional realizada em outras cinco empresas também aí localizadas — o tecido industrial auto-reproduz-se através da auto-profissionalização dos seus futuros empresários. Assim, se às empresas constituídas antes de 1974 correspondem empresários germinados sobretudo em alfores familiares da Indústria Têxtil local, às actuais associam-se assalariados ou ex-assalariados oriundos das anteriores.

QUADRO 4.10 -

Mobilidade socio-profissional dos "novos" empresários da indústria Têxtil/Confecção da freguesia de S. Jorge de Selho, 1985/86.

o "novo" empresário

nº de ordem	ano de início	ligação profissional	ramo activid	tipo
11	1878	ex-operário	321	independ.
15	1983	ex-emp. escritório	321/322	independ.
19	1978	ex-operário	322	independ.
27	1978	é contabilista	322	subcontr
28	1962	ex-operário	321/322	subcontr
29	1974	ex-encarregado conf.	322	subcontr
30	1980	sócios comuns	322	subcontr
31	1982	ex-operário	322	subcontr
32	1983	ex-emp. escritório	322	subcontr
33	1983	ex-operário	322	subcontr
34	1983	é operário	322	subcontr
41	1978	marido-operário	322	subcontr
44	1985	é afinador	322	subcontr
45	1985	é encarregado comerc.	322	subcontr

empresas de origem

nº de ordem	ano de início	ramo activid.	tipo
14	1920	321/2	independ
2	1933	321	contrat
3	1915	321	contrat
5	1901	321	contrat
6	1922	321	contrat

→ laços profissionais
321 empresa têxtil
322 empresa de confecção

Fonte: inquérito realizado

O esquema é, na generalidade, este (quadro 4.10):

— o assalariado, do sexo masculino, na indústria Têxtil local monta a sua pequena empresa na sua própria habitação com a sua esposa, também ex-assalariada da Têxtil, e com dois ou três aprendizes com 14 a 16 anos. A esposa será a encarregada da organização do trabalho interno e o transporte e comercialização da produção fica a cargo, a tempo parcial, do ainda assalariado da Têxtil, melhor posicionado e, por isso, mais bem informado sobre o mercado (muitas vezes contabilista, responsável pela comercialização, chefe de armazém,...). Para estes empresários o emprego corresponde à necessidade de estabilidade no rendimento económico da família e a pequena empresa responde à ambição de trabalhar por conta própria, tão comum neste ambiente sociocultural de cariz rural, e à necessidade de usufruir um maior rendimento. Assim, quando a empresa atinge uma certa dimensão (pelo volume de vendas que transacciona) e permite estabilidade económica, sem grandes riscos — geralmente dois anos depois de ser constituída — o assalariado, ou abandona o seu posto de trabalho para se dedicar exclusivamente à sua própria empresa, ou mantém-se, porque reconhece estar aí a sua fonte de informação e de

conhecimento indispensáveis à sobrevivência do seu pequeno negócio. No entanto, a grande ambição destes empresários é trabalhar sem dependências, criar a própria "marca" e produzir directamente para o mercado.

QUADRO 4.11- Actividade profissional dos empresários na empresa

Actividade dos empresários na empresa	S. Jorge Selho				Mesão Frio			
	1885...1973		1974...1986		1974...1986		1974...1986	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Só accionista	58	55.8	4	11.4	5	7.1	9	17.0
sócio-gerente	40	38.5	9	25.7	6	42.8	15	28.3
Tarefas só de direcção								
escritorário/contabilista/...	6	5.8	5	14.3	3	21.4	8	15.1
fazem o que for preciso			17	48.6	4	28.6	21	39.6
TOTAL	104	100.	35	100.	18	100.	53	100.

NOTA: não foram consideradas 2 empresas por serem filiais de uma outra já anotada

Fonte: Inquérito às empresas

Outro factor importante para a caracterização deste tecido industrial é a função dos empresários nas suas empresas (quadro 4.11). O facto de terem sido, ou serem, assalariados da Têxtil tem naturalmente reflexos na função que desempenham na empresa. Estes "novos" empresários, na maioria das vezes, além da função de gerência realizam tarefas directamente produtivas e têm uma concepção do negócio mais produtivista e imediatista do que empresarial e planificada. A maioria faz o que for preciso: procura serviço, organiza o trabalho, ajuda a executá-lo (corta, cose, faz a revista e embala), e transporta a produção ao seu destino.

Assim, a ausência de planificação a médio ou a longo prazo, o desconhecimento dos custos e benefícios, a falta de coordenação e a ausência de objectivos é vulgar. Como me dizia um empresário: "se alguns de nós mal sabe fazer contas, como é que pode fazer a contabilidade ou a planificação".

Relativamente ao conhecimento da situação do sector e perspectivas futuras, mostram-se pouco conscientes e remetem estas informações para os empresários das empresas que os contratam. A importância das feiras Nacionais e Internacionais, da entrada no Mercado Comum, das atitudes futuras de forma a manter e a aumentar a competitividade no Mercado externo não fazem parte do horizonte da maioria destes empresários. Outros

há que, embora conscientes dos problemas do sector (sobretudo contabilistas, vendedores,...) através da informação obtida na empresa onde, por vezes, são ainda assalariados, não têm capacidade produtiva para concorrerem no mercado Internacional, o que os leva a manterem-se na situação de dependência das empresas contratantes.

Ainda que a maioria desta classe empresarial corresponda a operários e empregados da Indústria Têxtil Local que conseguem juntar um pequeno capital e montar uma pequena empresa (na maioria das vezes de confecção na cave, na garagem, no anexo da sua própria casa ou no rés-do-chão da habitação desocupada de um emigrante), não queremos com isto dizer que não existam empresários dinâmicos, conhecedores e com perspectivas dentro do sector. É o caso do empresário ex-assalariado de uma grande empresa, numa profissão estratégica em termos de informação sobre o sector (que lhe permite ter acesso ao mercado Nacional/Internacional) ou ex-vendedor/comissionista por conta própria ou filho de um empresário têxtil, ou com habilitações literárias superiores (tais como: engenheiros têxteis, economistas,...), conscientes das potencialidades do sector, sobretudo da confecção, criam uma empresa com uma linha de fabrico de "design" próprio e com pessoal qualificado, tendo em vista o mercado Nacional ou estrangeiro exigente em qualidade. São em geral personagens com capacidades financeiras superiores, através de capital próprio ou de credibilidade bancária, de carácter empreendedor e inovador, assíduos frequentadores das Feiras Nacionais e Internacionais relacionadas com o ramo.

Assim, a dinâmica empresarial recente é viabilizada pela segmentação/exteriorização do processo produtivo, pelo posicionamento que estes "novos" empresários aí ocupam. A questão em aberto está no saber se esta rede empresarial local envolvida no sector industrial dominante Têxtil-Vestuário apresenta capacidades dinamizadoras e criadoras do seu próprio espaço no mercado externo ou, pelo contrário, se apresenta muito dependente das estratégias desse mercado. Há potencialidades empresariais a nível local — em termos de iniciativa, capital, vontade de investir, conhecimentos no campo produtivo — mas falta-lhe informação sobre o gosto, as exigências, os preços e a localização do mercado e sobre a

organização do trabalho, técnicas de fabrico,... Como dizem os próprios empresários: "nós sabemos e temos capacidades produtivas, só que não estamos capacitados, ainda, para criar regras para impôr no mercado" (cor, tecidos ou malhas, "design," enfim, a moda). Um importante papel neste campo, sobretudo informativo e formativo, poderiam ter as associações industriais e os próprios municípios, de forma que as indústrias mais incipientes se tornassem mais sólidas e vissem o futuro menos sujeito às vicissitudes das outras empresas ou do mercado.

5 - Os agentes produtivos: trabalhadores e área de emprego

Depois de termos analisado a componente histórica da indústria Têxtil/Vestuário, a organização da produção industrial, o tecido produtivo e a gestão da força de trabalho e a capacidade de investimento, as características da empresa,.... na actualidade e numa perspectiva local, ainda que tendo em consideração os mecanismos externos que a condicionam, é altura de debruçarmo-nos sobre o "sistema de emprego local" (Gambier, Vernieres, 1982:136-149).

A análise e evolução recente do "mercado de trabalho" em Portugal em termos de "sistema de emprego" foi objecto de estudo de M^a João Rodrigues (1987); "sistema de emprego" é definido como "l'ensemble organisé des structures, des agents et des mécanismes économiques et sociaux qui modèlent l'usage et la circulation de la main-d'oeuvre en interaction avec les processus de (re)production de cette main-d'oeuvre". Nesta perspectiva e recorrendo à análise factorial baseada num conjunto heterogéneo de variáveis (as caracterizadoras dos tipos de empresas, da organização e gestão da mão de obra, da estrutura da negociação colectiva, da inserção no sistema produtivo, da estrutura demográfica, das características do "mercado de trabalho" e da estrutura produtiva), o sector Têxtil/Vestuário é descrito como (1987:343): o principal pólo de especialização portuguesa em que predominam as empresas privadas do tipo SARL e de pequenas dimensões, com uma fraca importância da terciarização e do enquadramento técnico; uma indústria intensiva em mão de obra, caracterizada por recorrer essencialmente ao sexo feminino muito jovem, de fraca qualificação profissional, de rudimentar escolaridade, de baixos salários, com um forte peso de aprendizes, havendo uma quase ausência de remunerações suplementares e de prémios de antiguidade, em que os contratos a prazo

e a ausência de qualquer contrato e/ou outro tipo de trabalho clandestino são práticas frequentes; estas características não estão alheias ao tecido social das áreas em que estas actividades se desenrolam (distrito do Porto, Braga, Aveiro, Leiria) — uma forte implantação industrial conjugada com a pluriactividade, sobretudo na agricultura, e com a presença de abundantes e flexíveis reservas de mão de obra são condições suficientes para manter a competitividade.

Como refere ainda M^a João Rodrigues (1986:346-350) a configuração e a diferenciação da relação salarial, entendida como o conjunto de "l'ensemble des conditions juridiques et institutionnelles qui régissent l'usage du travail salarié, ainsi que la reproduction des conditions d'existence des travailleurs" (Boyer,1984:9-30), permitem determinar a posição do aparelho produtivo nacional na nova divisão do trabalho. No entanto, as análises sectoriais tratadas ao nível de distrito escondem uma heterogeneidade de comportamentos, que poderão ser detectadas por um estudo aprofundado, designadamente até ao nível da empresa ou atendendo às relações e estruturas profissionais, já que esta desagregação nos elucida sobre a diferencial lógica de gestão da mão de obra (Rodrigues,1986:350).

Refira-se que a utilização do conceito de "sistema de emprego" contém uma vasta discussão das teorias disponíveis sobre o mercado de trabalho; desde o conceito neo-clássico de mercado de trabalho, das teorias da segmentação ou da análise (neo)marxista, ou das teses "regulacionistas", busca-se um novo posicionamento, integrando muito do que está implícito antes, cuja inovação reside no entendimento interrelacionado das estratégias de gestão/uso da força de trabalho por parte da procura, nas formas de regulação institucional desse(s) uso(s) e nas modalidades de reprodução dessa força de trabalho.

A vantagem da análise dos sistemas de emprego locais introduz, na nossa perspectiva, novos enfoques que ultrapassam o nível sectorial (agregado à escala nacional) e meso-espacial da análise, para tentar compreender, ao nível local e empresarial, a interrelação entre as condicionantes gerais do sistema (regulação nacional, inserção no mercado internacional, condições técnicas de produção,...) e as estruturas sócio-produtivas locais e historicamente definidas.

A especificidade do sistema local de emprego interliga-se com o contexto social local:

- a tradição histórica da indústria Têxtil;
- a vitalidade demográfica;
- a alta taxa de actividade explicada por uma entrada precoce da mulher no mercado de trabalho e pela sua forte participação;
- a pluriactividade e o plurirrendimento proveniente dos salários da indústria e de outras proveniências (da agricultura, pensões, reformas, remessas de emigrantes, património familiar,...), geridos no interior de agregados familiares numerosas de forma a manter níveis de rendimento e de consumo satisfatórios¹;
- a existência de redes apertadas de parentesco e de entreaajuda privilegiando o papel da família e dos laços de vizinhança e amizade em desfavor de outras associações, designadamente a sindical;
- o forte peso da habitação alugada, de fracas condições e de renda baixa, juntamente com fortes estrangulamentos nas formas de acesso à habitação²;
- finalmente, uma configuração territorial complexa que traduz a mistura e a dispersão das actividades e do povoamento, apoiada e catalisada por uma rede viária muito ramificada e densa, onde predominam os movimentos pendulares de curta distância, maioritariamente realizados a pé.

A procura de força de trabalho parece transparecer mais do que dois, três, ou mais segmentos estabelecidos segundo o nível de salários, a estabilidade no emprego, a especificidade das qualificações, uma pluralidade de situações, de uma diversidade de lógicas de organização e de gestão da mão de obra. Assim, procuraremos explicitar as diferenciações tendo em atenção o reforço da regulação institucional da

¹ c.f. Domingues, 1986; Magalhães, 1984.

² c.f. Domingues, A., Marques, T., 1987; Cardoso, A. (1985)

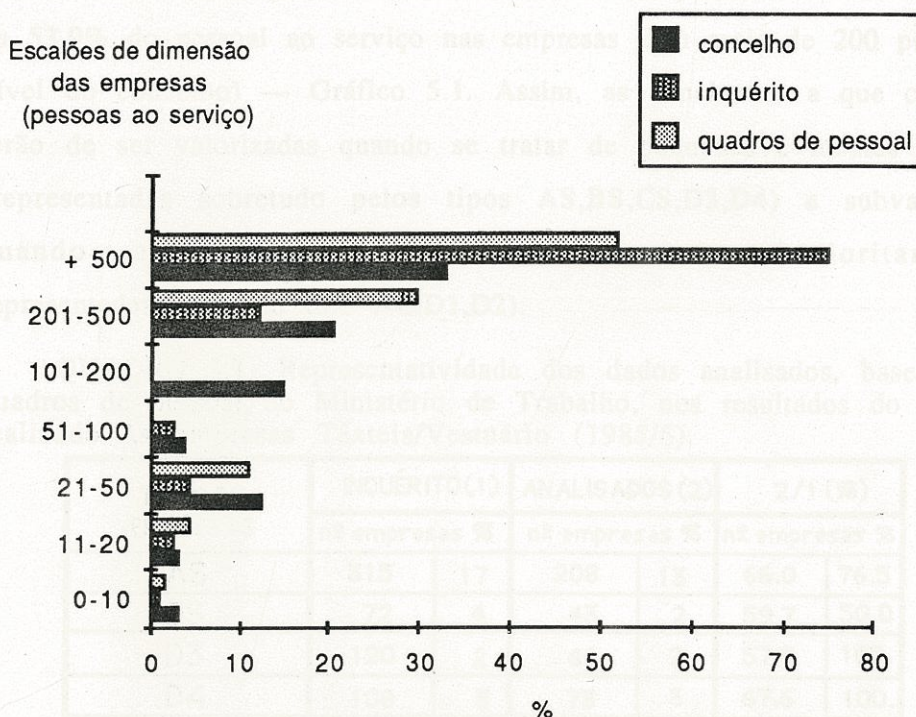
gestão da mão de obra³, a manutenção e/ou expansão da competitividade dos produtos Têxteis/Vestuário no mercado Internacional, atendendo aos tipos de empresas, processos de fabrico, as características do produto e da procura, em suma ao lugar que cada empresa mantém na organização da produção⁴, num contexto sócio-económico local/regional específico. No entanto, os sistemas locais de emprego deverão ser analisados segundo uma perspectiva dinâmica já que todo o desenvolvimento industrial se reflectirá no próprio desenvolvimento desses mesmos mercados.

No concelho de Guimarães, o emprego na indústria Têxtil/Vestuário além de representar 49% da população activa com profissão (INE,1981), registou na década de setenta um aumento, da ordem dos 7%, contrariando a tendência do Continente. São indústrias onde a componente do sexo feminino se está a tornar cada vez mais forte, 56% dos activos em 1981 em relação aos 53% em 1970 (INE), assim como a importância dos jovens activos.

³ Segundo a nova legislação laboral: os despedimentos foram proibidos, salvo nos casos de justa causa (sujeitos à averiguação dos tribunais de trabalho) e de despedimento colectivo (sujeitos ao parecer do Ministério de Trabalho); o direito à greve foi instaurado; o horário de trabalho semanal foi determinado em 45 h no máximo e o período de férias foi instituído; aumentaram os serviços sociais, assim como as pessoas por eles abrangidas; o subsídio de desemprego e o salário mínimo legal são outras das novidades.

⁴ capítulo 3

GRAFICO 5.1- Pessoal ao Serviço na indústria Têxtil/Vestuário, segundo a dimensão dos estabelecimentos, no concelho de Guimarães, nas freguesias inquiridas e nos quadros de pessoal do Ministério do Trabalho analisados (1985/6).



O nosso inquérito abrangeu 6811 trabalhadores, 19.2% do pessoal ao serviço no concelho de Guimarães nestas indústrias (1985/86)⁵. Convém novamente referir que relativamente ao concelho de Guimarães estamos a sobrevalorizar as empresas de grande dimensão e a subvalorizar as jovens pequenas e médias empresas, donde devemos, nas conclusões a que chegarmos, ter isto em atenção (gráfico 5.1). A análise que vamos desenvolver em seguida baseia-se sobretudo nos quadros de pessoal do Ministério de Trabalho e compreende cerca de 49% do pessoal aí inscrito (2791 trabalhadores), correspondendo segundo o inquérito realizado a 41%⁶ dos activos das indústrias localizadas nestas freguesias, distribuídos

⁵ Segundo o inquérito realizado às unidades industriais Têxteis/Vestuário em duas freguesias, o inquérito aos presidentes das juntas de freguesia do concelho e os dados recolhidos no Ministério do Trabalho.

⁶ A desigualdade entre o nº de pessoas ao serviço registadas no Ministério do Trabalho e os resultados do inquérito realizado deve-se a diferentes factores: algumas empresas não entregam os quadros de pessoal no Ministério, nem todos os trabalhadores constam dos Quadros de Pessoal, algumas empresas estão inscritas no Ministério com uma denominação a que não tivemos acesso, nem foi possível detectar.

pelos diferentes tipos de empresas (quadro 5.1). Não comprometendo a análise baseada na tipologia das empresas, só vamos considerar 38.4% do pessoal das empresas com mais de 200 pessoas ao serviço, representando mesmo assim estas grandes empresas 81.7% do pessoal em estudo (contra os 53.9% do pessoal ao serviço nas empresas com mais de 200 pessoas ao nível do concelho) — Gráfico 5.1. Assim, as conclusões a que chegarmos terão de ser valorizadas quando se tratar de pequenas e médias empresas (representadas sobretudo pelos tipos AS,BS,CS,D3,D4) e subvalorizadas quando analisarmos as grandes empresas (maioritariamente representadas pelas do tipo AC,D1,D2).

QUADRO 5.1- Representatividade dos dados analisados, baseados nos quadros de pessoal do Ministério de Trabalho, nos resultados do inquérito realizado às empresas Têxteis/Vestuário (1985/6).

TIPOS DE EMPRESAS	INQUÉRITO(1)		ANALISADOS(2)		2/1(%)	
	nº empresas	%	nº empresas	%	nº empresas	%
AS	315	17	208	13	66.0	76.5
BS	72	4	43	2	59.7	50.0
D3	120	2	69	2	57.5	100.
D4	108	3	73	3	67.6	100.
CS	39	4	32	3	82.0	75.0
AC	4735	7	1032	5	21.8	71.4
D1	1082	6	1003	3	92.7	50.0
D2	340	4	331	3	97.3	75.0
TOTAL	6811	47	2791	34	41.0	72.3

Relativamente à evolução do pessoal ao serviço nestas indústrias nos últimos anos, os comportamentos diferem de empresa para empresa e de tipo para tipo de empresa. No entanto, em linhas gerais, as tendências dividem-se sobretudo em dois sentidos (gráfico 5.2 e 5.3): enquanto que na maioria das grandes empresas contratantes (AC) e nas independentes que se dedicam só às actividades de montante do processo produtivo ou a todo o processo produtivo de fabricação de têxteis-lar (D1 e D2), se registou uma estagnação ou ligeiras alterações; nas empresas subcontratadas (AS, BS, CS), nas independentes que se dedicam à confecção de vestuário exterior (D3 e D4) e nas novas e pequenas empresas contratantes (AC) correspondeu a criação de novos postos de trabalho. Dito de uma outra forma, as grandes e antigas empresas

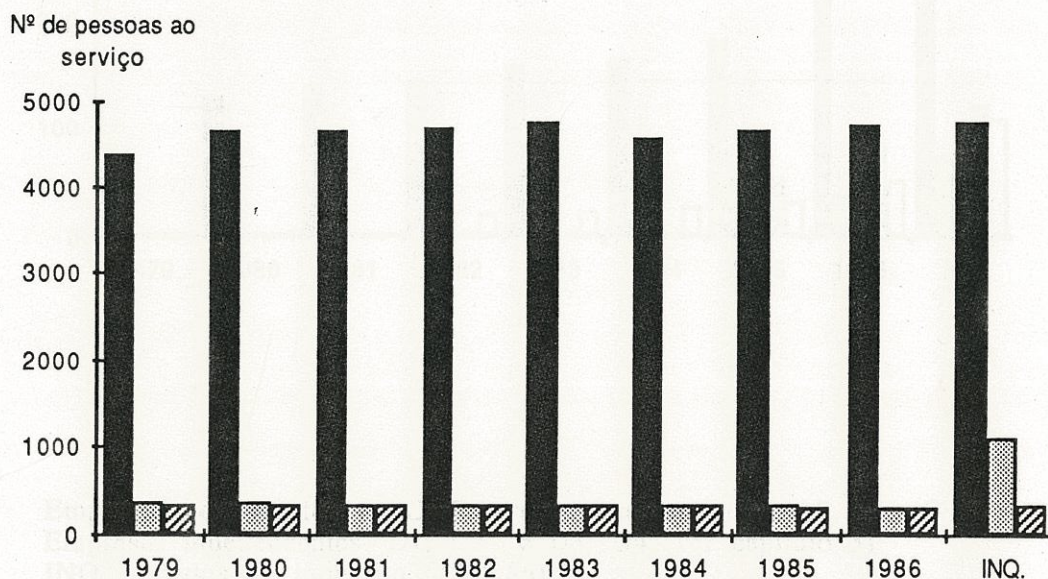
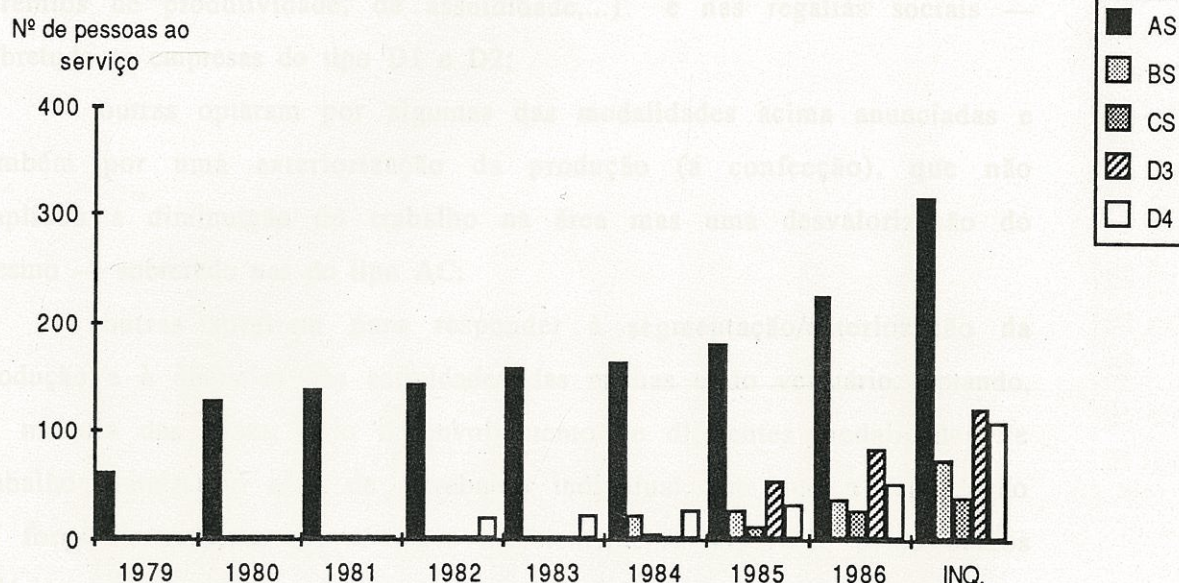


GRAFICO 5.3- Evolução do pessoal ao serviço nos diferentes tipos de empresas subcontratadas (AS, BS, CS) e em alguns dos tipos de empresas independentes (D3,D4).



Empresas contratantes - AC; Empresas subcontratadas AS, BS, CS;
Empresas independentes- D1, D2 e D3, D4 (ver capítulo 3)
INQ. - dados do inquérito (1985/86)

FONTE: Ministério do Trabalho⁷ e inquérito realizado

Já no terceiro capítulo fizemos supôr que a segmentação/exteriorização da produção registada nos últimos anos estava, na maioria das vezes, aliada à procura de uma maior flexibilidade e de um menor custo da força de trabalho. As reacções das empresas face à nova relação salarial e à necessidade de manter e de aumentar a competitividade externa foram e são diferentes:

— algumas optaram pelo endividamento, pelo impasse, que por vezes dura já à cerca de 12 anos, entre a reconversão e a falência, pelo despedimento ou a estagnação do pessoal ao serviço, pelos salários em atraso (Rodrigues,1986:362), pela esperança de um apoio estatal, por uma

⁷ Das 47 empresas inquiridas e em funcionamento nos respectivos anos não conseguimos obter dados do Ministério de: 12-1979, 12-1980, 10-1981, 15-1982, 16-1983, 17-1984, 13-1985, 16-1986. Isto não significa que não estivessem inscritas, podendo não ter entregue os Quadros de Pessoal obrigatórios.

diminuição dos salários reais dos trabalhadores, através da travagem no regime de promoções por qualificação, nas prestações suplementares (prémios de produtividade, de assuidade,...) e nas regalias sociais — sobretudo as empresas do tipo D1 e D2;

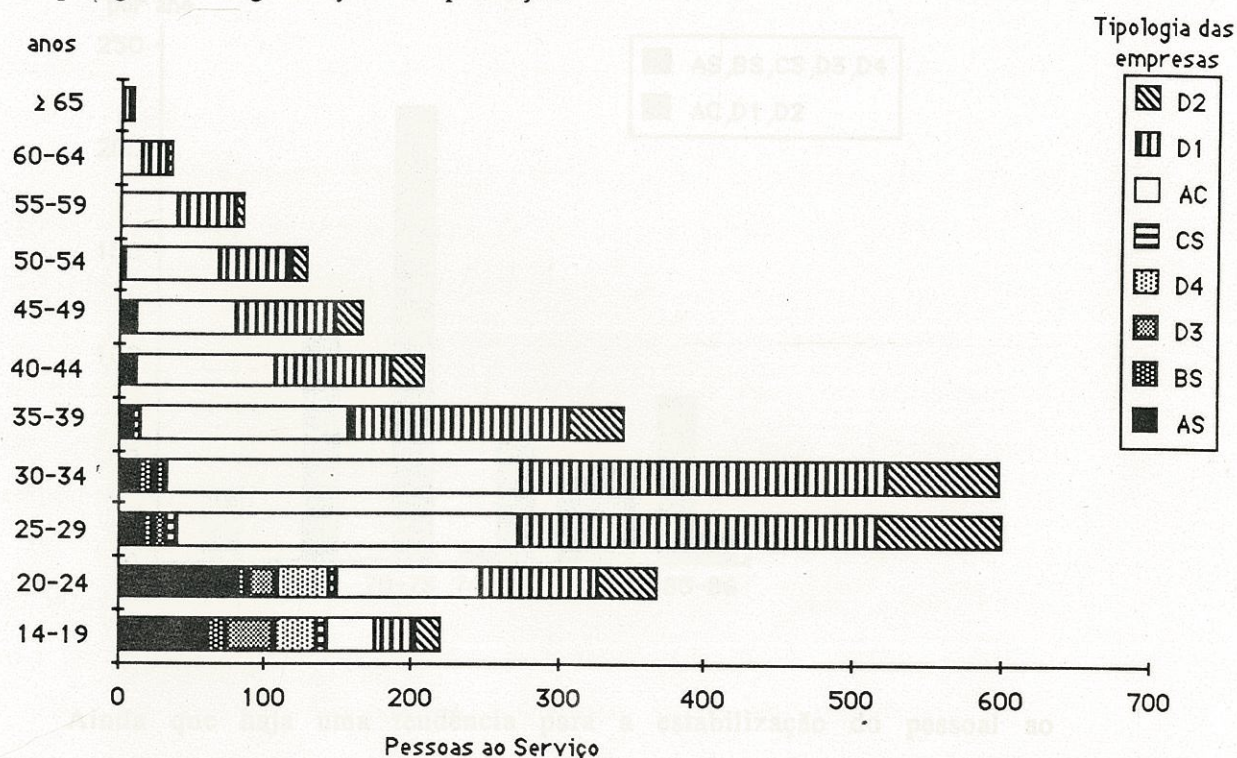
— outras optaram por algumas das modalidades acima anunciadas e também por uma exteriorização da produção (a confecção), que não implicou a diminuição do trabalho na área mas uma desvalorização do mesmo — sobretudo nas do tipo AC;

— outras surgiram para responder à segmentação/exteriorização da produção e à dinâmica das actividades das malhas e do vestuário, optando, na maioria das vezes, pelo desenvolvimento de diferentes modalidades de trabalho clandestino e/ou de trabalho individual, em que a reprodução da força de trabalho não é só e suficientemente suportada pelos baixos salários, mas também por outros rendimentos não salariais — sobretudo nas empresas do tipo AS, BS, D3, D4;

— outras, uma minoria, surgiram ou adaptaram-se à nova situação sem recorrer a qualquer das modalidades assinaladas — sobretudo nas empresas do tipo Cs e em algumas de outros tipos ⁸.

⁸ Ao primeiro comportamento Maria João Rodrigues designou-o de "reações de acomodação", ao segundo e ao terceiro de "reações de repulsão" e ao quarto de "reações de assimilação"

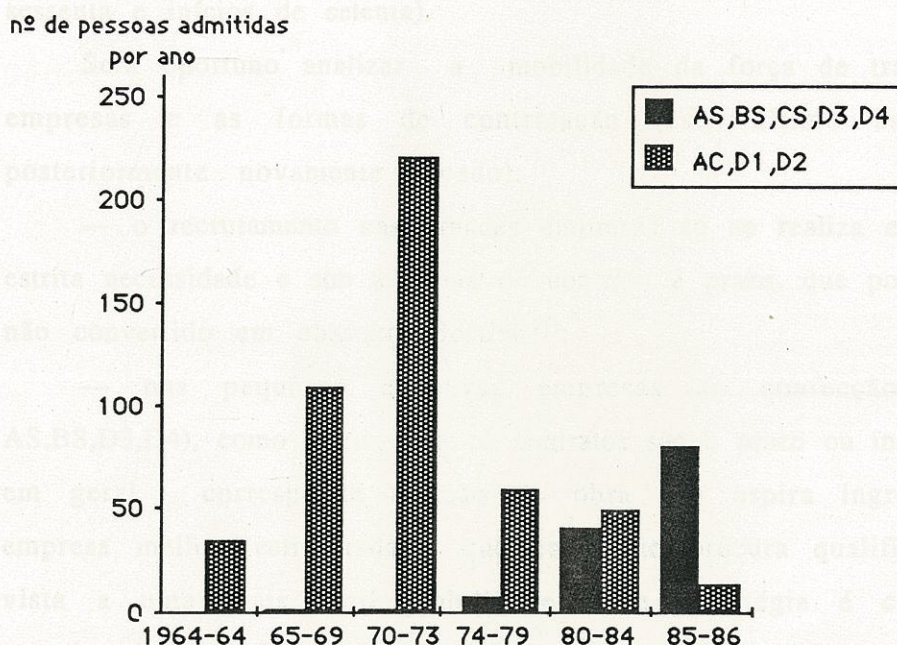
GRAFICO 5.4 - Estrutura etária da população activa nas empresas Têxteis/Vestuário de S.Jorge de Selho e de Mesão Frio (1985/86), segundo a tipologia de organização da produção.



Assim, a estrutura etária da população activa nas empresas têxteis e vestuário de S. Jorge de Selho e Mesão Frio, em 1985/86, revela uma forte presença de jovens (14-19 anos) e de adultos jovens (20-24 anos), o que é característico das empresas de pequena e média dimensão, onde a mão de obra é mais jovem e a rotatividade é mais elevada.

As empresas de maior dimensão, representadas sobretudo pelo tipo AC, DI e D4, em que a rotatividade é mais baixa, apresentam uma estrutura etária mais equilibrada, com uma maior presença de adultos e idosos.

GRAFICO 5.5 - Nº de pessoas admitidas por ano e por tipos de empresas⁹.



Ainda que haja uma tendência para a estabilização do pessoal ao serviço num grupo de empresas e uma movimentação ascendente num outro conjunto de unidades industriais, não podemos afirmar que as admissões só se verifiquem nestas últimas empresas. Analisando a estrutura etária do emprego em termos absolutos (Gráfico 5.4), atendendo à posição das empresas na organização da produção, verificamos que o emprego das camadas mais jovens (14-19 anos), idades de maior recrutamento de mão de obra, está a operar-se em qualquer tipo de empresa, ainda que mais fortemente nas novas empresas. Este dinamismo das pequenas empresas (representadas sobretudo pelos tipos AS,BS,CS,D3,D4) nos últimos anos é perfeitamente visível, ainda que subrepresentado, pela análise dos ritmos de admissão de pessoal (gráfico 5.5).

Assim, a estrutura do emprego evidencia uma importante força de trabalho jovem nas novas e pequenas empresas, sobretudo do tipo AS,BS,CS,D3,D4, conseqüentes do forte dinamismo, nos últimos anos, da indústria de confecção e um forte contributo das idades dos 25-34 anos

⁹ As empresas de maior dimensão, representadas sobretudo pelo tipo AC,D1 e D2, estão sobrevalorizadas, como já referimos (gráfico 5.1).

nas grandes empresas, sobretudo do tipo AC, D1 e D2, resultante dos anos de forte crescimento e de verticalização da produção deste sector (anos sessenta e inícios de setenta).

Será oportuno analisar a mobilidade da força de trabalho entre empresas e as formas de contratação (este último assunto será posteriormente novamente focado):

— o recrutamento nas grandes empresas só se realiza em casos de estrita necessidade e sob a forma de contrato a prazo, que poderá ser ou não convertido em contrato efectivo¹⁰;

— nas pequenas e novas empresas de confecção (do tipo AS,BS,D3,D4), como iremos ver, os contratos são a prazo ou inexistentes e, em geral, corresponde a mão de obra que aspira ingressar numa empresa melhor estruturada e que entretanto procura qualificar-se com vista a uma mais fácil mobilidade. Esta estratégia é curiosamente reconhecida e aceite também pelo pequeno patronato. Mas, a mobilidade não se verifica só nesse sentido; a possibilidade de o salário aumentar 500\$00, de ficarem inscritas na Segurança Social, de trabalharem mais perto de casa ou na empresa aonde trabalha uma amiga ou um familiar, poderão ser algumas das razões suficientes para o abandono da empresa em que estão e a entrada, no dia seguinte, numa outra. A oferta de trabalho é abundante, mas a procura ultrapassa-a¹¹, tornando o desemprego imperceptível, ainda que as condições e as retribuições oferecidas sejam, como iremos ver, escassas.

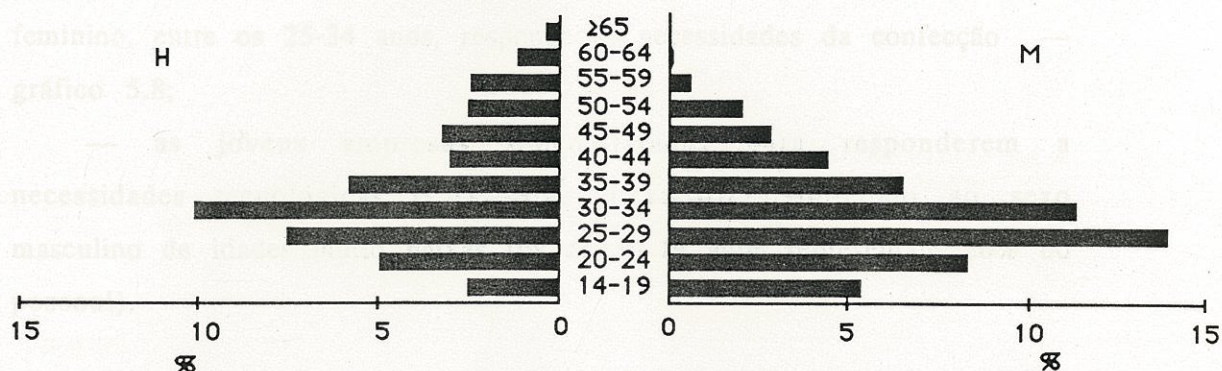
Com isto não queremos dizer que o trabalho nas grandes empresas corresponda a estabilidade e nas pequenas a instabilidade. As situações são heterogéneas e, designadamente, é menos estável o emprego numa grande empresa a atravessar graves problemas financeiros, cuja laboração se deve unicamente à intervenção do Estado, do que numa pequena empresa com forte dinamismo, em que o pessoal ao serviço está a aumentar e que se estão a realizar importantes acções para diminuir a

¹⁰ Uma conclusão precisa sobre este último aspecto não foi conseguida, verificamos que os comportamentos dependem de empresa para empresa, mesmo em unidades em boa situação financeira.

¹¹ Numa paróquia localizada no sul do concelho, foi-nos afirmado que, o pároco na missa dominical evidencia a facilidade de se arranjar trabalho numa confecção, independentemente da idade, dada a facilidade de aprendizagem e, por vezes, menciona as empresas que estão a admitir pessoal.

posição defensiva/ /dependente da empresa face às outras ou ao mercado.

GRAFICO 5.6 - Estrutura etária do emprego nas empresas Têxteis/Vestuário de S.Jorge de Selho e de Mesão Frio (1985/86).



A estrutura etária relativa do emprego (gráfico 5.6) evidencia a importância da contratação de mão de obra feminina (56.6% do pessoal) de idades muito jovens (64% dos activos têm menos de 35 anos); no entanto, como vimos, a heterogeneidade da organização da produção vai-se associar a estruturas etárias também heterogêneas. Analisemos, mais pormenorizadamente, estas diferenciações:

- as empresas subcontratadas do tipo AS¹² e Bs¹³ e as independentes do tipo D3¹⁴ e D4¹⁵, todas elas dedicando-se em exclusividade ou maioritariamente à confecção de têxteis-lar e de vestuário, apresentam uma estrutura em que o sexo masculino está praticamente ausente e o sexo feminino está fortemente representado pelas camadas mais jovens (50-70% tem entre os 14 e os 19 anos) — gráfico 5.7;

— as empresas contratantes (AC¹⁶) e as independentes do tipo D1¹⁷, empresas em geral muito antigas, apresentam uma estrutura mais

¹² Jovens empresas que se dedicam sobretudo à confecção de têxteis-lar e de vestuário interior e que estão fortemente dependentes de uma empresa contratante.

¹³ Jovens empresas que se dedicam à confecção de vestuário exterior e que estão dependentes das empresas contratantes.

¹⁴ Jovens empresas que se dedicam à tecelagem e à confecção de vestuário exterior.

¹⁵ Jovens empresas que se dedicam à confecção de vestuário exterior.

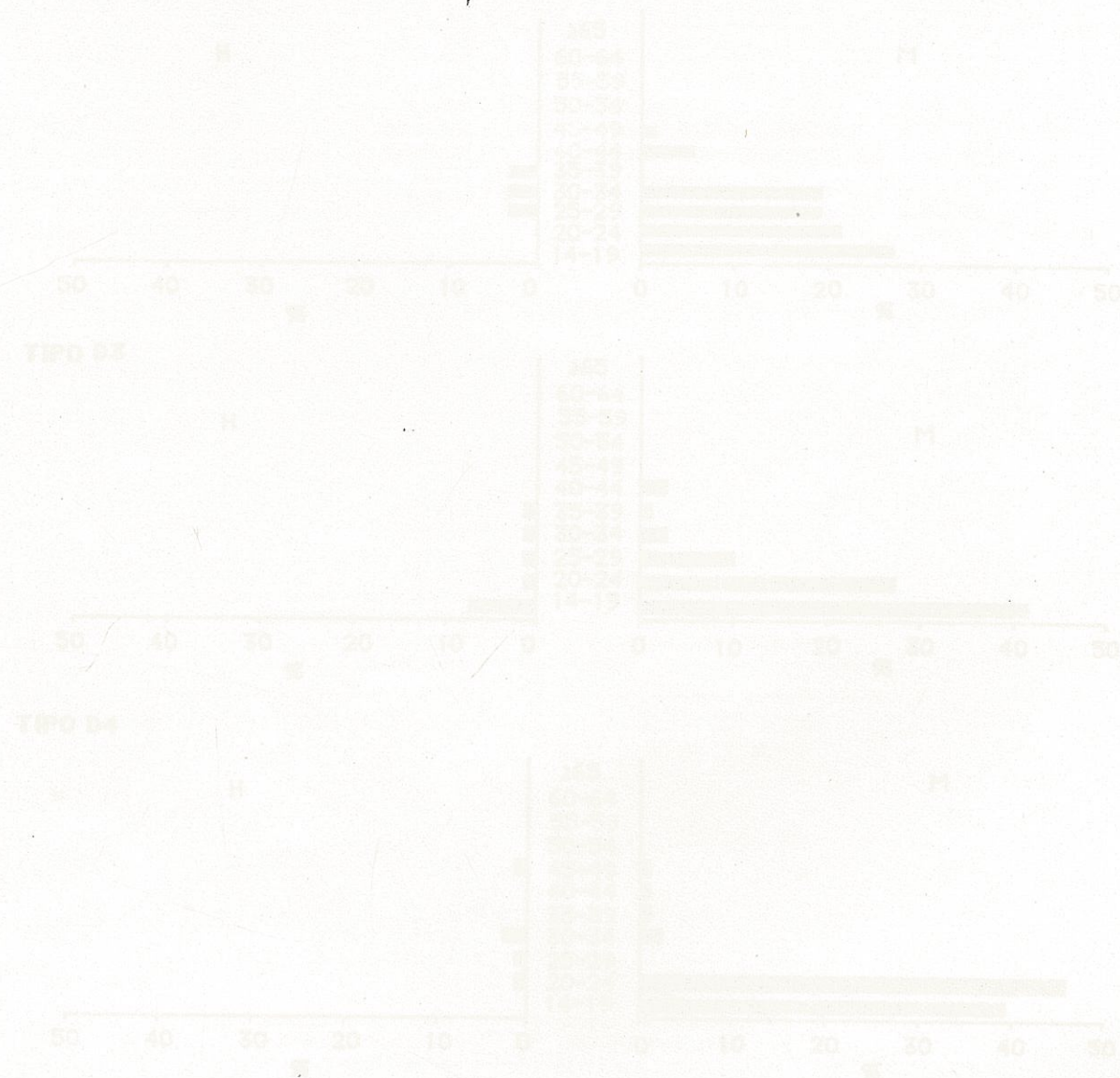
¹⁶ Empresas que exteriorizam parte ou todo o processo produtivo, sobretudo a confecção.

¹⁷ Empresas que só se dedicam às fases de montante no processo produtivo têxtil/confecção.

equilibrada, ainda que, o sexo feminino predomine e a base da pirâmide esteja muito desfalcada — gráfico 5.8;

— as empresas independentes do tipo D2¹⁸ apresentam um situação intermédia, por um lado, recorrem ao sexo masculino para responder às actividades de fiação, tecelagem e acabamentos, por outro, o sexo feminino, entre os 25-34 anos, responde às necessidades da confecção — gráfico 5.8;

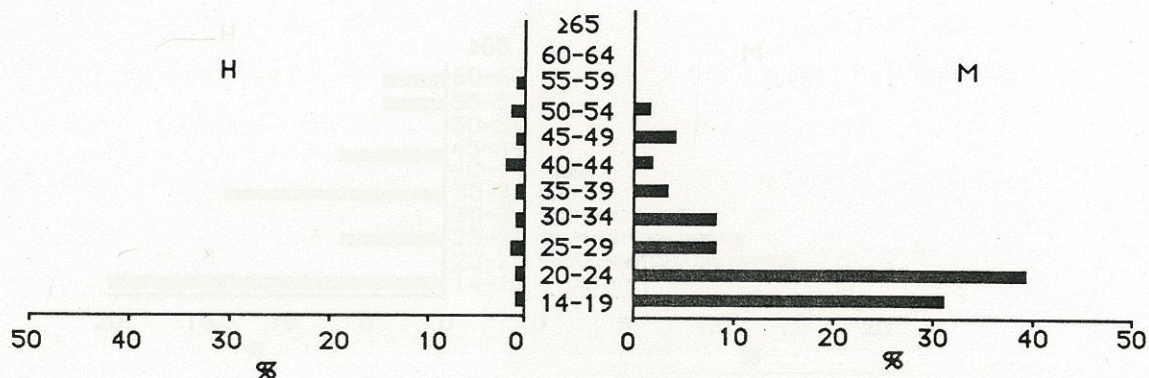
— as jovens empresas subcontratadas para responderem a necessidades tecnológicas (CS) estão a recorrer sobretudo ao sexo masculino de idades muito baixas (os de 14-19 anos representam 20% do pessoal).



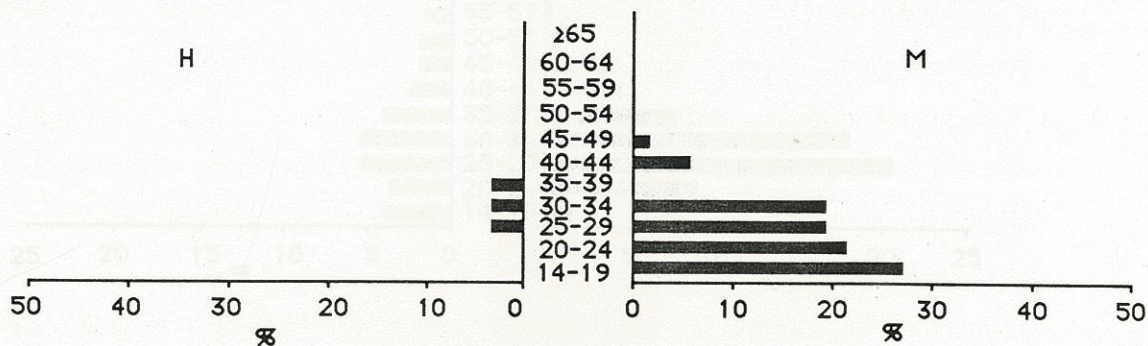
¹⁸ Empresas independentes que se dedicam à têxtil e à confecção de têxteis-lar.

GRAFICO 5.7 - Estruturas etárias do emprego nas empresas classificadas na tipologia das relações estabelecidas no tecido produtivo Têxtil/Vestuário local do tipo AS,BS,D3 e D4.

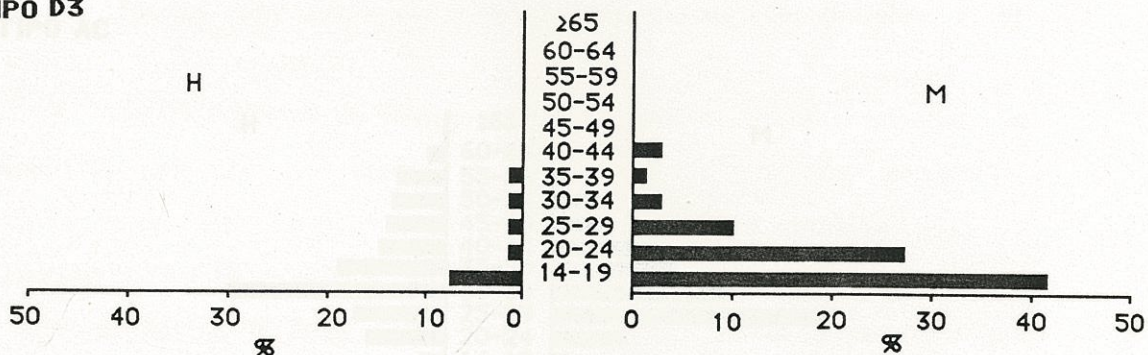
TIPO AS



TIPO BS



TIPO D3



TIPO D4

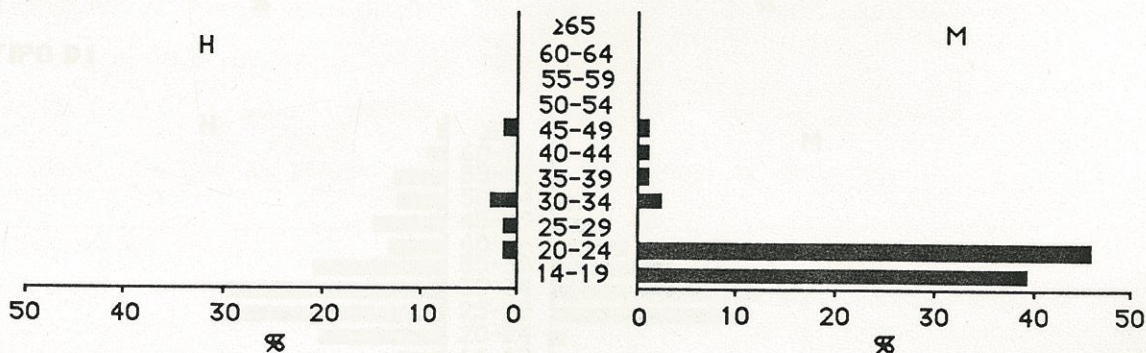
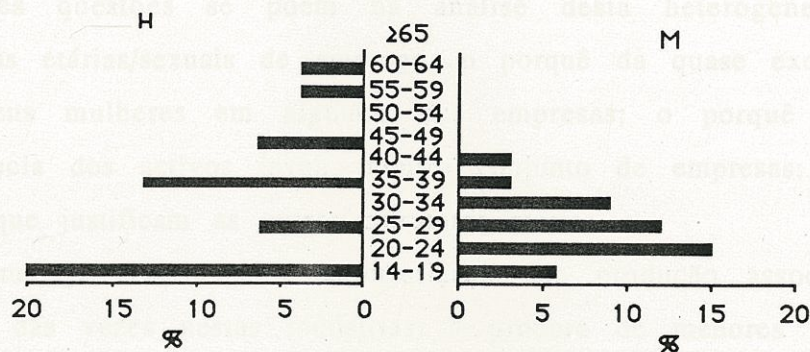
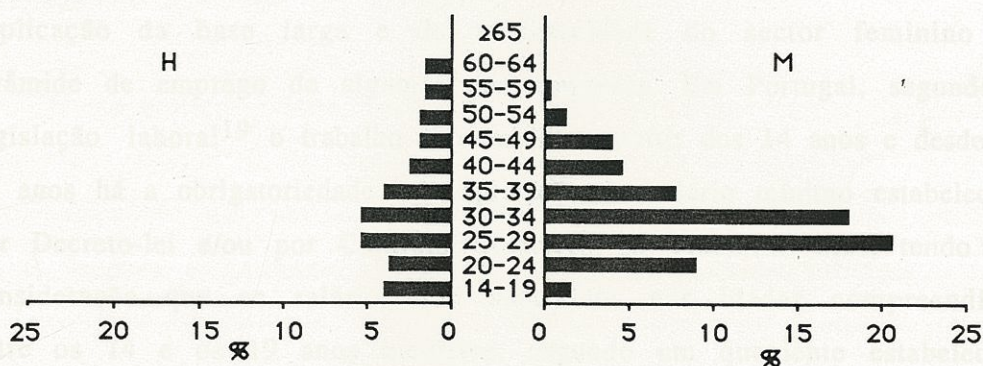


GRAFICO 5.8 - Estruturas etárias do emprego nas empresas classificadas na tipologia das relações estabelecidas no tecido produtivo Têxtil/Vestuário local do tipo CS,D2,AC e D3.

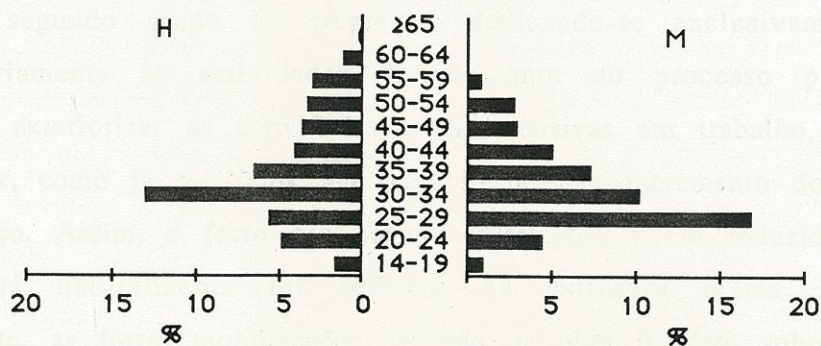
TIPO CS



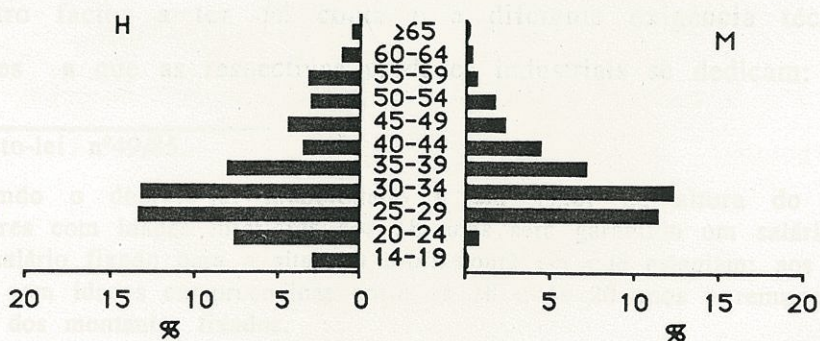
TIPO D2



TIPO AC



TIPO D1



Três questões se põem na análise desta heterogeneidade de estruturas etárias/sexuais de emprego: o porquê da quase exclusividade de jovens mulheres em algumas das empresas; o porquê da fraca importância dos activos jovens noutro conjunto de empresas; quais as razões que justificam as outras estruturas etárias.

Como já referimos, a exteriorização da produção associa-se, na maioria das vezes nestas indústrias, à procura de menores custos de produção e de uma força de trabalho mais dócil; parece estar aqui a explicação da base larga e da exclusividade do sector feminino da pirâmide de emprego de algumas das empresas. Em Portugal, segundo a legislação laboral¹⁹ o trabalho é permitido a partir dos 14 anos e desde os 20 anos há a obrigatoriedade de aplicação do salário mínimo estabelecido por Decreto-lei e/ou por Contrato Colectivo de Trabalho. Mas, tendo em consideração que os salários são subtraídos nas idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos inclusivé, segundo um quociente estabelecido pela legislação laboral²⁰, os empresários vêm na contratação de jovens uma das formas principais de diminuir os custos de trabalho e de flexibilizar o seu emprego.

O segundo grupo de empresas, dedicando-se exclusivamente ou maioritariamente às actividades de montante no processo produtivo, podendo exteriorizar as actividades mais intensivas em trabalho, estão a atravessar, como já referimos, um período de não incremento do pessoal ao serviço. Assim, o facto das novas contratações terem reduzido o seu ritmo irá naturalmente ter reflexos na estrutura etária, já que, geralmente, as fortes mobilizações de mão de obra incidem sobretudo na juventude à procura do primeiro emprego.

Outro factor a ter em conta é a diferente exigência técnica das actividades a que as respectivas unidades industriais se dedicam:

¹⁹ Decreto-lei nº49/85.

²⁰ Segundo o decreto-lei mencionado e em vigor na altura do inquérito os trabalhadores com idades inferiores aos 18 anos será garantido um salário mínimo de 50% do salário fixado para a situação profissional em que estagiam; aos trabalhadores admitidos com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos a remuneração mínima será 75% dos montantes fixados.

— quando as actividades de fiação, a tecelagem e os acabamentos, menos intensivas em trabalho, estão presentes (AC,D1,D2,CS) a estrutura etária aparece mais equilibrada e o recurso ao sexo masculino tem valores significativos;

— pelo contrário, as novas empresas de confecção (AS,BS,D3,D4), actividade maioritariamente exteriorizada e mais intensiva em trabalho, apresentam na contratação uma clara selecção baseada no sexo e nas idades, que se associa, como iremos ver, a uma fraca qualificação profissional. Assim, a confecção está a permitir a mobilização de uma força de trabalho pouco qualificada, enquanto que outras actividades Têxteis não viabilizam tão claramente essa opção.

Outra prática comum, com vista à diminuição dos custos de trabalho, é a não aplicação da legislação laboral em matéria de Segurança Social. O não pagamento das obrigações à Segurança Social permite um benefício de 21% para o patronato e de 8% para o trabalhador relativamente ao salário; esta ilegalidade é negociada entre eles — o patronato tira dividendos claros e o trabalhador recorrerá da mesma forma a estes Serviços através de um familiar directo ou porque está inscrito com o estatuto de desempregado. Outra prática ilegal muito divulgada é a realização de descontos baseados em salários inferiores ao real.

Dos 2791 trabalhadores registados no Ministério do Trabalho 4.7% (132) não estão inscritos nos registos da Segurança Social (Quadro 5.2); este valor ainda que fraco, representa uma irregularidade que afecta direitos cruciais e protegidos pela legislação. No entanto, pressupõe-se que o valor real será muito superior, já que este só incide sobre os trabalhadores registados no Ministério do Trabalho e a maioria dos trabalhadores "ocultos" não estão inscritos em ambos os processos de controle laboral — Ministério do Trabalho e da Segurança Social (iremos retomar este ponto mais à frente).

No inquérito directo às empresas, oito, das quarenta e sete unidades industriais, declararam ter pessoal não inscrito na Segurança Social,

totalizando 40.9% das trabalhadoras ao seu serviço²¹; com estes valores, confessados abertamente, podemos prever a dimensão deste fenómeno.

São as empresas subcontratadas do tipo AS e Bs e as independentes do tipo D3 e D4 que assinalam os valores mais altos de irregularidade (quadro 5.2): 29% do pessoal que consta dos quadros do Ministério do Trabalho não está inscrito na Segurança Social, dos quais 80% têm 14-24 anos. Podemos então afirmar que, estas empresas dão trabalho maioritariamente a jovens (14-24 anos) e que não os inscrevem na Segurança Social (34% dos casos).

É de notar o procedimento diverso das empresas do tipo CS; os valores dos não inscritos são mais baixos (quadro 5.2) e não há, como nas anteriores, uma forte convergência nas idades inferiores.

As outras empresas apresentam valores muito baixos ou nulos de ilegalidade nesta matéria (quadro 5.2).

QUADRO 5.2 — Pessoal não inscrito na Segurança Social, mas registado nos quadros de pessoal do Ministério do Trabalho, por tipos de empresa.

Tipo de empresa	Total de pessoal não inscrito			relativamente ao total de pessoal por sexos (%)		
	HM	H	M	HM	H	M
AS	51	3	48	24.5	21.4	24.7
BS	20	1	19	46.5	33.3	47.5
D3	22	2	20	31.9	10.5	33.3
D4	20	-	20	27.4	0.0	29.4
CS	11	5	6	34.4	31.2	37.5
AC	4	1	3	0.4	0.3	0.5
D1	0	-	-	0.0	0.0	0.0
D2	4	2	2	1.2	2.0	0.9
TOTAL	132	14	118	4.7	1.2	7.5

Fonte: Ministério do Trabalho, 85/86

As recentes acções reguladoras do Estado sobre o mercado de trabalho que favorecem formas descontínuas de prestação de trabalho (contratos a prazo) conjugadas com uma fiscalização leve e cautelosa e com uma organização da produção industrial²² que favorece a flexibilidade do sistema produtivo e do mercado de trabalho são

²¹ Para exemplificação mencionamos uma empresa com 80 trabalhadores dos quais 30 estão em situação ilegal e outra com 11 trabalhadores com 7 "ocultos".

²² Tratada no capítulo 2

elementos cruciais na determinação das características deste sistema de emprego.

A partir de Outubro de 1976 através da criação do regime de contratos a prazo, houve uma diminuição da rigidez da legislação laboral. Segundo um inquérito realizado pelo Ministério de Trabalho em Abril de 1985 em Guimarães, 20.6% dos trabalhadores da indústria de confecção e 9.8% dos trabalhadores da indústria Têxtil estavam vinculados às empresas com este tipo de contrato, com especial incidência no sexo feminino (quadro 5.3).

QUADRO 5.3 — Pessoal ao Serviço na Indústria têxtil e na confecção, por tipo de empresa e segundo as diferentes modalidades de contrato.

]

Indústrias	Total de Pessoal			Pes. c/cont. Prazo			‰ rel.ao total Pes.			‰ por sexos	
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	H	M
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	4/1	5/1	6/1	5/2	6/3
Ind. Têxtil	3161	371	2790	651	64	587	20.6	2.0	18.6	17.2	21.0
Ind. Confecção	9223	4265	4958	906	366	540	9.8	4.0	5.8	8.6	10.9
TOTAL	12384	4636	7748	1557	430	1127	12.6	3.5	9.1	9.3	14.5

Nota: O inquérito contemplou 47 empresas de confecção (vestuário e não) e 75 empresas Têxteis (não incluindo a confecção).

Fonte: Inquérito realizado pelo Ministério do Trabalho, 1985

Segundo o inquérito directo às empresas, nas 23 empresas (48.9% das empresas da nossa amostra) que se manifestaram de uma forma clara sobre o tipo de contratos que realizavam com o seu pessoal, pudemos apurar que cerca de 25.5% do pessoal ou não tinha efectuado qualquer tipo de contrato (8.1%) ou estava vinculado à empresa por um contrato a prazo (17.4%). Verificamos que são, sobretudo, as empresas do tipo AS, BS, D3 e D4 que apresentam uma maior precariedade do trabalho, pois mais de 75% dos seus trabalhadores não possuem qualquer tipo de contrato ou quando o têm é a prazo (quadro 5.4).

QUADRO 5.4 — Pessoal ao serviço na indústria Têxtil/Vestuário, por tipo de empresa, segundo a modalidade de contratos do seu pessoal, em 23 empresas que se referiram a esta questão.

Tipo de empresa	nº de empresas	Pessoal	Pessoal sem contrato		Pessoal a prazo		sem contrato e a prazo
			nº	%	nº	%	%
AS	8	111	91	82.0	13	11.7	93.7
BS	3	54	43	79.6	9	16.7	96.3
D3	2	120	14	11.7	78	65.0	35.7
D4	2	72	72	100.0	-	-	76.7
CS	1	14	-	-	5	35.7	100.
AC	3	1602	1	0.1	341	21.3	21.4
D1	1	756	-	-	22	2.9	2.9
D2	3	44	4	9.1	14	31.8	40.9
TOTAL	23	2773	225	8.1	482	17.4	25.5
% rel. total do inquérito	48.9%	40.7 %					

FONTE: inquérito realizado, 1985/86

QUADRO 5.5 — A importância dos aprendizes no pessoal ao serviço na indústria Têxtil/Vestuário, segundo o tipo de empresa .

Tipo de empresa	Total de Aprendizes			% de aprendizes		
	HM	H	M	HM	H	M
AS	64	1	63	30.9	7.7	32.5
BS	14	0	14	33.3	-	35.0
D3	41	6	35	59.4	66.6	58.3
D4	43	0	43	58.9	-	63.2
CS	5	2	3	15.6	12.5	18.8
AC	70	36	34	8.5	9.0	8.0
D1	17	17	-	2.1	3.6	-
D2	14	10	4	4.5	11.0	1.8
TOTAL	268	72	196	10.4	6.6	13.2

NOTA: as % são calculadas relativamente ao total de pessoas com categoria mencionada

Fonte: Ministério do Trabalho, 85/86

A existência de mão de obra feminina jovem, a não inscrição dos trabalhadores na Segurança Social, a ausência de contratos ou contratos a prazo parecem associar-se, em algumas empresas, a um forte peso dos aprendizes, com reflexos imediatos (quadro 5.5) na diminuição do custo de trabalho e no aumento da flexibilidade de utilização desta força de trabalho. Novamente está presente a mesma tipologia de empresas face às variáveis já tratadas: valores baixos para as grandes e antigas empresas (2-9%), valores altos para as novas e pequenas empresas (30-60%) e valores intermédios para as pequenas bem estruturadas tecnicamente e/ou as do sector da comercialização (16%).

É oportuno assinalar a posição e o papel dos Sindicatos num ramo industrial cuja dinâmica é baseada sobretudo na precariedade da mão de obra. A legalização das Centrais Sindicais em Portugal só se verificou depois de Abril de 1974, sem que se tenha verificado uma tradição sindical livre no período de crescimento económico da década de sessenta e inícios da de setenta nas grandes empresas. Uma estrutura social de raiz camponesa e cristã, um longo período de vigência de um Estado Corporativista, uma ideologia paternalista assente no Estado e no capital local, uma fraca consciência de classe, e uma família alargada e coesa são fortes entraves à acção sindical (Ingerson,1984; Domingues e Marques,1987). Além disso, a recente dinâmica da confecção faz, realmente ou no campo das aspirações, do assalariado um pequeno empresário (por vezes só a tempo parcial) de pequenas unidades que funcionam na base de mão de obra muito barata e flexível.

QUADRO 5.6 — A importância do pessoal sindicalizado na indústria Têxtil/Vestuário, segundo o tipo de empresa

Tipo de empresa	Pessoal sindicalizado			Pessoal sindicalizado - %		
	HM	H	M	HM	H	M
AS	1	-	1	0.5	-	-
BS	-	-	-	-	-	-
D3	-	-	-	-	-	-
D4	-	-	-	-	-	-
CS	-	-	-	-	-	-
AC	432	184	248	41.9	36.1	45.2
D1	283	129	154	28.2	22.3	36.3
D2	6	4	2	1.8	3.9	0.9
TOTAL	722	317	405	25.9	26.2	25.6

Fonte: Ministério do Trabalho, 85/86

A dinâmica verificada pelas pequenas empresas não parece estar a facilitar a sindicalização da força de trabalho dispersa, desorganizada e sem raízes sindicais (quadro 5.6). Assim, nas novas empresas os trabalhadores sindicalizados estão completamente ausentes, o que compromete naturalmente um contínuo e eficaz controle da aplicação das normas laborais. Nas grandes e antigas empresas, ainda que a sindicalização seja fraca, apresenta valores já significativos.

FACULDADE DE LETRAS
PORTO
CURSO DE GEOGRAFIA

Outra questão ainda não levantada é o custo laboral por hora de trabalho nas diferentes empresas. Segundo L. Tohania (1982) o trabalho e a força de trabalho não são sinónimos, o trabalho não pode ser adquirido directamente no mercado, deve ser "produzido" ou melhor "extraído" pela empresa à força de trabalho que foi adquirida no mercado; esta variável "extractiva" é superior nas pequenas empresas em que o controle laboral é mais intensivo. A presença física do patronato, ou de uma encarregada de confiança do patrão, junto dos trabalhadores, já que nestas pequenas empresas, na maioria das vezes, o patrão realiza um trabalho directamente produtivo, implica um controle do rendimento do trabalho mais eficaz. Este controle torna-se ainda mais eficiente quando aliado ao medo da perda do emprego, facilitado pela admissão sem contrato ou a "prazo" e uma fraca sindicalização da força de trabalho.

Será oportuno referir que o estado civil do pessoal ao serviço, sobretudo no sexo feminino, é um elemento importante na selecção de pessoal. Por um lado o absentismo é muito mais fraco nas trabalhadoras solteiras, pois não têm filhos, e por outro estas são menos exigentes no salário e nas regalias sociais, já que a retribuição do trabalho é mais um contributo para o rendimento familiar do que propriamente uma fonte crucial de subsistência, como acontece com os indivíduos casados. Outros dois critérios são prioritários nas novas contratações, tanto nas grandes como nas pequenas empresas: familiares de actuais empregados, sobretudo nas grandes empresas, e local de residência próximo do local de trabalho.

Estes critérios visam também diminuir o forte absentismo, sobretudo nas grandes empresas que não praticam os prémios de assiduidade. As mulheres casadas faltam ao longo de todo o ano e o resto do pessoal escolhe os períodos de férias de familiares emigrantes e em Setembro e Outubro, altura das vindimas. Nas pequenas empresas este problema não se põe com as mesmas proporções porque o controlo das faltas e a facilidade com que se despede faz da sua aplicabilidade, mesmo que fraca, um risco que põe em causa o precário trabalho.

23. cf. Isabel Lobo (1987)

24. O inquérito contemplou 82 famílias, contabilizando 400 indivíduos.

As actividades "subterrâneas"²³ não são um fenómeno novo (Cabral, 1983); trabalho ao domicílio, trabalho a tempo parcial, pluriactividade com a agricultura, artesanato, evasão fiscal,..., não são precisamente novidades, ainda que desde finais dos anos setenta a sua proliferação se tenha acentuado.

O tratamento desta matéria tem de ser muito cuidado, pois se a nova posição da produção Têxtil/Vestuário no mercado internacional leva à sua extensão, isso não implica que o tratamento dos diferentes "tipos" de ilegalidade devam ser analisados indiferencialmente; os factores sociais e económicos que estão por detrás de um trabalhador pluriactivo ou oculto, que exerce a informalidade para fazer face à sua subsistência ou da família, serão certamente diferentes daquelas que levam um profissional à informalidade; o mesmo se passa entre as empresas, independentemente da sua dimensão, que não dispõem de capacidades financeiras para cumprir as normas laborais e as que, em boa situação económica, aplicam salários ilegais, não inscrevem os seus trabalhadores na Segurança Social e no Fundo de Desemprego, não pagam as horas extraordinárias,...

Ainda que tenham sido detectadas algumas ilegalidades nos quadros de pessoal do Ministério de Trabalho e no próprio inquérito às empresas, um inquérito realizado na Escola Secundária de S. Jorge de Selho, às famílias dos alunos nocturnos²⁴ mostrou-se mais fértil nesse campo. Os resultados do inquérito são os seguintes:

- quase 3/4 da população activa, não desempregada, dedica-se à indústria Têxtil/Vestuário;
- destes 3/4, quase metade tem menos de 21 anos e cerca de 20% é sub-remunerada e/ou não está inscrita na Segurança Social;
- cerca de 40% dos activos, não desempregados, da indústria Têxtil/Vestuário e menores de 21 anos, são sub-remunerados e/ou não estão inscritos na Segurança Social;
- os salários ilegais nas camadas mais jovens rondava os 5000-9000\$00;

²³ c.f. Isabel Lobo (1983)

²⁴ O inquérito contemplou 62 famílias, contabilizando 400 indivíduos.

• cerca de trinta empresas do sector Têxtil/Vestuário, num total de cinquenta e uma empresas mencionadas, apresenta índices de ilegalidade relativamente à aplicação da legislação laboral;

• em termos de pessoal ao serviço essas unidades são de pequena dimensão, e empregam 4% do pessoal ao serviço nessas indústrias dessa freguesia. Convém no entanto referir que este valor será superior para o concelho, pois esta freguesia apresenta uma percentagem muito elevada de grandes empresas relativamente à estrutura das unidades industriais do concelho, as quais apresentam geralmente menores índices de ilegalidade laboral;

• todas se dedicam à confecção e são empresas subcontratadas (AS,BS) ou independentes (D3,D4): na freguesia de S.Jorge de Selho num total de sete, cinco eram subcontratadas e as outras duas independentes. Relativamente às empresas contratantes não detectamos irregularidades nesta matéria.

Nas actividades em que o custo médio de produção não se reduz com o aumento da escala de produção, em que não há vantagens de uma concentração em unidades de grande dimensão, o trabalho ao domicílio poderá ser uma das formas de produção e de diminuição dos seus custos.

Não pretendemos, porque não temos elementos suficientes para isso, analisar a extensão do trabalho ao domicílio na indústria Têxtil/Vestuário do concelho de Guimarães, mas sim detectar as suas características na actualidade. Não havendo uma listagem dos trabalhadores ao domicílio e dada a escassez do número de inquéritos realizados a amostra não terá um carácter probabilisticamente representativo, mas irá permitir iniciar uma pesquisa e tirar algumas ilações, ainda que circunscritas. Foram realizadas treze entrevistas a trabalhadores ao domicílio, das quais nove são contratados para uma empresa de tecelagem e confecção de vestuário localizada na freguesia de S. Lourenço de Selho, o que limita naturalmente ainda mais as conclusões.

A trabalhadora ao domicílio "típica" é, na maioria das vezes, uma mulher adulta, com trinta e poucos anos, com a 4ª classe, casada com um

operário Têxtil, com dois filhos, que acumula esta ocupação industrial com a educação dos seus filhos, ainda crianças, e com os trabalhos domésticos. O rendimento proveniente desta actividade é de grande importância para a sobrevivência do agregado doméstico e corresponde a cerca de 40.000\$00 mensais, conseguidos com longas jornadas de trabalho.

As trabalhadoras contratadas, na maioria das vezes, são mulheres dinâmicas com um certo espírito de iniciativa, profissionalmente hábeis costureiras que conseguem usufruir com o trabalho à peça um rendimento mensal superior ao ordenado que ganhariam se estivessem na fábrica (25000\$00). Mas, a dependência e a subordinação desta trabalhadora relativamente ao agente contratante faz dela mais uma assalariada sem horário, sem regalias sociais e sem estabilidade no trabalho, do que propriamente uma trabalhadora artesanal ou autónoma. Os prazos de entrega e portanto os ritmos de actividade são determinados pela empresa «mãe», com o risco de perda de trabalho quando não se verifique o seu cumprimento. Uma das diferenças/vantagens, relativamente ao trabalho na fábrica, está na possibilidade de organizar o horário de trabalho de uma forma mais flexível, de modo a permitir a incorporação de outras actividades como as actividades domésticas e o tratamento dos filhos.

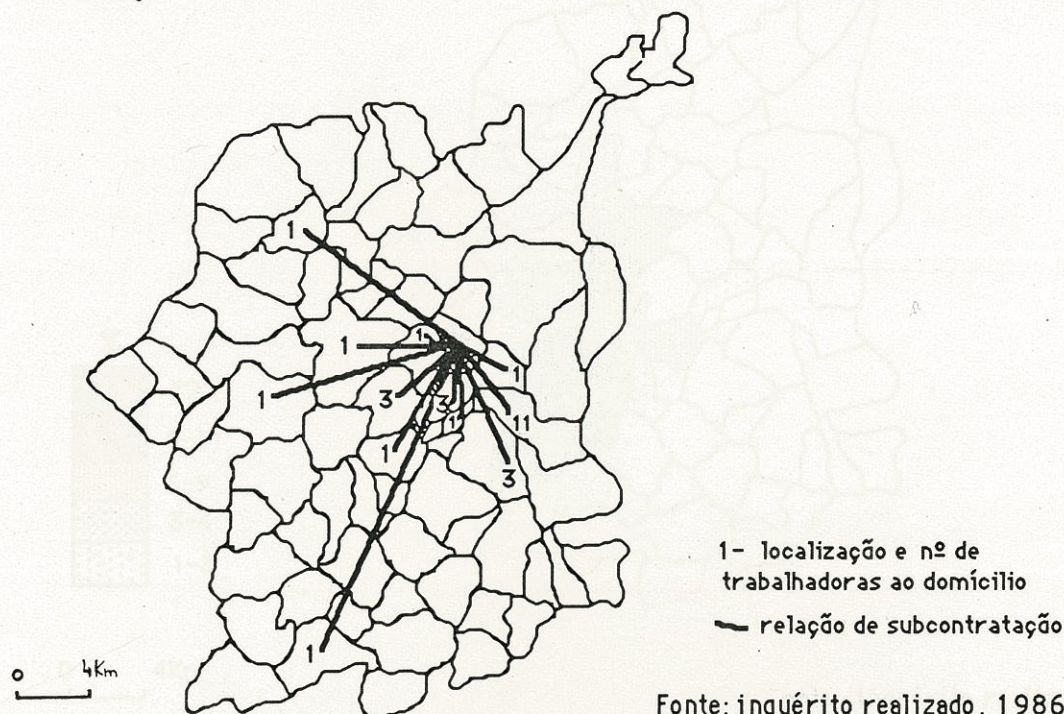
Relativamente à protecção social, estas trabalhadoras são de «2ª classe» — as empresas que as contratam não fazem nenhum desconto para a Segurança Social ou Fundo Desemprego já que estas legalmente funcionam como trabalhadoras independentes. Algumas das inquiridas estavam inscritas na Segurança Social, mas os descontos eram suportados pela própria trabalhadora.

Assim, o trabalho ao domicílio funciona para a empresa contratante como um escape a certas despesas sociais e como uma forma de flexibilizar o sistema produtivo.

No entanto, ainda que a instabilidade no trabalho e a ausência de regalias sociais sejam uma realidade, são as próprias trabalhadoras as primeiras interessadas no não desaparecimento destas ocupações e as primeiras a se oporem a qualquer medida tendente a reduzir o volume de trabalho ao domicílio, já que lhes permite conjugar a ocupação

industrial com outras actividades no seio do agregado familiar e aumentar o rendimento.

MAPA 5.1 - Local de residência/trabalho das trabalhadoras ao domicílio de uma empresa Têxtil/Vestuário, localizada na freguesia de S. Lourenço de Selho (1986).

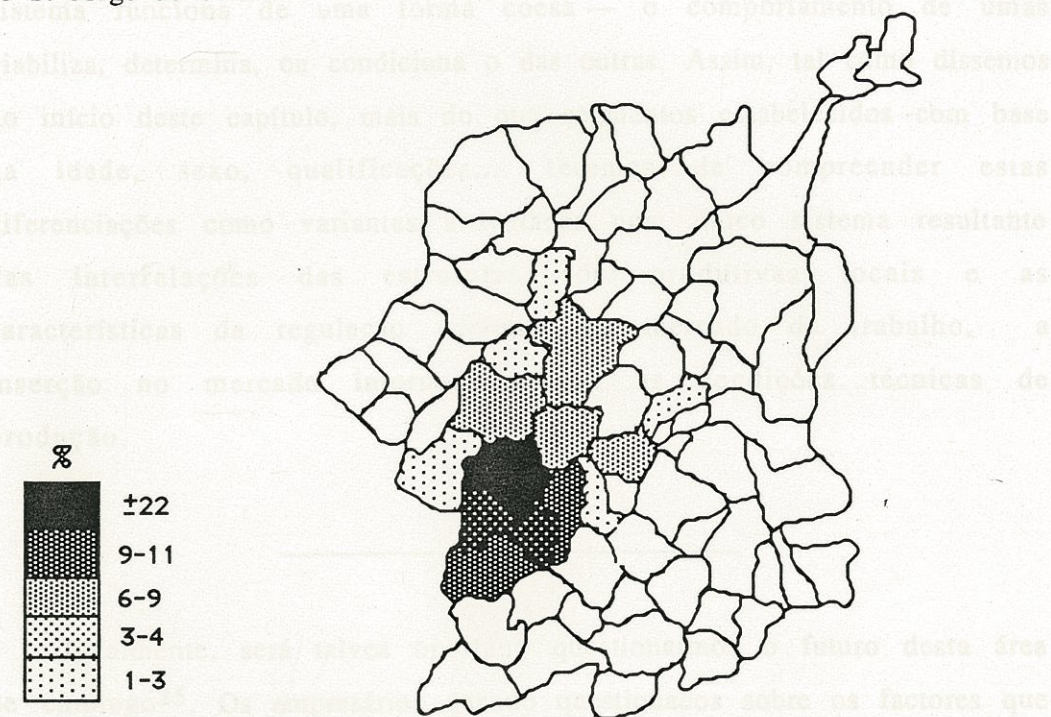


Fonte: inquérito realizado, 1986

O recrutamento de trabalhadores ao domicílio é informal, são na maioria das vezes as próprias trabalhadoras as agentes mais importantes de propagação pelas vizinhas, amigas ou familiares. Assim, o trabalho ao domicílio vai-se difundindo de forma «espontânea» e seguindo os interesses das empresas contratantes. A concentração na freguesia de Mesão Frio de onze das vinte e oito trabalhadoras ao domicílio (mapa 5.1) subcontratadas por uma empresa, demonstra o carácter restrito de difusão da informação.

Territorialmente, estas trabalhadoras ao domicílio residem/trabalham relativamente perto da localização da empresa contratante, o que se explica pela frequência, quase diária, de contactos necessários ao processo produtivo, para entregar ou para receber mercadorias, e o interesse em que sejam percorridas curtas distâncias. Este movimento está, na maioria das vezes, a cargo da empresa contratante.

MAPA 5.2 - Local de residência da população que trabalha nas grandes empresas (mais de 100 pessoas ao serviço) Têxteis da freguesia de S. Jorge de Selho.



Fonte : inquérito realizado, 1986

O modelo disperso de localização das actividades, aproximando o local de trabalho da residência contribui para a viabilização deste sistema produtivo local.

A mão de obra reside num raio muito curto, de tempo de percurso entre os quinze e os vinte minutos, que é realizado a pé ou de camioneta. Quanto menor é a empresa menor é o raio de acção, o tempo e o custo do transporte. A diminuição dos custos de transporte, o aproveitamento do parque habitacional existente, a possibilidade de conjugar o trabalho na Têxtil com os trabalhos domésticos (tratamento dos filhos, realização das refeições em casa,..), a pluriactividade com a agricultura e a gestão dos escassos rendimentos no seio da família coesa e alargada permitem, porque não são postos em causa os rendimentos e os níveis de consumo razoáveis, os baixos salários praticados.

Não podemos deixar de ressaltar que ainda que se possam diferenciar tipos de empresas atendendo às características do emprego, o sistema funciona de uma forma coesa — o comportamento de umas viabiliza, determina, ou condiciona o das outras. Assim, tal como dissemos no início deste capítulo, mais do que segmentos estabelecidos com base na idade, sexo, qualificações,... teremos de compreender estas diferenciações como variantes articuladas num único sistema resultante das interrelações das estruturas sócio-produtivas locais e as características da regulação nacional do mercado de trabalho, a inserção no mercado internacional ou as condições técnicas de produção.

Finalmente, será talvez oportuno questionarmos o futuro desta área de emprego²⁵. Os empresários quando questionados sobre os factores que travavam o funcionamento e o desenvolvimento do sector declararam, sobretudo, haver carência de mão de obra qualificada (30%) e ausência de formação profissional (34%); se juntarmos a este dado, o facto de não haver uma base de serviços de apoio ao desenvolvimento deste sector nesta área — serviço esse que os próprios empresários reconheceram (38%) ser uma necessidade — e algumas das grandes empresas contratantes da têxtil-lar estarem a planear inserir toda a confecção na própria empresa através da automatização desta fase produtiva, qual será o futuro do "novo" emprego das pequenas empresas?

Se agora a precaridade do emprego e os baixos salários são uma realidade, o futuro, se não forem tomadas medidas convergentes a uma qualificação da mão de obra, sobretudo com vista à indústria de vestuário fortemente dinâmica, mas que só a qualidade da produção a poderá manter no mercado, será talvez menos "risonho" .

As tendências parecem apontar sobretudo dois caminhos:

²⁵ Sobre as perspectivas do sector Têxtil/Vestuário ver designadamente Taveira, 1984.

- a integração da confecção na grande empresa da têxtil-lar através da automatização da produção, deixando "desamparadas" uma multidão de empresas;

- a crescente integração da produção, polarizada por um número restrito de agências comerciais, nacionais ou internacionais.

Em ambas, as preocupações intensificam-se no design e na qualidade de produção. Esta área tem potencialidades logo o futuro está pelo menos em grande parte nas suas mãos.

Conclui-se ao mesmo tempo a análise e a proposta. A análise decorre da compactação do material aqui desenvolvido, compactação essa que qualitativamente corresponde ao esboço das principais conclusões parciais a que se foi chegando. A proposta problematiza uma investigação futura cujo caminho se tornou mais claro, delineando a medida que o trabalho prossegue, procurando ao mesmo tempo colmatar aquilo que não se esclareceu ao realizar o que se pensava esclarecido.

O presente estudo encontra desde o início de uma tensão latente, ainda não resolvida, e que poderá tornar-se nítida na contabilização entre um estudo temático com diversas referências espaciais — de Geografia Industrial — e uma análise integrada do território — a que, noutra escala, chamaríamos Geografia Regional. Entre os dois há um elemento comum: a explicação de um sistema produtivo industrial com uma margem territorial explícita e um território estruturado parcialmente pela atividade produtiva que constitui o dito sistema.

Se a maior parte desta tese contém referências territoriais inequívocas — a explicação dos mecanismos de viabilização e caracterização da industrialização difusa em meio rural —, outros temas desenvolvidos — o sistema de emprego — correspondem mais à interrelação óbvia entre a estrutura produtiva e o emprego (deixando claro, de resto, que um dos elementos explicativos do funcionamento do sistema produtivo muito apoiado na subcontratação tem muito a ver com as formas de gestão da força de trabalho...) do que à sua possível transposição territorial imediata.

Confrontados agora com a nossa atitude enquanto geógrafos, uma observação atenta sobre o território imediatamente leva-nos a concluir que aquilo que foi tema desta tese é apenas uma das peças da engrenagem: a complexidade da formação territorial com que nos deparamos para

6 — Conclusão

Concluir é ao mesmo tempo a síntese e a proposta. A síntese decorre da compactação do material atrás desenvolvido, compactação essa que qualitativamente corresponde ao encadeamento das principais conclusões parciais a que se foi chegando. A proposta problematiza uma investigação futura cujos contornos se foram dislumbrando à medida que o trabalho progrediu, procurando ao mesmo tempo colmatar aquilo que não se esclareceu ou reorientar o que se pensava esclarecido.

O presente estudo enferma desde o início de uma tensão latente, ainda não resolvida, e que grosso modo se resume na contabilização entre um estudo temático com óbvias referências espaciais — de Geografia Industrial — e uma análise integrada do território — a que, noutra escala, chamaríamos Geografia Regional. Entre os dois um elemento comum: a explicação de um sistema produtivo industrial com uma inscrição territorial explícita e um território estruturado parcialmente pela actividade produtiva que constitui o dito sistema.

Se a maior parte desta tese contém referências territoriais inequívocas — a explicação dos mecanismos de viabilização e caracterização da industrialização difusa em meio rural —, outros temas desenvolvidos — o sistema de emprego — correspondem mais à interrelação óbvia entre a estrutura produtiva e o emprego (deixando claro, de resto, que um dos elementos explicativos do funcionamento do sistema produtivo muito apoiado na subcontratação tem muito a ver com as formas de gestão da força de trabalho....) do que a sua possível transposição territorial imediata.

Confrontados agora com a nossa atitude enquanto geógrafos, uma observação atenta sobre o território imediatamente leva-nos a concluir que aquilo que foi tema desta tese é apenas uma das peças da engrenagem: a complexidade da formação territorial com que nos deparamos passa

fundamentalmente pelo entendimento dos processos sócio-económicos que aí se desenrolam (esclarecemos alguns) e também pela acção difusa e atomizada dos agentes que transformam o território que assim revelam uma faceta da sua situação de actores nesses processos. Ora, aquilo que nós tentamos esclarecer (alguns traços maiores da base produtiva industrial local) privilegia apenas alguns desses processos e agentes: de facto, a localização industrial não constitui a única mancha visível do mapa; no entanto, os processos sócio-económicos que essa actividade lidera contêm uma boa fatia da explicação da estrutura territorial que os materializa.

Voltamos então à questão inicial: qual a lógica e a configuração locativa da indústria no "Médio Ave"? Ficou claro que a estrutura produtiva é heterogénea, englobando formas espacialmente muito concentradas — as grandes empresas — que lideram toda uma retaguarda de médias e, sobretudo, pequenas empresas e formas de trabalho ao domicílio espacialmente dispersas. No entanto, toda essa mancha não surge instantaneamente como um processo recente explicado pela desverticalização produtiva viabilizada, sobretudo, pelas relações de subcontratação — estas seriam apenas uma resultante actual do modelo daquilo que se convencionou chamar de Industrialização Rural Difusa. Vistas as coisas com o necessário recuo histórico, os "factores de localização industrial" têm variado profundamente, originando tendências, às vezes complementares e sincrónicas, de concentração e dispersão consoante a reorganização dos processos de trabalho, as tecnologias empregues, os produtos fabricados ou a própria dinâmica local resultante das vicissitudes da inserção mundial na divisão da produção e do trabalho (Massey, 1986):

— a segunda metade do séc. XIX e inícios do séc. XX corresponde ao mesmo tempo à reorganização industrial da produção artesanal e doméstica do linho (espacialmente dispersa) e à substituição desta pelo algodão. A resultante locativa deste processo traduz-se pelo aparecimento da maquinofactura mais ou menos ao longo dos principais cursos de água (rios Ave, Selho e Vizela em Guimarães) correspondendo a necessidades imediatas de água empregues na produção de energia e em algumas fases do processo

de fabrico (branqueamento, lavagens, tinturaria, sobretudo). Apesar disso, esta tendência para a concentração faz-se perfeitamente articulada com as formas de trabalho ao domicílio sem contrariar, por isso, um assentamento produtivo disperso já existente (Domingues e Marques, 1987), concomitantemente com o aparecimento de núcleos populacionais bastante concentrados e com uma matriz "urbana" — o caso estudado de Pevidém. Esta tendência foi às vezes reforçada pelo traçado posterior da rede de caminhos de ferro que então assumiu um papel crucial no transporte de matéria prima e produtos acabados;

— os anos cinquenta e sessenta marcam indiscutivelmente a época de maior tendência para a concentração — época, por excelência, da verticalização dos processos produtivos da indústria têxtil e na consolidação das grandes dinastias industriais. Com tecnologias menos dependentes da água e com uma mobilidade acrescida pela importância cada vez maior do transporte rodoviário, desenvolvem-se os núcleos atrás referidos e investe-se numa reorientação dos alinhamentos industriais do rio para a estrada (o que, na maior parte dos casos, acaba por coincidir dado que os grandes eixos estruturantes do tráfego rodoviário seguem de resto as linhas de água e os fundos de vale — mapa 1.4 e 1.6, 1.7);

— nos anos oitenta, sobretudo, a desverticalização produtiva, a maior dinâmica da confecção da textil, viabilizam uma mobilidade espacial cada vez maior da pequena produção e do trabalho ao domicílio. Uma reorganização dos processos produtivos que privilegia o factor trabalho, mais do que a concentração ou sofisticação do capital fixo (às vezes as duas coisas não são mutuamente exclusivas) coadunam-se perfeitamente com um habitat já de si disperso e favorece ainda mais essa dispersão. O caso limite da desconcentração produtiva — o trabalho ao domicílio — viabiliza perfeitamente a expansão difusa dos aglomerados existentes, os "isolados" no sentido estatístico do termo, INE, 1981), ao mesmo tempo que versatiliza a localização urbana da produção industrial.

A malha actual é, em parte, um somatório de todos estes processos. As linhas de água (antes), e agora (também) a rede viária e (menos) a rede ferroviária viabilizam este modelo territorial, enquanto que emerge a importância de outras redes que canalizam a informação necessária ao funcionamento e sobrevivência deste modelo produtivo.

Como pano de fundo subsiste e desenvolve-se cada vez mais a tendência à dispersão do povoamento originando uma tipologia de movimentos casa-trabalho de curto raio (mapa 1.9), a maioria das vezes realizados a pé ou em transportes públicos colectivos. Entretanto o não desaparecimento da marca agrícola da paisagem é bem demonstrativo da importância, várias vezes referenciada (Reis, 1985), da agricultura como retaguarda dos rendimentos salariais da indústria, materializando uma estrutura social onde a importância das estratégias familiares de compensação do rendimento é indiscutível.

- Francisco António Pereira de Oliveira
- Guedes e Correia
- J. Pereira Fernandes
- João Ribeiro da Cunha
- José Ferreira da Sá
- Joaquim Coelho Lima & Filhos - Ind. Têxtil, Lda.
- Leandro Magalhães de Araújo & Filhos, Lda.
- Lopes e Correia
- Manuel Salgado
- Maria Helena Lopes Ribeiro
- Maria José da Silva Magalhães Varela
- Maria de Lurdes de Castro Ribeiro
- Rogério de Castro
- Salvador Mendes
- Têxteis Têx, Lda.
- Têxteis António Ribeiro da Cunha, S.A.R.L.
- Têxteis Barrosos
- Têxteis Têx

FREGUESIA DE MESÃO FRIO

- Araújo & Machado Lda
- Cunha, Menezes & C^a Lda
- Dalao - Sec. Têxtil de Malhas e Confecção
- Fernando Joaquim Lima Moniz
- João Martins Novais
- Marcelino & Martins Lda.
- M^{te} Adelaide Martins Magalhães
- Pimenta & Araújo Lda.
- Oficial-Estamparia Têxtil, Lda.
- Rocha & Matos Lda.

Inhabitantes no domicílio

- Ana Silva Freitas
- M^{te} Amanda Miranda Freitas
- M^{te} Conceição da Costa Lopes
- M^{te} Conceição Rodrigues Novais
- M^{te} Ana Dora Silva Lopes
- M^{te} de Fátima Sousa Teixeira
- M^{te} de Lurdes da Rocha Miranda
- M^{te} Mariana Gonçalves
- M^{te} da Piedade
- Rosa de Carvalho e Castro
- Rosa de Carvalho Araújo Matos
- Rosa M^{te} Mariana Freitas
- Rosa M^{te} Fátima de Freitas

UNIDADES INQUIRIDAS

FREGUESIA DE S. JORGE DE SELHO

- A. Cosme & C^a Lda.
- Abreu & Farias Lda.
- Albano Manuel de Faria Ribeiro Alves
- António Alberto Pereira de Oliveira
- Anteonio Jorge de Castro e Cunha
- António Torrinha
- Araújo & Mendes Lda.
- Armando de Oliveira Faria
- Augusto Pinto Lisboa
- Coelima - Ind. Texteis SARL
- Confecções Carmiogo
- Confecções Josal, Lda
- Confecções Pevidém
- Confecções Pinheirinho
- Confecções Solinda
- Confecções Soeiro
- Domingues Gonçalo Soares Sampaio
- Empresa Industrial de Pevidém
- Fernandes e Teixeira, Lda.
- Francisco Antunes Ferreira de Oliveira
- Guedes e Correia
- J. Pereira Fernandes
- João Ribeiro da Cunha
- José Ferreira de Sá
- Joaquim Coelho Lima & filhos - Ind. Textil, Lda.
- Leandro Magalhães de Araújo & filhos, Lda
- Lopes e Correia
- Manuel Salgado
- Maria Helena Lopes Ribeiro
- Maria José da Silva Magalhães Varela
- Maria de Lurdes de Castro Ribeiro
- Rogério de Castro
- Salvador Mendes
- Texteis Tarf, Lda.
- Têxteis António Ribeiro da Cunha, SARL
- Têxteis Barroso
- Têxteis Tiana

FREGUESIA DE MESÃO FRIO

Trabalhadoras ao domicílio

- | | |
|---|---|
| - Araújo & Machado Lda | - Ana Silva Freitas |
| - Cunha, Menezes & C ^a Lda | - M ^a Armanda Miranda Freitas |
| - Dalan- Soc. Têxtil de Malhas e Confecção | - M ^a Conceição da Costa Lopes |
| - Fernando Joaquim Lima Monteiro | - M ^a Conceição Rodrigues Novais |
| - João Martins Novais | - M ^a das Dores Silva Lopes |
| - Marcelino & Martins Lda. | - M ^a de Fátima Bastos Teixeira |
| - M ^a Adelaide Martins Magalhães | - M ^a de Lurdes da Rocha Miranda |
| - Pimenta & Araújo Lda. | - M ^a Manuela Gonçalves |
| - Otojal-Estamparia Têxtil, Lda. | - M ^a da Piedade |
| - Rocha & Matos Lda. | - Rosa de Carvalho e Castro |
| | - Rosa da Conceição Araújo Maia |
| | - Rosa M ^a Martins Freitas |
| | - Rosa M ^a Pinto de Freitas |

QUESTIONARIO ÀS UNIDADES INDUSTRIAIS DO SECTOR TEXTIL/VESTUÁRIO

0 -Caracterização geral -

Nome da empresa:

Denominação da actividade:

Local de trabalho:

a) localização (lugar)

b) descrição

-garagem..... ☐

-cave..... ☐

-edificio pré-fabricado..... ☐

-edificio sólido..... ☐

-outro..... ☐

Area edificada(m2):

Ano de construção dos edificios:

No caso de adaptação,quais os usos anteriores:

Estado das Instalações :

Bom ☐

Razoável..... ☐

Deficiente..... ☐

Mau ☐

As instalações são :

O equipamento é:

próprias..... ☐

pertença da família..... ☐

alugadas..... ☐

emprestadas..... ☐

outros..... ☐

1 - Localização:

1.1 Localização actual:

do centro produtor:

dos escritórios:

de outras unidades ind. ou serviços:

1.2 Localização inicial:

em que ano:

em que local:

razões dessa localização:

1.3 Verificaram-se modificações nessa localização:

1.4 Pensa ,a curto prazo ou a longo prazo ,mudar a localização do
seu estabelecimento ? Não ... ☐ Sim ... ☐

Em caso afirmativo ,quais os motivos e qual o local em vista

2 - Forma jurídica da empresa:

- em nome individual..... ☐
- cooperativa..... ☐
- sociedade em nome individual..... ☐
- sociedade por quotas ☐
- sociedade anónima..... ☐
- empresa pública..... ☐
- outras (especificar)..... ☐

3 - Origens do capital:

3.1- Origens do capital inicial

sob a forma de

dinheiro :

poupanças:

- persoais..... ☐
- familiares ☐

empréstimos de

- familiares..... ☐
- particulares..... ☐
- bancários..... ☐
- outros ☐

terrenos:

- compra..... ☐
- herança ou doação..... ☐

instalações:

- persoais..... ☐
- familiares..... ☐
- emprestadas..... ☐
- por quem?

-Outros investimentos:

-Realizou investimentos nos últimos anos?

sim ... ☐ não ... ☐

Em caso afirmativo, em:

equipamentos ☐

instalações... ☐

Que fonte de financiamento foi utilizada

-Os lucros são normalmente investidos em que ramo?

- industrial..... ☐
- agrícola..... ☐
- construção civil..... ☐
- outros..... ☐
- quais?

4- Caracterização do empresário:

- idade: sexo:
- naturalidade:
- local de residência:
- reside no mesmo local em que trabalha:
- habilitações literárias:

- formação profissional:
- gostaria de frequentar um curso de formação de empresários:
- em que ano montou esta empresa e em que ano começou aí a trabalhar:

-Tem outras fontes de rendimento para lá da sua pequena empresa?
sim..... ☐ não..... ☐

Em caso afirmativo:

- é operário numa empresa..... ☐
- é accionista de outra empresa..... ☐
- tem uma exploração agrícola..... ☐

-quantas horas dedica por semana nessa actividade:
-quantas horas dedica por semana na própria empresa:

- outros accionistas da sua empresa:

- quantos são:
- quantos trabalham na empresa:
- quais as suas actividades na empresa:
- quais as suas actividades fora da empresa:

-Na família há outros elementos empresários de outras empresas?
Especifique.

5 - Pessoal ao serviço:

Total:

-Por sexos: H: M:

-Horas de Trabalho:

-Horas extraordinárias:

-Habilitações literárias:

-Habilitações profissionais:

- Pessoal por categorias:

-Salários por categorias:

-Quais são as regalias sociais dos trabalhadores?

-Quais os locais de residência da maioria dos trabalhadores?

-Quais os meios de transporte que utilizam e o tempo de percurso? (por ordem de importância)

-A empresa contribui nos custos de transporte?

- Os trabalhadores residem sobretudo em:

- residência própria..... ☐
- residência fornecida pela empresa..... ☐
- residência alugada pela empresa..... ☐
- residência alugada por outrém..... ☐

- Os trabalhadores têm frequentado cursos de formação profissional?

não ☐ sim..... ☐ Quais e porquê?

- Verificaram-se nos últimos anos modificações :

- volume de emprego..... ☐
- estrutura do emprego..... ☐
 - sexo ☐
 - idades ☐
 - qualificações ☐
 - outros ☐

justifique:

-Quantos assalariados tem :

	H	M
-a prazo	_____	_____
-efectivos	_____	_____
-sem contrato	_____	_____

-Qual é a organização do trabalho?

- 1) horários fixos de trabalho ☐ |_____|
- trabalho em part-time ☐ |_____|
- 2) trabalho nas instalações da empresa ☐ |_____|
- trabalho ao domicílio ☐ |_____|
- 3) recorre ao trabalho de familiares ☐ |_____|

(não remunerado)

Considera -houve modificações na organização do trabalho nos últimos anos?Especifique.

- Tem contratado pessoal nos últimos anos? Quais os critérios de admissão?

6- Costuma produzir para:

- o mercado local:
- o mercado nacional:
- o mercado externo:
- para satisfazer encomendas:
- para constituir stocks:

7 - A produção é regular ao longo do ano? Em caso negativo, quais os períodos de maior procura?

8 - De que forma angaria normalmente os seus clientes?

9 - Como é que classifica os seus clientes?

- artesão..... ☐
- pequena empresa..... ☐
- média empresa..... ☐
- grande empresa..... ☐
- feirantes..... ☐
- comércio a retalho..... ☐
- comércio por grosso..... ☐
- agências comerciais..... ☐
- outros intermediários..... ☐ especifique:

10 - Esta empresa mantém relações económicas com outras empresas?

Nome da empresa	Localização	Tipo de relação	Natureza relação	Desde quando
-----------------	-------------	-----------------	------------------	--------------

11- - Quem é que estabelece os preços de venda e/ou de produção ?

- Considera-os

- correctos..... ☐
- altos..... ☐
- baixos..... ☐

12- Estão projectadas mudanças de actividade? Quais e porquê?

13 -Que tipo de equipamento(máquinas, ferramentas,...) tem ao seu serviço? Em que estado de conservação se encontra e onde foi adquirido?

14 -As reparações são realizadas:

- por pessoal da empresa ☐
- por especialistas externos (não fabricantes).. ☐
especifique:
- por fabricantes..... ☐
especifique:

15 - Esta empresa possui alguns destes serviços ou recorre ao exterior :

	Sim	Não	Aonde?
- concepção de produtos	☐	☐	
-inovação de processos de fabrico	☐	☐	
-manutenção e reparação de equipamento	☐	☐	
-prospecção de mercados	☐	☐	
-publicidade	☐	☐	
-contabilidade	☐	☐	
-comercialização	☐	☐	
-transporte de mercadorias	☐	☐	
-	☐	☐	

16 - Normalmente consegue distinguir o dinheiro necessário ao funcionamento da empresa e o dinheiro necessário à sobrevivência familiar?

17 - Como é que se mantém informado sobre o mercado, a moda, os preços, as inovações,....?

18 - - Como caracteriza a situação financeira da empresa?

- Segundo a sua opinião, a actividade económica da sua empresa processou-se no ano anterior :

- de forma crescente ☐
- decrecente..... ☐
- estável..... ☐

Porquê?

-Apresenta a empresa uma situação financeira que lhe permita o pagamento:

- dos salários aos trabalhadores..... ☐
 - dos subsídios de Natal e Férias..... ☐
 - das contribuições para a Caixa de Previdência..... ☐
 - dos impostos..... ☐
 - dos juros e dívidas contraídas ☐
 - outros..... ☐
- quais?

- Em momentos de dificuldades financeiras quais são os primeiros pagamentos que é obrigada a suspender?

- Quais são,segundo a sua opinião,as perspectivas económicas para os próximos anos?

- boas perspectivas..... ☐
- processo estável..... ☐
- com dificuldades..... ☐

19 -No sector Têxtil/Confecção existem muitas empresas que:

- não pagam salários..... ☐
- pagam abaixo da tabela salarial..... ☐
- pagam mais que a tabela salarial..... ☐
- não inscrevem os trabalhadores na Seg. Social.. ☐
- não pagam à Seg. Social..... ☐
- situação regularizada com a Seg. Social..... ☐

20 - Quais os problemas principais que lhe parecem travar o funcionamento e o desenvolvimento do sector:

- dificuldade em arranjar equipamento e/ou outros materiais
- custos do equipamento e/ou outros materiais
- dificuldade em arranjar as matérias primas necessárias
- custos das matérias primas
- dificuldades nas vendas
- instabilidade do volume de vendas
- carência de fundos financeiros

- custos excessivos da mão de obra
- carência de mão de obra qualificada
- ausência de formação profissional
- ausência de instrução básica
- concorrência
- concorrência do sector moderno
- dificuldade de obtenção de terrenos
- inexistência de uma base de serviços de apoio ao sector
- deficiente rede de vias de comunicação
- insegurança da empresa face à legislação laboral
- insegurança da empresa face à pressão fiscal
- fuga de capitais
- má gestão
- pouco investimento
- instabilidade política
- alterações constantes nos critérios de financiamento
-

21 - Gostaria que os bancos ou outras associações estatais prestassem um auxílio financeiro superior ao actual?

- Em que domínios?
- Já alguma vez tentou receber um empréstimo bancário?
Se sim, conseguiu-o?
- Se nunca tentou, porque motivo não o fez?

22 - Qual a sua opinião sobre as Feiras Internacionais,Portex,.....?

23 -Qual a sua opinião sobre a Associação Industrial e Comercial de Guimarães?

24 - Segundo a sua opinião, quais são os reflexos no sector Têxtil/Vestuário da entrada de Portugal na C.E.E.

BIBLIOGRAFIA

- AGLIEITTA, M e BRENDER, A (1984) — *Les Métamorphoses de la société salariale*, Paris, Calman-Lévy.
- BAGNASCO, A. (1977) — *Tre Italie. La problematica territoriale dello sbulluppo Italiano*, Bologna, Il Mulino.
- (1980) — «Perchè diventa importante l'analisi sociale territoriale», *Inchiesta*, nº 46-47.
- BARTHELEMY, P. (1982) — «Travail au noir et économie souterraine: un état de la recherche», *Travail et emploi*, nº 12, Avril-Juin.
- BERNABÉ MAESTRE, J. M. (1981) — «Economía Sumergida en la Industria del Calzado», comunicação apresentada no Simpósio Internacional sobre Economia Oculta, Madrid (policopiado).
- BASTOS, Carlos (1950) — *O comércio e a indústria Têxtil em Portugal*, Porto, ed. do Grémio Nacional dos Importadores de algodão em rama.
- BOCA, D., TURVANI, M. (1979) — *Famiglia e mercato del lavoro*, Bolonha, Il Mulino.
- BOYER, Robert (1986) — *Capitalismes fin de siècle*, Paris, P.U.F.
- BRAGA, Alberto V. (1980) — «Curiosidades de Guimarães», *Revista de Guimarães*, Vol. I, Separatas I a V.
- BUGARINI, F (1983) — «Il lavoro irregolare e l'attività per l'autoconsumo», Paci, M. (org.) *Famiglia e mercato del lavoro in un economia periferica*, Franco Angeli, Milão, pp. 180-200.
- CABRAL, Manuel Villaverde (1983) — «A economia subterrânea vem ao de cima: estratégias rurais perante a industrialização e a urbanização», *Análise Social*, nº 76, pp. 199-234.
- CAPPECCHI, V. (1982) — «L'economia sommersa in Itália» apresentada ao colóquio *Descentralizations de le production, economia informal y territorio en la crisis economica*, Madrid, Guigno-Luglio.
- CARDOSO, Abílio (1985) — *Metodologia e Caracterização da situação da Habitação num concelho - Guimarães*, Porto (policopiado).
- CARDOSO, A e TAVEIRA, A (1985) — *Posição da Câmara Municipal de Guimarães sobre o seu papel no processo de desenvolvimento industrial do concelho*, Guimarães, C.M.G., (policopiado).
- CARVALHO, Henrique e PRATA, Carlos (1986) — «Plano Geral de Urbanização de Vizela», *Sociedade e Território*, Ano 2, Maio nº4.
- CELADA CRESPO, F., LOPEZ, F. e PARRA, T. (1985) — *Efectos espaciales de los procesos de reorganizacion de los procesos de reorganización del sistema productivo en Madrid*, Madrid, Diputacion Provincial de Madrid.

- CENTRE D'ÉTUDES DE L'EMPLOI (1977) — «Le fonctionnement d'un marché du travail local», Paris (policopiado).
- COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO NORTE, (1973) — *A situação Profissional e Familiar das operárias do Concelho de Guimarães*, Porto, C.C.R.N..
- COOKE, Philip (1983) — «Labour Market Discontinuity and Spatial Development», *Progress in Human Geography*, 7 (4) pp. 543-565.
- COURLET, Claude (1985) — «La Mobilisation de la Force de Travail dans les Pays Semi-Industrialisés», comunicação apresentada em "Rencontre: Salarisation dans les Pays Semi-Industrialisés: Mythe ou Realites?", Grenoble (policopiado).
- COURLET, Claude e LAGANIER, Jean (1984) — «Problemas de desenvolvimento na Europa: o caso dos centros atrasados da Europa do Sul», *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 1, pp.55-86.
- DE GRAZIA, Raffaele (1980) — «Le travail noir: un problème d'actualité», *Revue Internationale du Travail*, vol. 119, nº 5, Septembre-Octobre, pp. 595-610.
- DOMINGUES, Alvaro (1986) — *Economia e Espaço Rural*, Cadernos do Noroeste, Braga, Universidade do Minho, pp.39-65.
- DOMINGUES, Alvaro e MARQUES, Teresa (1986) — *Estudos Demográficos para o Plano Director Municipal de Guimarães*, Guimarães, C.M.G. (policopiado).
- (1987) — «Produção Industrial, Reprodução Social e Território — materiais para uma tentativa de abordagem do Médio Ave», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, pp. 125-142.
- FEIGE, J. (1979) — «How big is the irregular economy?», *Challenge*, November-December.
- FERRÃO, João (1982) — «Variação Regional das Taxas de Lucro da Indústria Transformadora em Portugal (1971)». *Finisterra*, XVII (33), pp. 111-152.
- (1982) — «Evolução e estrutura regional das classes sociais em Portugal (1960-1970)», *Finisterra*, nº 34, pp.223-265.
- (1983) — «Alguns aspectos Regionais da evolução recente da Indústria Transformadora em Portugal» em Associação Portuguesa de Economistas, *Perspectivas do Desenvolvimento Industrial Português*, A.P.E.C., Lisboa.
- (1985) — «Recomposição social e estruturas regionais de classes 1970/81», *Análise Social*, nºs 87-88-89, pp.565-603.
- (1986) — *Indústria e Valorização do Capital — uma análise geográfica*, Lisboa, C.E.G..
- (1987) — «A indústria em Portugal: Estruturas Produtivas e Sociais em contextos Regionalmente diversificados». (policopiado)

- (1987) — «Indústria e Território: breve história de uma união feliz», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, Abril, pp. 55-68.
- FERRÃO, J. e JESSEN-BUTLER, C. (1984-a) — «The Centre-Periphery Model and Industrial Development in Portugal», *Environment and Planning D: Society and Space*, 2, pp. 375-402.
- FUÀ, G. (1983) — «L'industrializzazione del Nord Est e nel Centro», *Industrializzazione senza Fratture*, Bologna, il Mulino, pp.7-46
- GAMBIER, Dominique e VERNIERES, Michel, (1982) — *Le marché du travail*, Paris, Economica.
- GARCIA, João (1986) — «os Têxteis em Portugal no século XV e XVI», *Finisterra*, vol.XXI, nº42, pp.327-344.
- GARCIA DE BLAS, Antonio e RUEGA BENITO, Santos (1982) — «La Economía irregular en el mercado de trabajo (algunas líneas de investigación)», *Informacion Comercial Espanola*, nº 587, Madrid, pp. 91-102.
- GAROFOLI, G. (1978) — «Descentramento Produtivo, Mercato del Lavoro e Localizzazione Industriale» em GAROFOLI, G. (org.) *Ristrutturazione Industriale e Territorio*, Milão, Franco Angeli, pp. 21-64.
- (1983) — «Il sistemi Produttivi Locali: tipologie e meccanismo di Funzionamento», GAROFOLI, G. (org.), *Industrializzazione diffusa in Lombardia — sviluppo territoriale e sistema produttivi locali*, Milão, Franco Angeli, pp. 21-147.
- GERALDES, Manuel M. Nunes, (1913) — *Monografia sobre a Indústria do Linho no Distrito de Braga*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- GERME, J. F. (1981) — «Instabilité, précarité et transformations de l'emploi», in *Critique de l'Economie Politique*, nº 15-16, nouvelle série, pp. 53-91.
- GOMEZ PEREZAGUA, Rafael (1982) — «Estrutura empresarial y economia oculta», *Informacion Comercial Espanola*, nº 587, pp. 109-117.
- GRANADOS, V. (1982) — «Industrializacion difusa y economia sumergida en Andalucia: los casos de Puente Genil (Cordoba) e Valle des Guadalhorce y Torox» (Comunicação apresentada à I Reunião Sobre Industrialização Difusa em Espanha), Madrid. (policopiado).
- GRANDO, Jean-Marc (1983) — «Industrie et Gestion de la Main-d'œuvre», in *Formation et Emploi*, nº 1, Janvier-Mars, pp. 19-36.
- HOLMES, John (1986) — «The Organization and Location Structure of Production Subcontracting», in Scott, A. e Storper, M. (org.), *Production, Work, Territory, The Geographical Anatomy of Industrial Capitalism*, Allen & Unwin, Boston, pp.80-106.
- INGERSSON, Alice (1984) — *Corporatism and Class Consciousness in Northwestern Portugal*, Baltimore, John Hopkins University (cópia cedida pela autora).

- A
- LAFUENTE FELEZ, Alberto (1982) — «Consideracions en torno al comportamiento de la empresa en la economia oculta», *Informacion Comercial Espanola*, nº 587, pp. 103-107.
- LEWIS, J. R. e WILLIAMS, A. M. (1984) — «The formation and role of small and medium size industrial enterprises in the Região Centro, Portugal», comunicação apresentada no 24th. European Congress of Regional Science Association at Milan, 28-31 August., 1984.
- (1987) — «Productive Decentralization or Indigenous Growth? Small Manufacturing Enterprises and Regional Development in Central Portugal», *Regional Studies*, Vol. 21.4, pp. 343-361.
- LOBO, Isabel S. — (1983) — «Economia Subterrânea: conceitos, métodos e perspectivas», *Planeamento*, Lisboa, 5 (2), pp. 79-109.
- (1984) — «Estrutura social e produtiva e propensão à subterraneidade no Portugal de hoje», *Análise Social*, Lisboa (a publicar).
- (1984) — «Economia não contabilizada: que perspectivas?», *Sociedade e Território*, Ano 1, nº 1, pp. 11-17.
- MAGALHÃES, M. Allegro (1984) — *Estudos sobre o Vale do Ave — A Pluriactividade no Vale do Ave*, Porto, C.C.R.N..
- MARQUES, M^{te} Manuel L. (1987) — «A empresa, o espaço e o direito», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, pp. 69-82.
- MARQUES, Teresa S. (1985) — *Caracterização da situação da habitação no Concelho de Guimarães*, Porto, (policopiado).
- MASSEY, Doreen (1984) — *Spatial Divisions of Labour, social structures and the geography of productions*, Londres, Macmillan Publishers Ltd.
- (1985) — *New Directions in Space*, in Gregory and Urry (editors), *Social Relations and Spatial Structures*, London, Macmillan, pp. 9-19.
- MICHON, F. (1986) — *Fléxibilité et Segmentation*, Seminaire de Economie du Travail, Paris, Université de Paris, C.N.R.S. (policopiado).
- MIGUÉLEZ LOBO, F. (1982) — «Economia Sumergida y Transformaciones Socio-laborales», *Boletin estudios económicos*, vol. XXXVII, nº 117, pp. 439-460.
- MINGIONE, Enzo (1978) — «Capitalist Crisis, Neo-Dualism, and Marginalization», *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 2, nº 2, pp. 213-221.
- (1983) — «Informalization, restructuring and the survival strategies of the working class», in *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 7, nº 3, pp. 311-339.
- MINGIONE, E. e PUGLIESE, E. (1986) — «The 'uncertain borders' of 'urban' and 'rural': their evidence and initial discussion of the

- theoretical implication», Braga (paper policopiado apresentado no Congresso Europeu de Sociologia Rural).
- MOLTO CALVO, M. A. (1982) — «Incidencias de la Economia Oculta en la Política Económica». Comunicação apresentada na I Reunião sobre Industrialização Difusa em Espanha, Madrid.
- NUNES, J. Arriscado (1985) — *Is there one household formation in Northwestern Portugal?*, Oeiras, I.G.C., (cópia cedida pelo autor).
- O.C.D.E. (1981) — «L'état protecteur en crise», Rapport de la Conférence sur les politiques sociales dans les années 80, O.C.D.E., Paris, 20-33, Octobre 1980.
- (1982) — «L'économie souterraine et les comptes nationaux», *Perspectives économiques de l'O.C.D.E., Études spéciales*, Juin.
- (1984) — «L'industrie au Portugal: developpement, restructuration, politique industrielles», Paris, O.C.D.E..
- OLIVEIRA, M. Manuel (1986) — *Sobre uma Experiencia de Planeamento e gestão Urbanística em Território de Assentamento Disperso*, Porto, E.S.B.A.P., (cópia cedida pela autor).
- PACI, Massimo (1983) — «Introduzione: Struttura e funzioni della famiglia nello sviluppo industriale "periferico"» em Paci, M. (org.), *Famiglia e Mercato del Lavoro in un Economia Periferica*, Milano, Franco Angeli.
- PALACIO, J. I. e VIANA REMIS, E. (1983) — «La Economia Subterranea: Nueva Problematica en la crisis» in *Pensamiento Iberoamericano*, nº 3, Enero-Juno.
- PIORE, M. J. e BERGER, S. (1980) — *Dualism and Discontinuity in Industrial Societies*, Cambridge, Cambridge University Press.
- PIRES, A. da Rosa (1983) — «Rural Diffuse Industrialization in Portugal: the case study of the "Concelhos" of Agueda and Feira». Tese de Mestrado ao Department of Town Planning, Vwist Cardiff (policopiado).
- (1985) — «A Pluriactividade e as Políticas Integradas de Desenvolvimento Regional», comunicação apresentada no "Seminário Internacional sobre o Financiamento do Desenvolvimento Regional e Local — Mobilização e Afectação de Recursos no desenvolvimento Regional", Coimbra.
- PIRES, I. M. M. (1985) — *Contribuição para a Análise da Industria Têxtil de Lanifícios, Um caso concreto de Especialização Produtiva*, Tese de mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- PORTAS, Nuno (1986) — *Modelo Territorial e Intervenção no Médio Ave*, Sociedade e Território, nº 5, Porto, Afrontamento, pp.8-13.
- PORTAS, Nuno e SA, Manuel F., (1986) — *A Diffused Redistribution - a case study in the Médio Ave region*, International Conference of Planning Theory in Practice, Milão (cópia cedida pelos autores).

X

REIS, José (1984) — «A pequena agricultura e o desenvolvimento económico: modos de inserção da agricultura na economia portuguesa», APEC (coord.) II Conferência Nacional dos Economistas, Lisbonne, décembre 1984.

— (1985) — «Modos de Industrialização, Força de Trabalho e Pequena Agricultura», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 15/16/17, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, pp.225-260.

— (1987) — «Os Espaços da Industrialização», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, Abril, p. 13-31.

RENDEIRO, João (1984) — A Indústria Têxtil em Portugal: Novas Estratégias ou declínio inevitável?, Conferência Sobre Problemas da Economia Portuguesa no I Centenário do Banco Borges & Irmão.

RODRIGUES, Eduardo Ferro, RIBEIRO, José Félix e FERNANDES, Lino (1977) — *O sector exportador português e a internacionalização da produção*, Lisbonne, GEBEL.

RODRIGUES, Maria João (1985) — «Trabalho oculto e processos de submersão», FIGUEIREDO, António (organ.), *A economia subterrânea e a política económica e social em Portugal - contribuição para um debate necessário*, Lisbonne, Instituto Damião de Góis.

— (1985) — «O mercado de trabalho nos anos 70: das tensões aos metabolismos», *Análise social*, nºs 87-88-89, pp.679-733.

— (1986) — *Pour une alternative au approche du marché de travail: le Systeme d'emploi — essai de conceptualization et d'application au cas Portugais après 1974*. Univ. Paris 1 (policopiado).

ROMÃO, António (1983) — *Portugal Face à C.E.E.*, Lisboa, Livros Horizonte.

SA', Manuel F. (1986) — *O Médio Ave*, Porto, E.S.B.A.P. (cópia cedida pelo autor).

SAÉZ FERNANDEZ, F. (1981) — «El mercado de Trabajo irregular y la Política Laboral», comunicação apresentada no "Simpósio Internacional sobre Economia Oculta, Dezembro (policopiado).

SAMPAIO, Alberto — (1884) — *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*, Porto.

— (1923) — *Estudos Históricos e Economicos*, Porto, Livraria Chardron.

SANCHEZ LOPEZ, A. J. (1982) — «Industrialización Difusa en la Provincia de Cordoba — factores explicativos», comunicação apresentada na I Reunião sobre Industrialização Difusa em Espanha, Madrid (policopiado).

SANCHIS GOMEZ, E. (1982) — «Economia subterranea y descentralización productiva en la industria manufacturera» in *Buletin de Estudios Económicos*, vol. XXXVII, Dez, nº 117.

- SANTOS, Boaventura S. (1985) — «Estado e Sociedade na Semiperiferia Sistema Mundial: o caso Português, *Análise Social*, nº 87/88/89, Lisboa, I.C.S., pp.869-902.
- SCOTT, A. J. e STORPER, M. (1986) — «Industrial Change and Territorial Organization: a Summing Up», in Scott,A. e Storper,M. (org.), *Production, Work, Territory, The Geographical Anatomy of Industrial Capitalism*, Allen & Unwin, Boston, pp. 301-311.
- SILVA, Mário Rui (1986) — «A Relação Salarial nas Indústrias Têxteis e do Vestuário», *Cadernos de Ciências Sociais*, Abril nº4, pp.119-138.
- STORPER, M. e SCOTT, A. J. (1986) — «Production, Work, Territory: Contemporary Realities and Theoretical Tasks», in Scott,A. e Storper,M. (org.), *Production, Work, Territory, The Geographical Anatomy of Industrial Capitalism*, Allen & Unwin, Boston, pp. 3-15.
- STORPER, M. e WALKER, R. (1983) — «The theory of labour and the theory of location», in *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 7, nº 1, pp. 1-43.
- TAVEIRA, Elisa (1984) — «Perspectivas de evolução da indústria Têxtil em Portugal e consequências a nível de emprego», notas de suporte à participação nas jornadas de Planeamento Municipal — Perspectivas de Desenvolvimento do Concelho de Guimarães, (policopiado).
- TAYLOR, Michael (1985) — «Industrial geography», in *Progress in Human Geography*, vol. 93, pp. 432-442.
- VASQUEZ-BARQUERO, A. (1982) — «Industrializaccion Espontanea en areas rurales». Comunicação apresentada na I Reunião Difusa em Espanha, Madrid, pp. 81-89.
- (1985) — «L'Industrie Espagnole et la Crise. Une réévaluation du territoire», *Bulletin de la Société Languedocienne de Géographie*, Tome 19, fascículo 1-2-Montpellier, pp.43-68.
- WERNER INTERNATIONAL ASSOCIATES (1986) — *The possible consequences of the EEC enlargement on the European Cotton Industry*, Bruxelas, Werner Associates inc.
- YBARRA, J. A. (1982) — «La Reestructuracion espontanea de la industria del calzado Espanol: Aspectos laborales y territoriales», *Buletin de estudios económicos*, vol. XXXVII, nº 117, pp. 461-482.